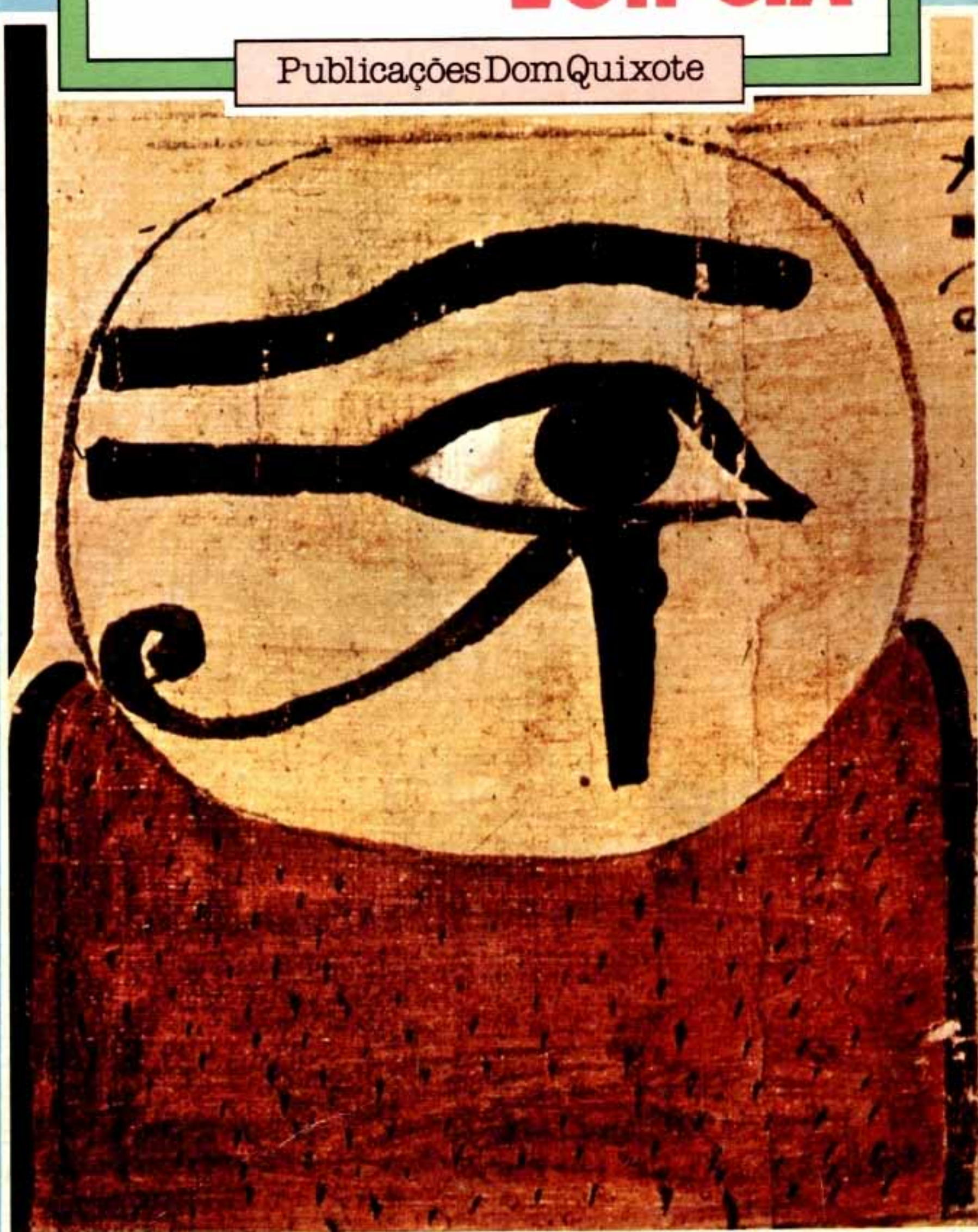


**Conhecer
Melhor**

François Suzzarini

A ASTROLOGIA EGÍPCIA

Publicações Dom Quixote







A ASTROLOGIA EGÍPCIA

Conhecer Melhor

Uma coleção sem fronteiras temáticas...

Títulos publicados:

1. A ÍNDIA G. N. S.
Raghavan
2. O J A Z Z
Morley Jones
3. JOGOS E PROGRAMAS EM BASIC
João Carlos Azinhais
4. AS IDÉIAS CONTEMPORÂNEAS
Jean-Marie Domenach
5. CONTRACEPÇÃO, GRAVIDEZ E ABORTO P.
Bello, C. Dolto e A. Schiffmann
6. O BASIC A.
Checroun
7. A ARTE DE PERDER TEMPO
João Esteves da Silva
8. COMO DEIXAR DE FUMAR
Jean-Luc Roger
9. OS PROBLEMAS SEXUAIS
G. Zwang e H. Dermange
10. A ASTROLOGIA EGÍPCIA
François Suzzarini

Próximos títulos:

A MÚSICA CLÁSSICA
Alan Rich

A DIABETES
M. J. Chicouri

FRANÇOIS SUZZARINI

A ASTROLOGIA EGÍPCIA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1984

FICHA:

Título: *A Astrologia Egípcia.*

Autor: *François Suzzari.*

Coleção: *Conhecer Melhor*, nº10.

© /983, *Les Nouvelles Éditions Marabout.*

Título original: *Le Guide Marabout de L'Astrologie Égyptienne.*

Tradução: *Fernando Brites da Fonseca,*
a partir da edição original publicada por Les Nouvelles Éditions Marabout, Bruxelas.

Capa: *Fernando Felgueiras.*

1ª edição: *Outubro de 1984.*

Edição nº: *10 CM 908.*

Deposito legal nº: *61/6/84.*

Todos os direitos reservados por:
Publicações Dom Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 119, Lisboa.

Fotocomposição, montagem e fotolitos: *Textype — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Gráfica Barbosa & Santos. Lda., em Outubro de 1984.*

Distribuição: *Diglivro, Rua das Chagas, 2, Lisboa, e*
Movilivro, Rua do Bonfim, 98, r/c, Porto.

ÍNDICE

CAPA - CONTRACAPA

I	O HOMEM NO COSMOS	9
II	OS RITMOS DA VIDA.....	21
III	PORQUÊ SEGUIR A ASTROLOGIA EGÍPCIA?	31
IV	COMO DETERMINAR O SEU SIGNO ASCENDENTE?	45
V	QUE SÃO OS DECANOS EGÍPCIOS?	57
VI	OS PLANETAS E O SEU SIGNIFICADO	71
VII	OS SIGNOS DO ZODÍACO E AS SUAS CARACTERÍSTICAS	89
VIII	QUEM ERA THOT?	109
IX	CÓDIGO GENÉTICO E INFLUÊNCIAS ASTRAIS	119
X	O ESQUEMA ASTRAL DE TOTH	135
XI	COMO TRAÇAR O ESQUEMA ASTRAL DE TOTH?	159
XII	COMO PREVER O FUTURO A PARTIR DO ESQUEMA ASTRAL DE TOTH?	177

CAPÍTULO I

O HOMEM NO COSMOS

NO TEMPO DAS PIRÂMIDES

O Egito foi o berço das invenções tecnológicas, da astronomia, das matemáticas e da física? Tudo parece provar o contrário. O Egito foi uma zona de passagem e de trocas. Mas os Egípcios —, pelo menos os sacerdotes — astrônomos desse tempo — souberam explorar e tirar proveito das idéias e das ciências vindas do exterior, para fazer progredir o seu país. As inúmeras guerras em que se envolveram todos os povos que se fixaram no delta do Nilo contribuíram para essas trocas frutuosas. Numerosos sacerdotes egípcios tornaram-se conselheiros de imperadores estrangeiros contribuindo assim para a expansão das idéias e para o aperfeiçoamento das tecnologias da época. Esta amálgama de influências, esta lenta evolução social e espiritual, fazem ressurgir aqui e além, no nosso globo, reminiscências curiosas e perturbantes cujas origens se perdem no passado longínquo dessas regiões.

Uma imensa amálgama de influências

Encontramos no baixo-relevo egípcio de Medinet-Habu (o templo funerário de Ramsés III), que comemora a vitória da frota do faraó Ramsés III sobre o povo Shardane (Povo do Mar), a representação dos guerreiros shardanes em traje de combate da época: os atavios com as espaldeiras para proteger as clavículas e as omoplatas, o elmo com guarda-nuca e, por vezes, com cornos de bovídeo fixados no topo.

Curiosamente, a estátua-menir Filitosa VI erigida no sudoeste da Córsega, na muralha granítica de Filitosa, ostenta os mesmos atavios de combate dos guerreiros shardanes. E não foram os shardanes que,

entre os séculos XIV e XVI antes da nossa era, erigiram estas estátuas, mas sim os obreiros dos túmulos megalíticos, habitantes da ilha, que representaram assim os guerreiros shardanes que eles haviam morto em combate. Essas estátuas são de granito, esculpidas com ferramentas de quartzo.

Vemos pois, através destas diferentes representações, que as trocas foram frutuosas, cobrindo regiões afastadas e com resultados tão inesperados.

Poderemos acreditar que guerreiros egípcios, invasores bem intencionados, se tenham fixado em Stonehenge, na planície de Salisbury, em Inglaterra e que, sob a sua direção, as populações indígenas menos evoluídas tenham edificado Stonehenge?

Alguns objetos preciosos, encontrados no próprio local, tais como pérolas de faiança e discos de âmbar combinados com ouro, podem-no sugerir. Aliás, encontra-se na edificação dos pórticos de Stonehenge e nas portas ciclópicas de Micenas a mesma técnica de montagem por espigão e entalhe.

Para alguns, Stonehenge é um templo de astronomia. Têm sido ventiladas numerosas hipóteses, sedutoras ou bizarras, todavia a discussão permanece em aberto.

A sua construção começou cerca de 2700 ou 2800 a. C. Os alinhamentos das pedras parecem indicar o solstício de Verão, quer dizer, a altura do ano em que o Sol se eleva o máximo ao norte do Equador antes de começar o seu declínio sazonal para o sul. No lado oposto, esta mesma linha de mira podia servir para assinalar o solstício de Inverno. Junto da entrada do monumento, quarenta furos de postes, dispostos em seis filas, coincidem com a posição mais setentrional que a Lua atinge em cada 18,61 anos. Essas seis filas representam pois seis ciclos lunares. Mais de um século de observações!

Os povos mediterrânicos parecem ter sido espantosos descobridores. Cabeças esculpidas com traços negróides, provenientes de Vera Cruz, testemunham a presença na América pré-colombiana de negros vindos de África. Ora, nós sabemos que as tripulações dos navios fenícios e egípcios incluíam homens de raça negra.

Outros pormenores são também intrigantes: os Índios da América, muito antes da época dos Astecas e dos Incas, já manufaturavam vestimentas a partir de uma variedade de grãos híbridos de algodão, única no mundo, que parecia ser o produto do cruzamento do grão do algodão egípcio com uma espécie selvagem americana imprópria para fiação.

Que dizer das recentes descobertas arqueológicas que demonstram que os Olmecas e os Maias utilizavam uma escrita hieroglífica, tendo

um calendário e sabendo prever o movimento dos planetas como os Egípcios? Além disso, construíram pirâmides truncadas análogas aos zigurates da Mesopotâmia e, coisa curiosa, as suas esculturas e baixos-relevos representam sacerdotes de pronunciado tipo semita, de barbas fartas e de barretes cônicos, assim como os sapatos de biqueira curvada para cima.

Poderemos aceitar que cerca de 610 a. C., quando o faraó do Egito, Nechao II, encarregou a sua frota de realizar a circum-navegação de África, esta, depois de ter atravessado o Atlântico, rumou em direção à América do Sul? Estes navegadores teriam então descoberto o Brasil em 531 a. C.!

Na realidade, sabemos pouca coisa sobre este périplo ordenado por Nechao II: tendo largado do Mar Vermelho graças à reanimação do canal do Nilo, estes marinheiros regressaram três anos mais tarde pelo Mediterrâneo depois de terem passado as colunas de Hércules. A verdade obriga a dizer que apesar de observarmos frequentemente barcos nos baixos-relevos egípcios, estes não eram navegadores ousados e encarregavam, muitas vezes, outros povos de fazer comercio em seu lugar. No exemplo apontado atrás foram os Fenícios que realizaram a viagem em tomo de África sob a ordem de Nechao II. A influência egípcia é, no entanto, a mesma através das tripulações incluindo homens de várias origens.

A propósito desta viagem, Heródoto relata o seguinte pormenor interessante e tão surpreendente para a sua época que acrescenta que a ele próprio lhe custava a acreditar: «Quando eles [os marinheiros fenícios ao serviço do faraó] dobraram a ponta de África, viram o Sol ao norte e à sua direita.» Este pormenor é prova concludente que eles tinham passado o Equador!

Saltemos agilmente alguns séculos e debrucemo-nos sobre as tribos Dogon ao sul do deserto do Sara. Alguns cientistas que estudaram estas tribos durante o período de 1946 a 1950 ficaram espantados com os seus conhecimentos de astronomia. Os sacerdotes Dogon demonstraram-lhes que tinham herdado de tempos antigos um espantoso conhecimento do Universo. Conheciam a estrela Sírio A e a sua irmã Sírio B que gravita em seu redor. Se Sírio A é a estrela mais brilhante do céu, pelo contrário, Sírio B, uma «anã branca», é invisível a olho nu. Os Dogon falavam dela em 1948 e esta estrela só foi fotografada pela primeira vez em 1970! Os Dogon sabiam tudo sobre a Sírio B: a sua enorme densidade em relação ao seu tamanho (nesta estrela, um metro cúbico pesa aproximadamente 20 000 t), a sua cor branca, a sua translação eclíptica de cinquenta anos em tomo da Sírio A..

Numa cidade como Lyon por exemplo, quantos habitantes saberiam hoje isso?

Eles conheciam, igualmente, as quatro luas principais de Júpiter e sabiam perfeitamente que os planetas giram em tomo do Sol e que a Terra é esférica e roda em tomo do seu eixo. Tinham igualmente conhecimento do anel de Saturno. Explicaram aos cientistas estupefatos que a Via Láctea tinha a forma espiralóide. Os astrônomos só muito recentemente chegaram a essa conclusão!

De onde lhes vinham todos esses conhecimentos? Dos freqüentes contactos que os seus ancestrais da Antiguidade tinham podido estabelecer com a Mesopotâmia, com o Egito e a Grécia.

O que hoje constitui uma certeza, é que as tribos dos Dogon, como os Pigmeus do Ituri que conheciam Saturno e os seus «nove» satélites (o décimo foi descoberto em 1966), como os Maoris da Nova Zelândia que conheciam igualmente Saturno e Júpiter, todos estes povos oriundos de horizontes muito diferentes, eram conhecidos pelos Egípcios da Antiguidade. A influência exercida pelo antigo Egito em todo o continente africano e bem para além deste, é muito maior do que se crê geralmente. Os exemplos perturbantes não faltam! Os Egípcios mantinham Pigmeus na Corte dos seus reis como dançarinos e bobos. Encontrou-se uma estátua do deus Osíris muito a sul da floresta do Ituri, o que demonstra a irradiação da influência egípcia nessas épocas. Os Maoris da Nova Zelândia veneram o deus Sol chamado «Mā», réplica fiel do deus solar egípcio «Rã».

Não é insensato pensar que o antigo Egito foi o cadinho onde todas as ciências e religiões se confrontaram e foram utilizadas de modo a melhor satisfazerem os interesses dos dirigentes egípcios, contendo as verdades sobre a natureza do universo que espalharam e por sua vez foram recolhidas pelas escolas pitagóricas e platônicas para constituírem a base do pensamento filosófico do mundo civilizado.

Uma tecnologia de alto nível

Ignoramos frequentemente o alto nível de prosperidade e de tecnicismo que os povos da Antiguidade tinham atingido.

Como podemos esquecer por exemplo os postes de madeira, com os topos em cobre e com mais de trinta metros de altura, que os Egípcios colocavam em frente dos seus templos e que se assemelham estranhamente a pára-raios!

Citemos igualmente essa cópia grosseira de um planador encontrada no local da primeira pirâmide de degraus em Sakkara. A maqueta, com

dezoito centímetros de comprimento, demonstra notáveis características de aerodinamismo. Seguramente, trata-se de um esboço e não da cópia de um engenho que tivesse realmente voado.

Os pescadores de esponjas recolheram ao largo da ilha de Antikythera restos dum instrumento metálico que foi datado de 65 a. C. e que reproduzia um bizarro conjunto de rodas dentadas acionadas por engrenagens. Em 1959, Derek J. de Solla Price, do Instituto de Estudos Avançados de Princetown em New Jersey, concluiu que se tratava, nem mais nem menos, de um modelo elementar de computador analógico provavelmente utilizado pelos Gregos para facilitar os seus cálculos astronômicos.

Não nos esqueçamos que os Egípcios foram os primeiros a abandonar o calendário lunar para adotarem um ano de doze meses de trinta dias. Astúcia suprema: para se aproximarem do ano trópico ou solar, que conta, sensivelmente, 365 dias, 5 horas e 49 minutos, juntaram cinco dias a cada ano, no fim do décimo segundo mês. Estes cinco dias são chamados «epagomenos». Os meses, em grupos de quatro, formam as três estações típicas do Egito que não conhece a Primavera: Inundação, Inverno e Verão. No primeiro dia de cada década havia festejos em honra dos mortos.

Evidentemente, este calendário era imperfeito, pois em cada quatro anos havia um desvio de um dia. Em cento e vinte anos deste sistema bastante impreciso, as estações tinham um avanço de um mês. Só 1461 anos depois é que o princípio do ano encontrou, de novo, o seu ponto de partida! São sempre os Egípcios a encontrar a solução, desta vez por intermédio do astrônomo egípcio Sosígenes, então conselheiro de Júlio César. Este decidiu que de quatro em quatro anos o ano teria 366 dias... Seriam os anos bissextos. Decidiu, igualmente, que o princípio do ano seria o 1º de Janeiro (data na qual os Cônsules entravam em função) e não o 1º de Março. Foi no 1º de Janeiro do ano de 45 a. C. que nasceu o calendário «Juliano» (adjetivo que vem do prenome de César, Júlio).

Os Egípcios sabiam muitas coisas sobre o Sol, a Lua e... Sírio

Voltemos a Sírio. Dois mil anos antes da nossa era, os Egípcios espreitavam na madrugada a primeira aparição de Sírio no céu, precisamente antes do nascer do Sol. Os sacerdotes sabiam bem que não podiam ver Sírio senão no começo do Verão, o que anunciava, infalivelmente, a próxima cheia do Nilo. E desde que se conheça a importância dessas cheias para fertilizar as margens e as regiões próximas do

leito do rio, compreende-se a importância vital deste conhecimento astronômico. Para mais, o ano terá por base Sírío (Sothis): um ano-Sothis é igual a 365 dias e 1/4. Sothis, consagrada a Ísis, marcava o princípio do ano civil. O nascer e o pôr de Sírío, que acontece com o nascer e pôr do Sol, chama-se o nascer helíaco. Nos nossos dias, com a deslocação dos planetas, este nascer helíaco acontece no mês de Agosto.

Os lugares geodésicos dos Egípcios delimitam o alinhamento dos megálitos...

Os Egípcios pareciam conhecer o segredo das linhas de forças telúricas cuja existência ainda hoje nos escapa. Todos os antigos lugares, todos os santuários, observavam o alinhamento com o megálito denominado Omphalos que, habitualmente, os flanqueava em faixas regularmente espaçadas que se estendiam pelo Mediterrâneo, Próximo Oriente e até mais longe. Este esquema regular cobre não somente os locais dos oráculos do mundo antigo mas também os lugares geodésicos dos antigos Egípcios que eram mestres nesta ciência «das águas».

Os lugares geodésicos dos Egípcios delimitam os alinhamentos dos megálitos da Antiguidade. Os sacerdotes egípcios, como os das primeiras sociedades, pareciam estar obcecados pela idéia de que as constelações exerciam uma influência mágica ou divina sobre o homem. Os cultos do Sol nasceram com o homem. Os grandes arquitetos das pirâmides, como os dos megálitos, levantados em países diferentes, quiseram por força orientar os seus monumentos como se desejassem fazer deles observatórios astronômicos. E os grandes construtores das catedrais medievais da Europa tiveram o mesmo cuidado de orientação astronômica.

Observemos por momentos o local escolhido para a construção da pirâmide de Quéops. Um quarto de círculo traçado a partir do centro da grande pirâmide engloba totalmente e exatamente o delta do Nilo. Além disso, ela está situada precisamente ao centro de duas linhas de longitude que definem a demarcação das fronteiras do antigo Egito com os seus vizinhos imediatos, quer dizer, com a cidade de Alexandria de um lado e Porto Said do outro, entre o eixo Oeste e o eixo Este, respectivamente. A quadratura da sua base de 230 m de lado está orientado exatamente no sentido Norte-Sul, Sudoeste (se não tivermos em consideração a deslocação do continente depois da edificação da grande pirâmide de Quéops). Notemos igualmente que os blocos de pedra calcárea — perto de dois milhões e meio, cujo encaixe uns nos outros é por empilhamento de alguns milímetros — cobrem uma área

gigantesca de mais de cinco hectares! Os historiadores divertem-se metendo nessa área, de uma só vez, as catedrais de Florença e de Milão e as basílicas de São Paulo de Roma e Westminster Abbey de Londres.

Não nos vamos alargar sobre o que já foi escrito a propósito dos conhecimentos de arquitetura que ela exigiu dos seus criadores, nem sobre os prodigiosos cálculos que foram obrigados a fazer, nem tao pouco sobre a sua eventual função de observatório astronômico mais do que de monumento funerário ou de gigantesco silo de cereais.

Os labirintos: um jogo, um enigma ou um símbolo universal?

Em Fayum, ao lado da sua pirâmide, o rei egípcio Amenemhet III, cerca de 2000 a. C., construiu o maior labirinto do mundo. Infelizmente já não existe. A partir de descrições dos Antigos, a sua arquitetura labiríntica tinha mais de mil metros de circunferência. Era concebido para que quem entrasse se perdesse, contrariamente aos outros, construídos em forma de espiral, tanto à entrada como à saída.

Todos eles representam uma viagem complexa até ao centro do labirinto, seguida do regresso ao exterior. Para os Egípcios, o povo mais religioso da Terra, o labirinto («Haouara») parece ter representado o lugar do mistério e da prova. Aquele que lá entrava morria simbolicamente; se de lá saía, purificado e fortalecido pela prova, renascia (a lenda de Osíris é uma ilustração profunda e simbólica disso). Dédalo, o arquiteto do labirinto de Creta, terá dado a Ariadne a idéia do fio que salvou Teseu, príncipe de Atenas, dos meandros labirínticos. O mito de Teseu ilustra bem o medo de se perder, que está no âmago de cada pessoa. Este poderoso impulso do inconsciente conduziu os povos de todos os cantos do globo a conceber ou a desenhar labirintos idênticos, à semelhança da sua mente.

Pode-se imaginar que os mais primitivos labirintos, que eram naturais, foram as cavernas onde se alojavam os homens do Cro-Magnon há mais de trinta mil anos. Encontram-se esquemas de labirintos um pouco por toda a parte, por exemplo numa moeda cretense, ou com o símbolo sagrado dos Índios Hopi do Arizona (símbolo da Terra-Mãe), ou ainda no templo Halebid em Mysore na Índia; quanto aos construtores de catedrais, ergueram-nas sobre velhos templos pagãos e colocaram um labirinto no centro das suas igrejas.

Outros tempos, outros hábitos, mas o símbolo dos labirintos persiste. Os tortuosos meandros tomaram-se o caminho de Jerusalém, viagem iniciática se o foi, que remonta à tradição egípcia! Desde o caminho

para a Cruz, o labirinto tomou-se o jogo de lazer das famílias ilustres, o jardim de diversão ou dédalo ecológico do Parque de Versailles, por exemplo, onde as belas damas da época se divertiam a ter medo sabendo que não corriam o risco de aí se perderem e lá encontrarem o... Minotauro. Um pouco como os filmes de terror dos nossos dias, que oferecem a possibilidade de um calafrio àqueles que gostam de ter medo. Reminiscências do grande medo de perder a alma, que possuía o homem egípcio do século XVIII a. C., antes de entrar no labirinto do Templo!

O labirinto tomou-se, igualmente, o jogo envidraçado das nossas feiras, pequenos quebra-cabeças que consistem em guiar uma esfera de aço através de um imaginoso percurso de obstáculos até colocá-la no seu buraco. O que nos leva aos bilhares elétricas e outros «flippers» das salas de jogo do mundo inteiro! Que dizer também dos passatempos impressos nos nossos jornais, onde devemos encontrar o caminho de saída de um labirinto, munidos, é verdade, de um lápis e de uma borracha? Não esqueçamos os labirintos propostos como testes à inteligência do homem e aqueles que se destinam aos animais (ratos, galinhas, macacos...), cujo propósito consiste em estudar a sua capacidade de encontrar, o mais rapidamente possível, entre o dédalo de corredores, a gulodice que está escondida neles.

Notemos, por fim, no nosso século de progresso, a aparição dos microcircuitos impressos semeados de «pugas» dos nossos microprocessadores, imagens fiéis da projeção do cérebro humano. Observemos que a natureza nos oferece o labirinto mais simples nas circunvoluções da noz, a tal ponto que os Anciãos da Idade Média viam nela um traçado do nosso cérebro! O que não nos deixa de lembrar que se um ancião vê uma libélula num helicóptero, os olhos dos seus netos verão um helicóptero na imagem da libélula em pleno voo. Isto, explica, como, através do tempo que passa, uma verdade se deforma para se transformar, pouco a pouco, num símbolo obscuro, pleno de mistério! De qualquer modo, o símbolo evolui cobrindo-se de mistério graças à cultura da sua época. Compete-nos a nós saber decodificar a mensagem e ir até à sua origem.

Todos os povos da Antiguidade conheciam as fases de Vênus...

...mesmo os das Américas. Todos os antigos documentos descrevem o que aconteceu na Terra numa certa época bem precisa: inundações, epidemias, mortes inumeráveis. Esta catástrofe, seria devida, afirmam os textos, à ameaça de uma colisão entre a Terra e um outro

corpo celeste. Josué declara: «O Sol parou a meio do céu e lá permaneceu durante todo o dia.» O corpo celeste em questão é descrito de uma maneira imaginária, praticamente do mesmo modo em todos os documentos que, portanto, emanam de fontes e de países bem diferentes. Todos atribuem ao planeta Vênus a responsabilidade destas «desgraças».

Nas Américas, na China, no Irão, na Babilônia, na Islândia, em Roma ou no Egito, as lendas e os mitos a respeito de Vênus são concordantes. Em toda a parte, no mundo antigo, Vênus é mencionado como um corpo celeste flamejante, parecido com um cometa. Seguem-se menções ao seu «nascimento» e às consequências terríveis que ele provocou na Terra.

Entre os Astecas, Vênus tem o nome de Quetzalcoatl (serpente de plumas) ou ainda de «estrela ardente». Um texto diz: «O Sol recusou-se a nascer e durante quatro dias o mundo esteve privado de luz.» E mais adiante: «Uma grande estrela apareceu e deu-se-lhe o nome de Quetzalcoatl.» O relato descreve com tristeza as consequências funestas deste nascimento de Vênus: a morte de seres humanos pela fome e pela doença.

Para os Peruanos, Vênus era Chaska, «a de cabeleira ondulada».

Entre os Romanos, no tempo de Moisés, diz-se: «Aconteceu à célebre estrela Vênus um tão estranho prodígio que ela mudou de cor, de tamanho, de forma e de percurso.»

Na Grécia, a lenda conta como Fáeton, «a estrela flamejante», ia incendiando a Terra e como foi transformada em Vênus. Em consequência disso aconteceu uma inundação catastrófica.

Entre os Judeus, no Talmude diz-se: «O fogo desceu do planeta Vênus» e no Midrash: «A luz brilhante de Vênus fulgurava de um extremo ao outro do Cosmos.»

Na Babilônia, os Sumérios dirigiam as suas súplicas a Vênus sob o nome de «vaca selvagem». Diziam: «Inanna do Céu e da Terra, tu que fazes chover o fogo...». E os Caldeus chamavam-lhe «Rainha do Céu», «tocha brilhante do firmamento».

Entre os Assírios, Ishtar (Vênus) é denominada «o dragão terrível vestido de fogo..».

Os Árabes chamavam a Vênus «a cabeluda» (Zebbaj) e os Egípcios conheciam Vênus como a deusa destruidora com semblante de leão e consideravam-na «uma estrela turbilhonante, espalhando o fogo em seu redor» ou ainda «uma tempestade de fogo». Nesta época antiga, chamavam-lhe Sekhmet e o mito conta como ela tentou outrora destruir os homens.

Nos Vedas, os Hindus descreviam-na com o aspecto de «fogo e de fumo».

Os habitantes de Samoa dizem: «O planeta Vênus toma-se louco e crescem-lhe os cornos.»

Os Chineses mencionam «uma estrela brilhante saída da constelação Yin» e citam as conseqüências funestas desse nascimento: incêndios e inundações.

Immanuel Velikovsky (nascido em Vitebsk, na Rússia, em 10 de Julho de 1895, doutorado em Medicina, estudos de Direito e de História Antiga) empenhando-se em todos estes textos e em outros que conseguiu dar a conhecer e traduzir, considerava que não havia «fumo sem fogo» e partiu do princípio que o Velho Testamento da Bíblia dos Israelitas podia dizer a verdade quando descrevia os acontecimentos catastróficos causados por uma ameaça de colisão entre a Terra e um outro corpo celeste.

Em 1950, Velikovsky editou uma obra intitulada *Mundos em Colisão* na qual sustentava que Vênus se tinha juntado recentemente ao universo. Proveniente de Júpiter, só se teria estabilizado na sua órbita atual há 4000 anos. Esta tese revolucionária, que colocava em causa a estabilidade do universo, desencadeou um brado de reprovação no mundo científico e Velikovsky foi considerado um mentiroso e um irresponsável.

Quanto a nós, não tiraremos conclusões revolucionárias. Limitar-nos-emos a verificar que os povos da Antiguidade eram bons conhecedores das coisas respeitantes ao movimento dos planetas e que tinham uma sensibilidade particular para tudo o que respeitava ao cosmos, ao universo e ao homem, que parece termos perdido hoje.

Poderá a astrologia ajudar-nos a redescobrir estas relações privilegiadas que parecem existir entre o homem e o universo que o rodeia? A resposta a esta importante pergunta poderá ser a verdadeira definição do propósito que a astrologia deve prosseguir.

NOS NOSSOS DIAS

O nosso sistema solar compõe-se do Sol e de planetas entre os quais se encontra a Terra com o seu satélite, a Lua, que gravita em seu redor. Mas este sistema solar não é único. Nós vivemos na galáxia da Via Láctea e existe um número de tal maneira grande de galáxias como a nossa que o espírito humano tem dificuldade em imaginá-las. São bilhões delas espalhadas pelo universo.

Estas galáxias agrupam-se em conjuntos que por sua vez se agrupam em superconjuntos. E para além disso? Pode ser que estes superconjuntos sejam o último degrau desta escala hierárquica que caracteriza a arquitetura do universo e que possamos reencontrar o nível dos átomos, como acontece à escala dos organismos vivos.

Os conhecimentos atuais dão-nos a certeza de que os superconjuntos se sucedem incansavelmente sem limite, formando o que os cientistas chamam o fluido-universo.

E suficiente saber que uma só galáxia compreende cem mil milhões de estrelas e muitos sistemas solares análogos ao nosso. Por outro lado, desde que o homem observa o infinitamente grande com telescópios cada vez mais potentes, apercebe-se, à medida das suas descobertas, que este mundo gigantesco é concebido da mesma maneira que o mundo do infinitamente pequeno que ele descobre debruçando-se sobre os seus microscópios.

Todo o ser, toda a matéria é célula — tomando esta palavra no seu sentido científico de partícula elementar — e toda a célula compreende, por sua vez, células «inferiores» e assim por diante e nos dois sentidos, infinitamente grande e infinitamente pequeno, até ao infinito.

Tudo o que existe nos nossos dias teve origem numa fulgurante explosão chamada pelos cientistas «Big-Bang» (Grande Explosão) e que produziu o grande braseiro que originou o Cosmos. Isto há cerca de quinze mil milhões de anos! Certas emissões de televisão, assim como a revista científica de Laurent Broomhead, divulgam estas descobertas e mostram como os físicos se esforçam para reunir, numa mesma unidade, as estrelas, a terra e os homens. Sim. E que dizer do homem em tudo isso? Parece que é feito à imagem do universo

Nos nossos dias, certos conhecimentos do antigo Egito são ainda válidos...

Existe um fator comum entre a atividade do homem e a atividade multiforme do Cosmos. A vida humana é rítmica tal como a das estrelas que nascem, crescem e desaparecem. Tudo é vibração, pulsação e respiração, tanto nos animais e plantas como no homem. Uma teoria científica recente procuraria provar que todo o universo «respira» a uma escala cósmica. Na realidade, trata-se de períodos de expansão alternando com fases de retração.

Nós somos parte integrante do Cosmos e sofremos radiações diversas, se bem que a sua intensidade — pelo menos daquelas que

conhecemos — seja atenuada pelas diferentes camadas que envolvem a Terra, tais como a cintura de Van Allen, que atuam como um filtro. Para mais, somos feitos da mesma matéria que todo o Cosmos e funcionamos como ele. O nosso corpo é constituído por carbono, hidrogênio, oxigênio, azoto, enxofre e fósforo. Sabemos que em peso, o principal componente é a água (uma pessoa de 70 kg contém cerca de 40 kg de água!). Certos elementos do corpo podem combinar-se para formarem proteínas e lipídios, como o carbono e o hidrogênio, etc. Estes mesmos elementos formam também compostos simples, assim como os sais minerais: sódio, potássio, cloro, magnésio, cálcio, fósforo e ferro. Outros elementos minerais existem em muito pequena quantidade, é o caso do cobre, do zinco, do boro e do cobalto...

CAPÍTULO II

OS RITMOS DA VIDA

Momentos de dinamismo... Momentos de lassidão...

Certamente que o leitor já passou um momento da vida em que teve a consciência de que tudo lhe parecia correr bem, à medida dos seus desejos. Bastava pensar intensamente numa idéia que acalentava no seu íntimo para que a sua realização se tornasse fácil, simples e plena de êxito. Nessa altura, sentiu dentro de si um dinamismo exaltante que o empurrou para a ação. Os resultados obtidos deram-lhe asas. Durante dias, o seu entusiasmo manteve-se no mesmo ponto elevado, depois, bruscamente, caiu num vazio, sem nenhuma vontade de agir. Esta quebra de ritmo dinâmico fê-lo mergulhar num abatimento incompreensível.

Aprenda a ver as horas no seu relógio biológico

Dias de depressão... Dias de exaltação... Todos nós sofremos estas mudanças bruscas de ritmo. A força, a intensidade desta ruptura de cadência é tal que não a esquecemos. No entanto, se o leitor procurar com um pouco mais de cuidado nas suas recordações encontrará numerosas fases da sua vida nas quais se sentiu, sem razão aparente, exaltado ou deprimido, sem que a margem entre estes dois estados extremos fosse bem definida.

Alguns estudiosos consideram estes ritmos verdadeiros «relógios biológicos», cujo andamento regula todas as nossas funções essenciais. Todos os nossos parâmetros fisiológicos variariam segundo ritmos regulares, próprios de cada pessoa, mas afastando-se pouco dos valores médios específicos da espécie humana.

Os biorritmos

Os biorritmos conduzem ao estudo de três dos nossos estados essenciais, que são:

1. *O ritmo mental* (eficiência intelectual) que será em média de 33 dias;
2. *O ritmo físico* (forma) que será de 23 dias;
3. *O ritmo emocional* (força dos sentimentos motivadores) que será de 28 dias.

Cada ritmo possui a sua própria curva, independente das dos outros ritmos. Os momentos mais positivos, excepcionalmente ricos para o indivíduo, serão aqueles que se situam no máximo atingido pelas três curvas simultaneamente. Estes momentos privilegiados são tão raros que não valerá a pena falar deles.

O cálculo dos ciclos físico, emotivo e intelectual necessita do conhecimento da data exata de nascimento. A descoberta dos dias positivos e negativos nos três ciclos requer cálculos complexos que desanimam a maior parte das pessoas. Existem calculadoras de bolso que indicam as datas exatas dos ritmos e os dias excelentes, neutros ou críticos.

Se tomarmos, por exemplo, o período de 23 dias do ritmo físico, notamos cinco estados em dente de serra:

1. plenitude ascendente da forma física em dezesseis dias;
2. má forma física em três dias;
3. período neutro num dia;
4. período crítico (quedas, acidentes musculares, etc...) em dois dias;
5. período neutro num dia. E assim sucessivamente.

Estes três ritmos afetam-nos pois no plano físico, intelectual e emotivo. Se não soubermos reconhecer os períodos favoráveis, se ignorarmos os nossos momentos de abatimento, se continuarmos a viver indiferentemente, ora possuídos por forças desconhecidas, ora deprimidos sob influência de pensamentos obscuros, seremos regidos por forças misteriosas, sofreremos o nosso destino, seremos sujeitos

passivos dos nossos ritmos vitais. O ponteiro central do nosso relógio biológico não nos servirá de nada.

Pelo contrário, se controlarmos os nossos períodos fortes, se notarmos os nossos momentos de tristeza, de depressão, de fadiga, se previrmos os nossos ritmos vitais, dirigiremos a nossa vida, permaneceremos ativos, atentos e conduziremos da melhor maneira os nossos ritmos biológicos físico, intelectual e emotivo.

Bem entendido, não é questão de negar a existência deste fluxo e refluxo que nos agita como uma maré, mas é preciso prevêê-los para os compreender e para agir nos bons momentos. Abster-nos-emos de qualquer ato importante nos maus períodos. Com um pouco de aplicação, poderemos mesmo prolongar os nossos períodos fecundos e do mesmo modo, atenuar a diferença de intensidade entre dois ciclos. Bastará transportar as tarefas difíceis para os momentos propícios, guardar para momentos desfavoráveis as obrigações agradáveis e os passatempos cujo absorvente interesse sustentará o ritmo enfraquecido.

Eis a palavra-chave mencionada: o interesse! Este sentimento poderoso que desperta em nós logo que nos prendemos à realização de uma idéia, que nos invade pouco a pouco e que empurra todas as nossas ações para um mesmo fim — a concretização do nosso desejo. Durante todo o tempo que subsiste o interesse, sentimo-nos transportados para fora de nós próprios, saímos da nossa atitude egoísta para nos entregarmos sem reservas. Esta série de atos positivos coloca-nos na pista de um estado de entusiasmo que prolonga e engrandece o nosso ritmo biológico.

Cada indivíduo, pelo seu temperamento pessoal, pela sua personalidade própria, não aproveita da mesma maneira os períodos positivos dos seus três ritmos.

Certos temperamentos, aptos para o esforço progressivo mas de longa duração, não saberão adaptar-se a um ritmo físico favorável de 23 dias, seguido de períodos negativos. Deverão aprender a estimular o seu interesse pela obra empreendida, mesmo que ela se prolongue por três ou quatro ciclos físicos completos.

Outros, inclinados a produzirem um esforço breve mas violento, terão todo o interesse em colocar os seus esforços num período físico positivo.

Cada um de nós pode conhecer as suas qualidades, a sua maneira de trabalhar, o grau das suas forças emocionais e sentimentais, graças ao seu signo astrológico de nascimento, graduado e afinado pelo signo do ascendente. Esta rubrica será objeto de um parágrafo próprio.

Que horas são no seu relógio cósmico?

Teste

Responda sim ou não às seguintes perguntas:

1. Vai de férias no Verão?
2. Gostaria de trabalhar à noite?
3. Sempre que pode, conduz de noite?
4. Habitualmente, levanta-se às 3 ou 4 horas da manhã?
5. Começa a trabalhar às 6 ou 7 horas da manhã?
6. Toma os seus remédios de preferência às refeições, imediatamente antes, durante ou logo após?
7. Pensa que a atividade sexual é mais intensa na Primavera?
8. Pensa que a força muscular e as suas capacidades desportivas são melhores de manhã do que à tarde?
9. Pensa que está mais apto a realizar cálculo mental às 13-14 horas do que em qualquer outro momento do dia?
10. Realiza com maior facilidade entre as 16 e as 19 horas as tarefas mais complexas que lhe são confiadas?
11. Conhece o sentido da palavra «circadiano»?
12. Conhece o sentido da palavra «circanual»?

Resultados

Marque dez pontos pelas respostas afirmativas às perguntas 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8. Cinco pontos para as respostas afirmativas às perguntas 4, 11 e 12. Cinco pontos, igualmente, para as respostas negativas às questões 1, 2, 4 e 5. Dez pontos para as respostas negativas às perguntas 9 e 10.

Ache o total da sua pontuação, tome nota dela cuidadosamente lendo a interpretação no texto que se segue.

Interpretação

Você somou vinte pontos. Bravo! Você é sincero e obedece instintivamente aos seus ritmos cósmicos. Se bem que não tenha muitas informações sobre o que é o seu relógio cósmico, inconscientemente você obedece-lhe colocando as suas ocupações principais sobre os ritmos vitais essenciais.

Você totalizou entre vinte e trinta pontos. Você soube fazer uma escolha harmoniosa entre as suas obrigações e os seus ritmos cósmicos.

Você somou entre trinta e quarenta pontos. Você tem repugnância em fazer certas coisas que vão ao encontro do seu relógio cósmico mas, na maioria dos casos, você não tem consciência dos ritmos que o regem.

Você totalizou entre quarenta e cinqüenta pontos. Você sofre as contrariedades sócio-profissionais sem procurar seguir as suas disposições profundas.

Você somou entre cinqüenta e cinqüenta e cinco pontos. Você vive em perfeita incoerência com o seu relógio cósmico e deve sofrer por isso sob a forma de diversas cargas, tanto físicas como psicológicas. Você não está suficientemente informado para vencer sozinho esse estado e deixa-se abalar pelos acontecimentos, pelo ambiente e pelas pressões sociais e profissionais.

Para a maior parte das pessoas parece evidente que se deve dormir de noite e não de dia. Nunca pôs a si próprio a questão do fundamento de se trabalhar no Outono, Inverno e na Primavera e se descansar no Verão? Ou, ainda, de trabalhar em turnos (3 x 8 por exemplo), o que implica trabalhar à noite?

Você certamente toma os seus medicamentos no momento das refeições. Nas grandes viagens de férias de Verão, por exemplo, parece-lhe preferível conduzir de noite ou, pelo menos, a partir das 4 ou 5 da manhã. Na sua opinião, é uma evidência ou são idéias pré-concebidas, ou até mesmo preconceitos? Mas, em primeiro lugar, procedendo como você faz, dá-se conta do relógio cósmico que trabalha dentro de si?

Nós estamos muitas vezes em contradição com os nossos ritmos cósmicos. Com efeito, não somos somente sensíveis às variações do som, da luz ou dos cheiros, mas também somos submetidos às influências ambientais. Por outro lado, as nossas funções não são constantes, variam no tempo de maneira cíclica. Cenas variações são de vinte e quatro horas, o que representa o tempo gasto pela Terra para girar em torno do seu eixo. Outras são de um ano, tempo gasto pela Terra para completar uma translação em volta do Sol. Que dizer do ciclo nictemeral (ciclo de 24 horas consecutivas: um dia e uma noite) da nossa temperatura (mínima às cinco horas e máxima às dezessete horas)?

Deste modo, a nossa vida é ritmada segundo as horas do nosso relógio cósmico ditadas pelos nossos genes. Possuímos sistemas capazes de medir este tempo cósmico, ou mais exatamente, capazes de dar o máximo de respostas às solicitações do nosso ambiente em certos períodos do dia e do ano. Estas solicitações, estes fatores de ambiente, são chamados sincronizadores.

Foi assim que os estudiosos acabaram por estabelecer as bases de uma ciência nova: a cronobiologia.

A cronobiologia

A cronobiologia desenvolve duas hipóteses essenciais que lhe servem de base: primeiramente, as propriedades fundamentais da matéria viva, cuja atividade cíclica é hereditária e, conseqüentemente, já inscrita nos genes do feto; seguidamente, a tendência que apresentam os organismos vivos para estabilizar os seus diferentes parâmetros fisiológicos: é o sistema de trocas incessantes que modificam, de uma maneira permanente, os diferentes valores físicos ou químicos dos meios e que tomam constante o meio interior dos organismos. É a chamada estabilidade homeostática.

Atualmente, sabemos que .à nascença cada indivíduo é portador dos seus ritmos inscritos no seu patrimônio genético, e daí a sua qualidade hereditária, e também que estes ritmos se modificam sob a influência dos sincronizadores à medida que o homem vai vivendo.

Os sincronizadores são variáveis. Citemos alguns: a luz solar, a alternância do dia e da noite, do calor e do frio, do barulho e do silêncio. Ou ainda os ciclos lunares, as manchas solares, as estações e, porque não, os horários imperativos das refeições que a sociedade nos impõe.

Respeitar os nossos ritmos naturais é compreender, por exemplo, que certos medicamentos são mais eficazes se forem tomados a horas certas; que certas atividades atingem igualmente o máximo de eficiência desde que tenham lugar a horas bem precisas; que a atividade do cérebro ganha em ser solicitada, de preferência durante o dia, entre as 13 e as 20 horas; que os músculos dão o seu pleno rendimento de dia, entre as 14 e as 20 horas; que o ritmo cardíaco é mais lento cerca da quinta hora de sono; que a secreção de insulina ao nível do pâncreas atinge o máximo por volta do meio dia.

Estes ritmos, próprios de todos os órgãos, podem ser de um segundo, de um dia, de um mês ou de um ano.

Os Egípcios da Antiguidade tinham razão em pensar que o homem está no Cosmos como o Cosmos está no homem. A natureza obedece às mesmas leis. As flores, por exemplo, variam também de maneira periódica e previsível. Um botânico sueco do século XVIII, Linné, tinha já imaginado um «relógio da flora», capaz de dar a hora por simples observação das flores que abriam ou fechavam a horas fixas.

Estes *ritmos circadianos* (*circa* = cerca, e *dies* = dia, em latim) e circanuais (do ano), vão contra certas idéias recebidas ou impostas pela nossa sociedade, nomeadamente as férias de Verão, período em que o nosso organismo não tem necessidade de repouso, pois precisava de descansar no Inverno. Além disso, o nosso corpo produz o máximo de substâncias nocivas nos momentos mais intensos de trabalho e é precisamente no Inverno que a natureza produz menos oxigênio. Tudo se combina e nós fazemos parte de um todo.

As dessincronizações

Atualmente os meios de comunicação sensibilizam-nos para os problemas, aliás justificados, do mundo animal. Por exemplo, destruir as sebes e os bosques dos nossos campos, a fim de aumentar a sua superfície, tomando-os facilmente cultiváveis por tratores, implica a fatal eliminação de um certo número de espécies de aves que aí encontravam refúgio e alimento..., etc. As cadeias ecológicas são do conhecimento geral.

Quanto ao homem, sob este ângulo, não se preocupa muito!

Esclareçamos o caso com um exemplo concreto: no Inverno, a natureza repousa, as árvores perdem as suas folhas e limitam as suas trocas de oxigênio por dióxido de carbono. Além disso, os dias são mais pequenos. O homem que se rege pelos ritmos cósmicos sente o seu corpo pedir repouso, o que está de acordo com a natureza. Naturalmente e com toda a simplicidade há uma comunicação entre o homem e a natureza, como a mostravam os sacerdotes egípcios do tempo das pirâmides.

Que faz o homem, tão preocupado em defender a cadeia ecológica dos animais? Despreza deliberadamente as cadeias ecológicas humanas. Escolhe a estação do Inverno para trabalhar mais intensamente e, por consequência, produzir mais substâncias nocivas. Sem contar com a poluição urbana, que atinge a sua máxima concentração no Inverno,

e com as nuvens baixas desta estação que favorecem o transporte de micróbios e de vírus de todas as espécies.

Para mais, o Inverno corresponde ao período em que o homem é mais vulnerável, pois a sua pressão arterial ou ainda a sua secreção de cortisol eleva-se e isso coincide precisamente com o ritmo circanual da mortalidade, o que contribui em grande parte para o crescimento da morbidez. O organismo humano suporta as agressões da estação fria com mais dificuldades do que as manifestadas durante as outras estações.

Continuemos com o inventário das dessincronizações que a maior parte dos seres humanos experimenta.

O trabalho noturno é igualmente um contra-senso pois o homem é feito para dormir de noite e não de dia. Este modo de proceder leva ao desarranjo do nosso relógio interno e cria nos trabalhadores noturnos fadiga, insônias, problemas nervosos e até mesmo digestivos. Nota-se também uma baixa muito sensível da atenção cerca das três ou quatro horas da manhã. Por esse motivo conduzir de noite é fonte de acidentes.

Acrescentemos que a ingestão de certos medicamentos, em determinadas horas faz aumentar a sua eficácia ou atenuar os seus efeitos secundários.

Sabemos, igualmente, que campos magnéticos fracos revelam a atividade molecular do nosso corpo. Em certos cristais, chamados «vidros de espira», o magnetismo conserva a memória de estados anteriores. Coisa curiosa, esta memória não está localizada e, portanto, não apresenta estrutura própria. Não será mesmo a imagem da memória humana, cuja localização numa determinada zona do cérebro não pode ser estabelecida?

E contudo... declarar ainda hoje que somos feitos à imagem da matéria que nos rodeia desencadeia a hilaridade da maioria dos nossos contemporâneos.

As influências planetárias

Afirmar que as estrelas podem produzir sobre nós uma influência notória, ao ponto de talhar o nosso caráter ou a nossa personalidade segundo o ano, o mês, o dia, a hora e o local do nascimento, parece simplista e insuficiente.

Porquê? Será porque a Lua e Mercúrio não têm atmosfera? Acumulou-se uma fina camada de poeira. Ambos são áridos e desérticos...

Ou porque Vênus possui uma atmosfera de uma grande espessura e apresenta um calor suficientemente elevado para favorecer a estruturação molecular? Marte não apresenta qualquer esperança de vida... Será porque Júpiter e Saturno, que possuem igualmente atmosferas, estão muito afastados para que se possa afirmar com certeza a possibilidade de existência duma fraca vida vegetativa?

Mas serão suficientes estes argumentos para negar todas as influências que se poderiam manifestar de maneira totalmente imprevisível e completamente diferente daquilo que conhecemos hoje?

Neste momento, ainda não concebemos o pólo norte sem pólo sul... e, todavia, a questão da existência separada de um pólo do outro poderá ser verdadeira!

Tudo é possível. A ciência fez tais progressos, as pesquisas levam-nos tão longe que as leis fundamentais têm que ser revistas. Então...?

Em lugar de provar que estas influências astrológicas existem, contentemo-nos em mostrar que se podem conhecer graças ao que nós cremos serem «influências» planetárias. Repetimo-lo, a astrologia não é uma ciência.

Afinal, nada escapa aos campos magnéticos: nem o Sol, nem a Terra, nem... a Lua, Mercúrio, Marte, Vênus, Saturno..., nem o homem! Serão os planetas que exercem uma influência sobre o homem ou não será a reprodução do Cosmos, que o homem tem encerrado nos seus genes, sob a forma de informações que remontam à «Grande Explosão» original, que exerce uma influência sobre o seu comportamento? Eis, segundo parece, a verdadeira questão. O que volta a fazer dizer que estas ou aquelas «informações» sobre estes ou aqueles planetas, próprias de um indivíduo, desempenham um papel preponderante na formação desse indivíduo.

Não se poderá pensar que um homem nascido sob o signo astral de Gêmeos, por exemplo, com o signo de Virgem no ascendente, possui, acumuladas nos seus genes, todas as «informações» que respeitam aos planetas, com preponderância de Mercúrio, nessas informações armazenadas que desse modo participam na formação do seu ser depois da concepção? Não será ir ao encontro do conceito dos sacerdotes egípcios sobre o homem e sobre o universo?

Fica-se surpreendido ao saber que quase todos os átomos, tanto do nosso corpo como os da Terra, pertenceram a uma estrela que se desintegrou devido a uma explosão... e que, esses mesmos átomos não eram mais do que restos de outra estrela ainda mais antiga? E não é ridículo deleitarmo-nos com leituras futuristas onde se vê um grupo

de homens viver numa nave bem equipada perdida no Cosmos à procura da Terra... se o que todos nós vivemos é essa aventura a uma escala gigantesca? Embarcamos todos na nave espacial Terra e vogamos no fluido-universo, perdidos e isolados sem saber para onde vamos!

E depois, o que pensavam os Egípcios da Antiguidade é assim tão destituído de fundamento. que possamos menosprezá-lo hoje? Porque razão aceitamos como verdades absolutas certas passagens da Bíblia que relatam os acontecimentos ocorridos na Antiguidade e não outras que julgamos extravagantes ou inconcebíveis porque ferem as nossas crenças atuais?

A maior parte das pessoas acredita realmente no dilúvio mas nega, também, terminantemente, que ele tenha sido produzido pela aproximação de Vênus na direção da Terra. Verdade, portanto, tão sujeita a crédito como a própria versão da inundação, uma vez que consta dos mesmos textos. Porquê ter expurgado uma e não a outra?

O fato de negarmos uma coisa impede que ela seja real? Ou, igualmente, o fato de citarmos uma coisa como verdadeira não implica que o seu simétrico seja igualmente verdadeiro? Se Deus existe, o Diabo existe também, pois que um não pode existir sem o outro. Da mesma maneira, se o dia é uma verdade, a noite é igualmente uma realidade.

A astrologia tenta fazer compreender a cada pessoa que ela não é uma criatura do céu ou do inferno, mas sim um todo que inclui inferno e céu em simultâneo, com cambiantes que são próprias a cada um e que constituem a sua originalidade.

Temos de compreender que o movimento binário do pêndulo que vai de um extremo ao outro, é um dado imposto pela nossa cultura e que, na verdade, esse balanço se inscreve num círculo com uma infinidade de pontos e que este círculo somos Nós, resumidos a um Todo. Cada um de nós faz mover conscientemente o pêndulo da sua personalidade mais ou menos longe mas, de qualquer modo, o movimento descreve um círculo, embora fique escondido na nossa consciência. Veremos num outro capítulo que os sacerdotes egípcios tinham compreendido bem tudo isso, tanto que criaram as carências no estudo do esquema astral de Toth.

A astrologia tem em vista tomar-nos mais sensíveis à nossa riqueza inconsciente — que a ciência moderna acaba de situar na metade direita do nosso cérebro, na zona sensível ao sonho — com o fim de nos servir para atingir estados de consciência insuspeitados, sem termos deles um receio irracional.

CAPÍTULO III

PORQUÊ SEGUIR A ASTROLOGIA EGÍPCIA?

Qual é o objetivo da astrologia em geral?

A astrologia propõe-se utilizar os conhecimentos humanos acumulados a partir dos Sumérios 2700 a. C., passando pelo Egito antigo, a Grécia antiga, o século v a. C., até aos nossos dias, com o fim de compreendermos as leis que regem as ações e as interações dos planetas do nosso sistema solar e as influências positivas ou negativas que exercem sobre a humanidade, ao ponto de determinarem, em parte, as linhas principais do caráter dos homens e de influenciarem o seu comportamento quotidiano.

Qual é o objetivo da astrologia egípcia?

Os Egípcios tinham sentido, e antes deles os Sumérios e os Mesopotâmicos, que o homem evolui sobre a Terra como os seus pensamentos evoluem na sua cabeça e como os planetas evoluem em torno do Sol. O homem faz parte do universo como o universo faz parte dele.

O homem é Uno: cabeça, coração e corpo não dissociáveis, implicando em cada uma das suas reações o movimento, a sensação, o sentimento e o pensamento.

No princípio, a astrologia resumia tudo o que o homem sente, ressentido e pressente dele mesmo e da natureza que o rodeia. Nela, tudo é simbólico e a infinita combinação do seu simbolismo permite ao homem compreender, pouco a pouco, a razão da sua existência sobre a Terra e abre-lhe todos os caminhos do pensamento. Ele colhe a sua

verdade em todo o Cosmos e compreende que este está igualmente nele se obedecer às suas leis naturais e, magia, milagre ou mistério — quem sabe? — o homem compreende enfim que é como a natureza que o rodeia e que se rege pelas mesmas leis.

A astrologia, desde os tempos mais recuados da Antiguidade, é um método que ajuda a apreender os mistérios do homem e da natureza. Não é uma ciência, nem uma religião e não é racional nem lógica no sentido em que a entendemos no Ocidente. Ela é a quinta-essência do homem perdido no universo e que se encontrou graças ao universo.

As primeiras sociedades humanas perceberam, instintivamente, o elo que as ligava aos astros que viam sobre as suas cabeças. E, muito naturalmente, os símbolos surgiram: o céu por cima, a terra por baixo. Sem religião ainda estabelecida, os homens compreenderam que o que está por cima é semelhante ao que está por baixo; que eles mesmos eram idênticos aos astros e que, em escalas e durações diferentes, estavam submetidos às mesmas influências e reações que estiveram na origem dos planetas.

Só mais tarde as religiões se debruçam sobre a noção de qualidade. O bom, o mau, o belo, o feio, o que se faz e o que se não faz. Estas noções subjetivas de qualidades binárias não são astrologia mas derivam dela. E, em suma, a escória do que não é compreendido ou corretamente sentido pelos homens na astrologia.

Pelo seu lado, os Egípcios tinham pressentido corretamente os mistérios enriquecedores que lhes eram oferecidos pelo universo. Carentes de técnicas suficientemente evoluídas, estabeleceram uma astrologia estática, fixa e repetitiva. Mas já nessa altura, ela trazia um certo número de respostas que satisfaziam o bem-estar espiritual do ser humano.

A procura dos sacerdotes egípcios visava a estabilidade que eles traduziam por uma divinização do espaço-tempo. Cada dia, cada hora tinha o seu deus e mestre, o que representava um oráculo para cada um. Mas antes de atingir esta concepção precisa e complexa, o Egito passou primeiramente, desde a quinta dinastia, pela religião solar (Ré de Heliópolis) que foi religião de Estado. Esta é a razão da construção de numerosos templos solares com obelisco. Em 2190-2052 a. C., na época de Heracleópolis, o faraó («a casa grande») foi soberano hereditário absoluto e encarnava o deus-falcão Hórus («o grande deus»). Depois, os Egípcios reconheceram no faraó o filho de Ré, o deus-Sol.

A grande importância dada à religião solar fez aparecer importantes templos: Aton-Rê, em Heliópolis, Ptah, em Mênfis («os muros

brancos»), Thot, em Hermópolis (veremos como foi importante para a astrologia o hermetismo do mito de Thot), Osíris deus da vegetação, que se tomou o deus dos mortos. Foi a instituição dos sacrifícios, da crença num julgamento após a morte e numa segunda vida.

De 1377 a 1358 a. C., Amenofis IV, «o rei herético», desposou Nefertiti e introduziu no Egito o culto de Aton, o disco solar; o monoteísmo solar chegou a tal ponto que a capital se deslocou para Akhet-Aton («luz de Aton») e o faraó Amenofis tomou o nome de Akhenaton.

As vagas de invasões que se sucederam entre 2000 e 1100 a. C. deram à cultura indo-européia uma nova cor. Existia na Grécia, a partir de 1600, além de uma religião aristocrática da qual Homero fazia naturalmente eco, uma religião popular que venerava deuses locais personificando forças naturais, corpos celestes (Sol, Lua) e conceitos abstratos (luta, esperança, etc.), para finalmente resultar em novas concepções religiosas emitidas pelas escolas órficas e pitagóricas: as noções de sanções no além. Os Mistérios de Eleusis davam aos iniciados a garantia de sobrevivência depois da morte.

A época helenística foi caracterizada por um sincretismo religioso que era proveniente, em grande parte, da influência do Oriente depois das conquistas de Alexandre. O povo manifestava então dúvidas sobre a existência das divindades do Olimpo e dos deuses locais. Evidentemente, a par dos cultos antigos, como os de Demeter ou Ceres (a Terra-Mãe) e de Dionísio, apareceram novos cultos misteriosos como o de Isis, de Baal e de Cibele, que podem ser considerados como novas encarnações de deuses antigos e já conhecidos. No Egito, esta época muito longa viu a criação artificial do culto de Serápis, que era a combinação de Osíris e de Ápis. Serápis tornou-se o deus milagreiro e o deus do Estado egípcio.

Que teoria astrológica propomos atualmente nesta obra?

A partir de bases egípcias, ricas em símbolos e em verdades primárias, veremos tudo o que a ciência moderna utiliza de novas noções susceptíveis de fazer progredir os conhecimentos astrológicos.

Por isso nos interessaremos pelos 46 cromossomos do homem e pelos genes que eles encerram. de modo a podermos compreender o mecanismo do nosso código genético, sensivelmente idêntico àquele que rege os outros elementos do universo.

Debruçar-nos-emos sobre os problemas da matéria e da antimatéria que os astrofísicos revelam pouco a pouco. Desenvolveremos algumas teorias novas, nomeadamente a dos «dois mundos», com tudo o que nos possa trazer de benefícios, comunicação espiritual entre nós e o nosso «anti-nós», através da face interior que os isola materialmente e que é essencial para que eles se não aniquilem numa prodigiosa energia luminosa.

Além disso, esclareceremos o tema do consulente, tendo em conta os períodos essenciais, espaços-tempos limitados, onde o seu cérebro se constituiu de uma maneira irreversível, quer dizer entre o 18º e o 25º dia após a concepção.

Levaremos em conta, igualmente, as diferenças que existem entre a utilização do hemisfério esquerdo e a do hemisfério direito do cérebro. Interessar-nos-emos pela metade direita, dita «dos sonhos» e que parece ser a fonte de riqueza do nosso inconsciente.

Enfim, separaremos o «parecer» que serve de máscara ao indivíduo e que dá aos outros a imagem que têm dele, do «ser» que ele é, intrinsecamente, com o seu inconsciente rico de símbolos astrológicos e que ele sente profundamente sem conseguir fazê-lo passar plenamente para fora de si próprio, para o outro que o observa e não o vê tal como o sente.

Porquê dez planetas?

Para o astrólogo, os planetas são, evidentemente, corpos celestes que fazem parte do sistema solar e cujas influências nos tocam de perto, mas também cada planeta apresenta para os humanos um fator dinâmico devido ao movimento contínuo e cíclico que o anima, em oposição aos signos zodiacais que representam um fator estático.

De qualquer modo, cada planeta é uma fonte de referências, de informações sobre o indivíduo a todos os níveis, conscientes ou inconscientes, sobre o seu instinto, a pulsão que o anima, o seu psiquismo, os seus sentimentos e as suas emoções.

Conservaremos todos os valores destes dados astrológicos mas servir-nos-emos deles unicamente como referências para as informações armazenadas no nosso código genético. Cada um destes valores que diz respeito à influência que poderá ter um planeta sobre o indivíduo é, na realidade, depois da sua concepção, conhecido e armazenado

do pelo seu código genético. Estes dados abstratos, programados em todo o ser humano, graças às combinações das bases azotadas, ser-vem parcialmente para formar o seu futuro intelectual, emocional e psíquico.

O astrólogo classifica os planetas em função dos quatro elementos: a água = umidade; o fogo = calor; a terra = secura; o ar = frio.

Planetas quentes

Sol ☉

Marte ♂

Vênus ♀

Júpiter ♃

Urano ♅

Planetas

Lua ☾

Mercúrio ☿

Saturno ♄

Netuno ♆

Planetas secos

Sol ☉

Mercúrio ☿

Marte ♂

Saturno ♄

Urano ♅

Em seguida, o astrólogo reagrupa-os em:

Planetas de fogo

Sol ☉

Marte ♂

Planetas de terra

Mercúrio ☿

Saturno ♄

Planetas de ar

Vênus ♀

Júpiter ♃

Planetas de água

Lua ☾

Netuno ♆

Urano e Plutão, descobertos mais recentemente, são ainda objeto de estudo e podem relacionar-se com o fogo e o ar, no caso de Urano e com o fogo e a água, no caso de Plutão.

Depois, os planetas são também classificados em:

Planetas masculinos

Sol ☼

Júpiter ♃

Marte ♂

Urano ♅

Planetas femininos

Lua ☾

Netuno ♆

Vênus ♀

Planetas neutros ou convertíveis

Mercúrio ☿

Plutão ♇

Saturno ♄

Não temos em vista atribuir-lhes características sexuais, mas sim identificar-lhes a atividade, a passividade ou ainda a tensão e a calma, e para os planetas neutros, a harmonia entre os dois estados.

Notemos ainda:

Planetas instintivos ou impulsivos

Lua ☾

Marte ♂

Júpiter ♃

Netuno ♆

Plutão ♇

Planetas inibitivos ou de reserva

Sol ☉

Saturno ♄

Urano ♅

Os planetas podem igualmente contrariar-se entre si.

Sol ☉ com Saturno ♄ Marte ♂ com Lua ☾

Vênus ♀ com Saturno ♄ Júpiter ♃ com Mercúrio ☿

Outros, pelo contrário, são complementares:

Sol ☉ com Lua ☾ Marte ♂ com Vênus ♀

Júpiter ♃ com Saturno ♄ Urano ♅ com Netuno ♆

Empiricamente, os astrólogos aperceberam-se que os planetas que se encontravam no seu signo zodiacal de afinidade possuíam uma influência maior sobre ele. Nesse caso, o planeta está:

No domicílio do signo (símbolo: domicílio = x).

Em compensação, quando o planeta se situa num signo oposto, de natureza diferente, a sua influência diminui e encontra-se nitidamente obstruída. Diz-se que o planeta está:

No exílio (símbolo: exílio = ✕).

Para além destes dois casos, existem outros signos onde os planetas manifestam toda a sua influência, ainda que não seja o seu signo de domicílio. Diz-se então que os planetas estão:

Em exaltação (símbolo: exaltação = ✱).

O oposto ao signo de exaltação será:

O signo de queda (símbolo: queda = ↘).

Também aí a influência do planeta será obstruída ou dissonante.

Desenhámos um quadro que reagrupa todos estes dados, chamado *Planetoscópio*.

O Planetoscópio

CARACTERÍSTICAS GERAIS														
PLANETAS	Frio	Quente	Húmido	Seco	Água	Terra	Fogo	Air	Feminino	Masculino	Neutro	Contrário	Complementar	
☾												♂	☉	Instintivo
♀												♂		
♂												♀	♂	Reserva
♄													♄	Instintivo
♅												♅	♄	Reserva
♆												♆	♅	Reserva
♇												♇	♆	Reserva
♈												♈	♇	
♉												♉	♈	
♊												♊	♉	Instintivo
♋												♋	♊	Reserva
♌												♌	♋	Instintivo

Porque os doze signos do zodíaco?

Eis os doze signos do zodíaco com o respectivo símbolo que os caracteriza:

Áries 

Touro 

Gêmeos 

Câncer 

Leão 

Virgem 

Balança 

Escorpião 

Sagitário 

Capricórnio 

Aquário 

Peixes 

A partir daqui, é fácil ao leitor conhecer o signo zodiacal do seu nascimento (ou signo solar), graças ao zodiacoscópio (quadro da página seguinte).

Mas o que é o zodíaco? E a região do céu, de 170° de altura, onde se encontram as constelações que deram o seu nome aos doze signos e na qual gravitam os planetas e que o Sol aparenta percorrer no seu movimento anual. Os astros fixos assinalados no zodíaco dividem-se em doze constelações chamadas constelações zodiacais cujo percurso total, feito pelo Sol, corresponde a uma revolução solar.

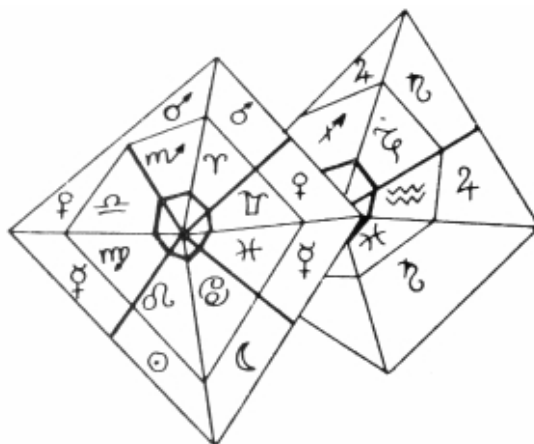
Cada uma destas doze constelações desempenha uma influência própria que atua sobre o homem e sobre a sua vida desde que ele nasce, no momento em que o Sol permanece na sua constelação de nascença (daí o nome de «signo solar» à nascença). Assim, consoante a data do nosso nascimento, cada constelação desempenha o seu papel em companhia do planeta ao qual está ligada e cuja ação se combina com a sua.

Do nosso ponto de vista, pensamos que essas influências são informações particulares que dizem respeito à constelação e ao planeta que a acompanha no momento do nascimento dum indivíduo — informações que estão armazenadas no seu código genético — e que lhe

O Zodialoscópio

[illegible]

Signos zodiacais e planetas Que lhes estão ligados



Cada signo do zodíaco está inserido no conjunto das doze constelações e determina as características mais originais e as mais ricas quanto ao simbolismo fundamental dos signos. Essas características são chamadas as *quadruplicidades* e as *triplicidades*.

As quadruplicidades

São em número de três e comportam, cada uma, quatro signos zodiacais. De qualquer modo, as quadruplicidades são a marca e a *influência das estações* sobre o caráter do homem que nasce durante uma das quatro estações. Na realidade, o código genético do indivíduo em causa foi programado com influências particulares inerentes às quadruplicidades e às triplicidades.

A primeira das quadruplicidades agrupa os quatro signos que marcam o princípio das estações; é chamada a *quadruplicidade cardeal*:

Áries ♈
(princípio da Primavera)

Libra ♎
(princípio do Outono)

Câncer ♋
(princípio do Verão)

Capricórnio ♑
(princípio do Inverno)

A segunda das quadruplicidades agrupa os quatro signos que marcam a plena força de uma estação: é chamada a *quadruplicidade fixa*:

Touro 	Escorpião 
(meados da Primavera)	(meados do Outono)
Leão 	Aquário 
(meados do Verão)	(meados do Inverno)

A terceira quadruplicidade agrupa os quatro signos que marcam o fim de uma estação e anunciam a chegada da próxima; é chamada a *quadruplicidade mutável*:

Gêmeos 	Sagitário 
(fim da Primavera)	(fim do Outono)
Virgem 	Peixes 
(fim do Verão)	(fim do Inverno)

As triplicidades

São em número de quatro e compreendem, cada uma, três signos zodiacais. São *referentes aos quatro elementos*, fogo, terra, ar e água, que, depois da classificação de Hipócrates, estão eles próprios em correspondência com os *quatro temperamentos*, fogo = irritável; terra = nervoso; ar = sanguíneo; água = linfático. Por outro lado, simbolicamente, ligam-se à cruz de Salomão que dá, para cada elemento, uma qualidade bem definida: o fogo é seco e quente; a terra é seca e fria; o ar é quente e úmido; a água é fria e úmida.

A primeira das triplicidades reagrupa os três signos, do fogo; é chamada a *triplicidade do fogo*:

Áries  Leão  Sagitário 

A segunda das triplicidades reagrupa os três signos da terra; é chamada a *triplicidade da terra*:

Touro  Virgem  Capricórnio 

A terceira das triplicidades reagrupa os três signos do ar; é chamada *a triplicidade do ar*:

Gêmeos  Libra  Aquário 

Por fim, a quarta das triplicidades agrupa os três signos da água; é a chamada *triplicidade da água*:

Câncer  Escorpião  Peixes 

Em astrologia, os caracteres são determinados de uma maneira mais completa do que pelo simples estudo das quadruplicidades e triplicidades. Com efeito, se correlacionarmos as quadruplicidades e as triplicidades face aos signos a que pertencem, notamos que nenhum signo é idêntico a outro. A prodigiosa diversidade das combinações possíveis que dão o código genético registrou as cambiantes subtis que existem nessas combinações. Obtemos assim as novas triplicidades compostas:

Triplicidade do fogo

O fogo cardeal, o Áries 

O fogo fixo, o Leão 

O fogo mutável, o Sagitário 

Triplicidade da terra

A terra cardeal, o Capricórnio 

A terra fixa, o Touro 

A terra mutável, a Virgem 

Triplicidade do ar

O ar cardeal, a Libra 

O ar fixo, o Aquário 

O ar mutável, os Gêmeos 

Triplidade da água

A água cardeal, o Câncer



A água fixa, o Escorpião



A água mutável, os Peixes



Eis um quadro que resume o resultado de todos estes novos conhecimentos e que vos servirá posteriormente para analisar as compatibilidades de carácter entre os indivíduos, quer se trate de amigos, de parentes ou de vós mesmos, no que respeita ao acordo ou desacordo entre os elementos psicológicos próprios do vosso signo de nascimento e aqueles que são dados pelo vosso signo ascendente.

Quadro recapitutivo gera!

SOL											
POGO CARDINAL	o				x	X	↘				Fc
LUA				x			↘	X			
POGO FIXO					o						Ff
MERCURIO			x					X		↘	
POGO MUTAVEL							o				Fm
VENUS		x			↘	x	X				
TERRA CARDINAL								o			Tc
MARTE	x			↘		X	x				
TERRA FIXA		o									Tf
JUPITER							X	x	↘		
TERRA MUTAVEL						o					Tm
SATURNO	↘	X							x		
AR CARDINAL							o				Ac
URANO						X		↘		x	
AR FIXO									o		Af
PLUTÃO						X		x	↘		
AR MUTAVEL		o									Am
NEPTUNO		X						x		x	
AGUA CARDINAL				o							Ec
AGUA FIXA							o				Ef
AGUA MUTAVEL									o		Em

COMO DETERMINAR O SEU SIGNO ASCENDENTE?

O leitor deve saber que, astrologicamente falando, dá aos outros uma imagem de si próprio que corresponde, em traços gerais, ao caráter do signo zodiacal no qual tem o seu ascendente.

Mas, pode interrogar-se, o que é o ascendente? E o ponto imaginário situado na intersecção do horizonte e da eclíptica.

A eclíptica é o caminho circular percorrido, aparentemente, pelo Sol em torno da Terra, em 365 dias, 5 horas e 49 minutos, ou seja pois, em tomo do zodíaco. Deste modo, o ascendente é o signo zodiacal que se levanta no horizonte oriental no momento do nascimento.

Mas o que é o *horizonte oriental*? A Terra gira sobre si própria, no sentido Oeste para Este, a velocidade constante. No entanto, um observador voltado para Sul, vê os corpos celestes desfilarem diante dele como um condutor verá a paisagem da estrada desfilarem ao longo do seu vidro esquerdo, quando na realidade o observador se desloca com a Terra, embora tenha a impressão que são as estrelas que desfilam à sua frente.

Eis porque o Sol aparecerá a Este, à sua esquerda, passará à sua frente subindo para depois descer e desaparecer a Oeste.

E toda a abóboda celeste que parece rodar em tomo dele. Acontece da mesma maneira com os signos zodiacais que parecem deslocar-se em relação ao horizonte sobre um eixo Este-Oeste e, cada duas horas, um novo signo se levanta no horizonte oriental, ou seja, a Este.

Como encontrar o signo ascendente?

Para determinar o seu signo ascendente é necessário conhecer *a data, a hora e o local onde nasceu*. Eis as pesquisas que tem de efetuar:

1. Local e data de nascimento

Verifique no registro do seu nascimento (Conservatória do Registro Civil) a hora, dia, mês, ano e local onde ocorreu.

A título de exemplo vamos considerar que Miguel nasceu a 17 de Abril de 1962, em Bragança, às 11 horas e 30 minutos.

2. A hora local

Como deve saber, a hora sofreu variações com o decorrer dos anos. Deve, portanto, começar por calcular a hora local do seu nascimento. Para isso, consulte os seguintes elementos:

Categoria 1: nascidos antes de 1 de Janeiro de 1912

Até 1911 vigorou em Portugal o sistema de hora solar média do meridiano de Lisboa (que seria o meridiano zero) e assim será necessário adicionar à hora do seu nascimento o número de minutos indicado no quadro seguinte, elaborado para as capitais de distrito:

+ 1 minuto para	Aveiro Leiria Porto Santarém Setúbal Viana do Castelo
+ 3 minutos para	Braga Coimbra
+ 5 minutos para	Beja Évora Faro Vila Real Viseu
+ 7 minutos para	Castelo Branco Portalegre
+ 8 minutos para	Guarda
+ 10 minutos para	Bragança

Categoria II: nascidos depois de 1 de Janeiro de 1912

Em 1 de Janeiro de 1912, Portugal aderiu à Convenção de Washington de 1884, onde se havia adotado para base da contagem

do tempo o meridiano de Greenwich (tempo médio de Greenwich ou, hoje designado por T. U. — tempo universal). Deste modo, terá que proceder às correções do quadro seguinte:

-37 minutos	-36 minutos	-34 minutos	-32 minutos	-30 minutos	-29 minutos
Lisboa	Aveiro Leiria Porto Santarém Setúbal V. Castelo	Braga Coimbra	Beja Évora Faro V Real Viseu	Castelo Branco Portalegre	Guarda
-27 minutos					
Bragança					

De 1/1/1912 a 17/6/1916, correção da hora de nascimento de acordo com o quadro acima. A partir desta última data, foram introduzidas as horas de Verão que obrigam às seguintes correções suplementares:

ANO	DATA E HORA INICIAL	CORREÇÃO DA HORA DE NASCIMENTO	DATA E HORA FINAL
1916	17/6, 23 h	- 60 min.	1/11. 1 h
1917/21	1/3, 23 h	- 60 min.	14/10, 24 h
1922/23	hora média de Greenwich (tabela Categoria 11)		
1924	16/4, 23 h	- 60 min.	4/10, 24 h
1925		hora média de Greenwich	
1926	17/4, 23 h	- 60 min.	2/10, 24 h
1927	9/4, 23 h	- 60 min.	1/10, 24 h
1928	14/4, 23 h	- 60 min.	6/10, 24 h
1929	20/4, 23 h	- 60 min.	5/10, 24 h
1930		hora média de Greenwich	
1931	18/4, 23 h	- 60 min.	3/10, 24 h
1932	2/4, 23 h	- 60 min.	1/10, 24 h
1933		hora média de Greenwich	
1934	7/4, 23 h	- 60 min.	6/10, 24 h
1935	30/3, 23 h	- 60 min.	6/10, 24 h
1936	18/4, 23 h	- 60 min.	3/10, 24 h
1937	3/4, 23 h	- 60 min.	2/10, 24 h
1938	26/3, 23 h	- 60 min.	1/10, 24 h
1939	15/4, 23 h	- 60 min.	18/11, 24 h
1940	24/2, 23 h	- 60 min.	7/10, 24 h
1941	5/4, 23 h	- 60 min.	5/10, 24 h
1942	14/3, 23 h	- 60 min.	25/4, 23 h
	25/4, 23 h	- 2 h	15/8, 24 h
	15/8, 24 h	- 60 min.	24/10, 24 h
1943	13/3, 23 h	- 60 min.	17/4, 23 h
	17/4, 23 h	- 2 h	28/8, 24 h
	28/8, 24 h	- 60 min.	30/10, 24 h
1944	11/3, 23 h	- 60 min.	22/4, 23 h
	22/4, 23 h	- 2 h	26/8, 24 h
	26/8, 24 h	- 60 min.	28/10, 24 h

ANO	DATA E HORA INICIAL	CORREÇÃO DA HORA DE NASCIMENTO	DATA E HORA FINAL.
945	10/3, 23 h	-60 min.	21/4, 23 h
	21/4, 23 h	- 2 h	25/8, 24 h
	25/8, 24 h	- 60 min.	27/10, 24 h
1946	6/4, 23 h	-60 min	5/10, 24 h
1947	6/4, 2 h	-60 min	5/10, 3 h
948	4/4, 2 h	-60 min-	3/10, 2 h
1949	3/4, 2 h	-60 min.	2/10, 3 h
1950	2/4, 2 h	-60 min.	1/10, 3 h
951	1/4, 2 h	-60 min	7/10, 3 h
1952	6/4, 2 h	- 60 min.	5/10, 3 h
1953	5/4, 2 h	-60 min.	4/10, 3 h
1954	4/4, 2 h	-60 min	3/10, 3 h
955	3/4, 2 h	-60 min.	2/10, 3 h
1956	1/4, 2 h	-60 min.	7/10, 3 h
1957	7/4, 2 h	-60 min.	6/10, 3 h
1958	6/4, 2 h	-60 min.	5/10, 3 h
1959	5/4, 2 h	-60 min.	4/10, 3 h
1960	3/4, 2 h	-60 min.	2/10, 3 h
1961	2/4, 2 h	-60 mm	1/10, 3 h
1962	1/4, 2 h	-60 min	7/10, 3 h
1963	7/4, 2 h	-60 min.	6/10, 3 h
1964	5/4, 2 h	- 60 min.	4/10, 3 h
965	4/4, 2 h	-60 min.	3/10, 3 h
966	3/4, 2 h	-60 min.	31/12, 24 h
De 1967 a 1975, deduzir 60 min.			
1976, deduzir 60 min. até 26/9			
	1 h		
1977	27/3, 0 h	-60 min.	25/9, 1 h

Nota: a partir de 1976 foram decretadas duas mudanças de hora por ano, isto é, o regresso à hora do meridiano de Greenwich (T. U.) no período compreendido entre as O horas do último domingo de Setembro e as O horas do último domingo de Março seguinte. Quer dizer, para as pessoas nascidas entre o último domingo de Março e o último de Setembro, hora de Verão, haverá que deduzir 60 minutos na sua hora de nascimento (como acima se indica para 1977).

Voltemos ao nosso exemplo, o Miguel nascido em Bragança, em 17 de Abril de 1962, pelas 11 h e 30 m:

Hora de registro do nascimento	11 h 30 m
Correção relativa ao local (Bragança)	<u>-27 m</u>
	11h 3m
Correção relativa à data (17/4 de 1962)	<u>-60 m</u>
Hora local de nascimento do Miguel	10 h 3 m

3. A hora sideral

Recorra aos esquemas «caracóis das horas siderais». Mas o que é a hora sideral? E a 24ª parte do dia sideral, cuja diferença mínima com a 24ª parte do dia solar médio é da ordem dos dez segundos (exatamente 9,85 segundos). O dia sideral é igual a uma rotação da Terra, cuja duração é imutável. Uma vez que o dia solar varia um pouco, o dia verdadeiro é o dia sideral que mede o tempo entre duas passagens do Sol pelo mesmo meridiano. Os astrônomos efetuaram a média dos dias verdadeiros a fim de obterem o valor do dia médio. A hora astronômica será pois a 24ª parte do dia médio e é contada de meio-dia a meio-dia (em lugar de ser a partir da meia-noite).

Para estabelecer o esquema astral de Toth, o que nos importa saber é que a duração do dia sideral é imutável e que é mais curta do que a duração do dia médio em 3 m 56 s.

Procure no caracol adequado (de Janeiro a Junho inclusive ou de Julho a Dezembro inclusive) o mês e o dia do seu nascimento. Nele está indicada uma hora. Tome nota dela porque é a hora sideral do seu aniversário.

A hora sideral do nosso Miguel é de 13 h 38 m.

4. O tempo sideral do seu nascimento

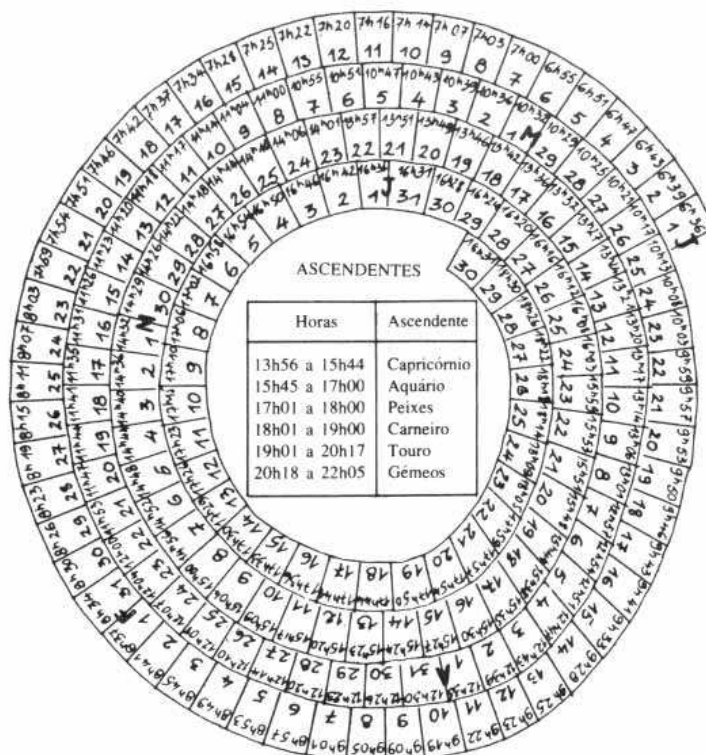
Adicione a hora local do seu nascimento com a sua hora sideral. Esta soma indica o *tempo sideral* do seu nascimento. Se o total passar de 24 h suprima 24 h para obter a hora do quadrante.

No exemplo do Miguel, será:

Hora local	10 h 3 m
Hora sideral	<u>13 h 38 m</u>
Tempo sideral de nascimento do Miguel	23 h 41 m

Anote cuidadosamente o tempo sideral do seu nascimento porque vai ter necessidade dele para encontrar o seu signo ascendente. Com efeito, repare que no centro do caracol existe a indicação dos signos ascendentes. Após saber o seu tempo sideral (hora local mais hora sideral, esta obtida no caracol) verifique a indicação do signo ascendente na tabela do centro do caracol. Voltando ao Miguel, cujo tempo sideral é de 23 h 41 m, verificamos que o signo ascendente é o Câncer (22 h 5 m a O h 34 m).

Os dois caracóis das horas siderais



de Janeiro a Junho, inclusive

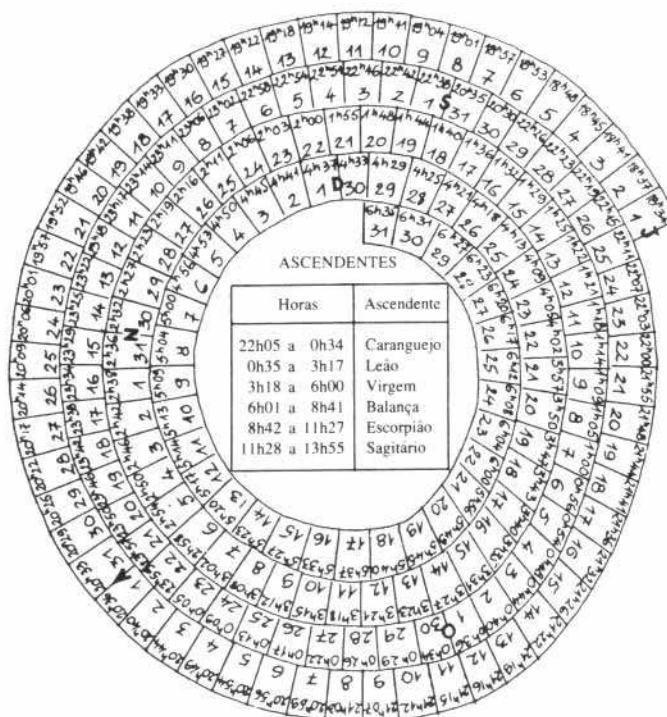
Recapitulemos o processo descrito para encontrar o signo ascendente, recorrendo a novo exemplo.

Daniel, nascido às 7 h 30 m de 30 de Outubro de 1960, em Lisboa.

Hora de registro de nascimento 7 h 30 m
 Correção relativa ao local -37 m
 6 h 53 m

Correção relativa à data
 e ano é nula (hora de Greenwich)

Hora local do nascimento de Daniel 6 h 53 m



de Julho a Dezembro, inclusive

Do caracol de Outubro, dia 30, tiramos 2 h 32 m. Portanto:

Hora local	6 h 53 m
Hora sideral	<u>2 h 32 m</u>
Tempo sideral	9 h 25 m

O signo ascendente do Daniel é, pois, Escorpião (no quadro central do caracol 8 h 42 m a 11 h 27 m).

Assim o Daniel tem:

Signo solar de nascimento — Escorpião

Signo ascendente — Escorpião.

Importância do signo ascendente

Falemos ainda um pouco mais do signo ascendente e da sua importância no esquema astral de Toth.

O ascendente indica, muito particularmente, as *características do caráter* do indivíduo e as, *qualidades psicológicas* que determinam as suas ações e reações. E a razão porque uma parte importante da imagem que os outros têm dele, é revelada pelo signo ascendente.

Como a sua maneira de se comportar na sociedade depende fundamentalmente da influência do signo ascendente, fácil será de entender quanto o seu trabalho, situação material e as suas relações estarão sob essa dependência.

Por outro lado, o ascendente é o signo dominante no que respeita a *aparência física e saúde* do indivíduo. Essa a explicação da espantosa semelhança que apresentam certas crianças que têm o signo de nascimento igual ao do ascendente do pai, da mãe, do tio ou da tia. Nestes casos precisos, o entendimento será bem melhor e as relações, plenas de compreensão, serão duradouras e intensas.

O ascendente num signo do fogo confere ao seu possuidor a energia, a vitalidade e a resistência. Seja qual for o seu signo de nascimento, o indivíduo dominará as situações, tomará decisões rápidas. A sua autoconfiança será grande e beneficiará de golpes de sorte (na realidade estará disponível no momento exato e apto a aproveitar a oportunidade).

O ascendente num signo do ar diminui a vitalidade e a energia, mas aumenta a sensibilidade e os dons artísticos. Seja qual for o signo de nascimento, o indivíduo far-se-á notado pelo seu tacto, a sua compreensão e a sua amabilidade. Será aberto e emotivo. O caráter toma-se mais refletivo e, por esse fato, o indivíduo possuindo um signo do ar no ascendente evolui frequentemente nos domínios intelectuais ou espirituais. Está mais apto à felicidade que os outros (contenta-se com as pequenas alegrias da existência) e sabe adaptar-se ou ceder, o que faz de sua própria vontade, sem que isso signifique fraqueza de caráter.

O ascendente num signo da água diminui a resistência e a vitalidade, aumentando a fragilidade e a fadiga do indivíduo. Pelo seu caráter sentimental é um intuitivo, um mórbido ou hipersensível e sonhador. Age lentamente, possui uma boa memória e é saudosista.

O ascendente num signo da terra beneficia de uma boa saúde sem que para isso possua urna constituição muito robusta ou uma forte vitalidade. E um trabalhador, um metódico que ama a estabilidade. Refletido, preciso, toma-se bastante conservador e pode provar a sua tenacidade, confiança e honestidade segura. Tudo nele é prático, objetivo, racional e lógico. E auto-suficiente e nada mais deseja do que a sua independência. Tentará sempre bastar-se a si próprio e provar as suas idéias.

O jogo do astroloscópio

Entendamo-nos. Para vos ajudar a fixar as características do vosso signo de nascimento e do vosso signo ascendente, eis um jogo que, esperamos, vos divertirá por momentos.

O jogo do astroloscópio consiste em encontrar nas colunas do quadro seguinte a/ou as características que se prendem com o vosso signo e de notar alou as letras que designam a/ou as colunas em questão.

Uma vez fixadas todas as características contidas nas colunas A, B, C e D, some os primeiros números das colunas em causa. O número que obtiver dá-lhe a resposta certa. Para tal, será suficiente consultar o quadro dos resultados da página 55.

Este jogo, para um só jogador, tem a finalidade de permitir reunir as recordações do leitor e verificar se a sua leitura foi proveitosa.

Mas há outra maneira de jogar mais interessante. E fazer o jogo com os amigos e parentes.

Apresente-lhes o quadro do astroloscópio e peça-lhes, somente, para encontrarem nas colunas as características dos seus signos de nascimento ou dos seus ascendentes. Uma vez que eles tenham indicado as colunas onde estão inscritas as suas características próprias, fixe mentalmente o primeiro algarismo de cada e some-os. Em face do total obtido consulte o quadro dos resultados e, para espanto dos seus amigos, diga-lhes quais os seus signos.

Pode fazê-los efetuar a mesma operação para o signo ascendente, recorrendo aos mesmos quadros.

Manuela, uma amiga, vai-nos ajudar a exemplificar o jogo do astroloscópio para melhor compreensão.

Ela indica-nos que as suas características estão nas colunas A, C e D. Soma os primeiros algarismos dessas colunas, isto é, $4 + 8 + 2 = 14$ e olhando para o quadro dos resultados verifica que o seu signo é o Sagitário.

Agora, ela vai procurar no astroloscópio as características do seu signo ascendente. Procure ajudá-la sabendo que as colunas que a Manuela escolheu foram as A, B, C e D.

Qual é o signo ascendente da nossa amiga? (solução na página 55).

QUADRO DE CARACTERÍSTICAS

A	B	C	D
4 Você troça de toda a gente.	1 A sua estrela é Sothis (ou Sírio).	8 você pertence à triplicidade do ar fixo.	2 você pertence à constelação de Orion
O seu signo abre o Inverno.	O seu signo está em pleno Outono.	O seu signo está em pleno Verão.	Você pertence à triplicidade do ar mutável.
O seu planeta é a Lua.	Você pertence à triplicidade do fogo cardeal.	você pertence à triplicidade da água fixa.	você pertence à triplicidade do fogo mutável.
Você pertence à triplicidade da água mutável.	O seu signo abre o Verão.	A sua data de nascimento é de 12/12 a 19/1.	Você pertence à triplicidade do fogo fixo.
O seu signo situa-se no fim do Outono.	O seu planeta é Saturno.	O seu signo acaba no fim do Verão.	você pertence à triplicidade da água cardeal.
Você pertence à triplicidade da terra fixa.	A sua estrela é o Sol.	O seu planeta é Júpiter.	O seu signo abre o Outono.
O seu planeta é Marte.	O seu signo está em plena Primavera.	você pertence à triplicidade do ar cardeal.	O seu signo abre a Primavera.
O seu signo está no fim da Primavera.	você pertence à triplicidade da terra mutável.	O seu planeta é Saturno.	você pertence à triplicidade da terra cardeal.

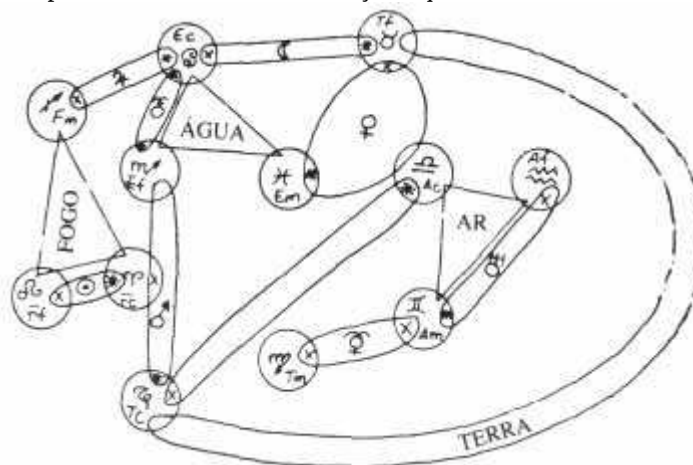
Quadro de resultados

3—Áries	11—Leão
5 — Touro	12 — Peixes
6 — Gêmeos	13 — Escorpião
7 — Câncer	14 — Sagitário
9 — Virgem	15 — Capricórnio
10 — Libra	8 — Aquário

Solução do jogo efetuado pela Manuela: o signo ascendente é o Capricórnio (total 15).

O Zodiacoplanetoscópio

Se não gosta ou não quer consultar livros à procura das informações que são necessárias, o esquema a seguir indicado, o Zodiacoplanetoscópio, permite-lhe com uma vista de olhos a recolha de tudo o que diz respeito a signos, planetas, triplicidades e quadruplicidades, domicílios, exaltações, quedas e exílios.



Fm = Fogo mutável	Am = Ar mutável
Ff = Fogo fixo	Af = Ar fixo
Fc = Fogo cardeal	Ac = Ar cardeal
Am = Água mutável	Tm = Terra mutável
Af = Água fixa	Tf = Terra fixa
Ac = Água cardeal	Tc = Terra cardeal

N. do T. — As alterações de hora verificadas em Portugal desde 1912 e mencionadas neste capítulo, foram retiradas da publicação «Os regimes de hora legal no nosso País», gentilmente cedida pelos Serviços do Observatório Astronômico de Lisboa.

CAPÍTULO V

QUE SÃO OS DECANOS EGÍPCIOS?

Os sacerdotes da Antiguidade entregavam-se às previsões siderais e à astronomia, confundindo despreocupadamente estas duas doutrinas numa só essência religiosa, cujo culto era votado ao deus Ré (o deus Sol).

O zodíaco estático dos Egípcios era formado pelo conjunto das doze moradas, nas quais o Sol entrava à medida que decorria o ano Sothis. Estas doze passagens originavam doze signos distintos consoante as constelações do zodíaco percorridas pelo Sol e pela Lua.

Eles colocavam à cabeça os deuses cuja influência cobria cada mês do ano. Os Egípcios dividiram os meses em três partes iguais de dez dias, o que forma os decanatos. Assimilaram as idéias dos Assírios e Caldeus? Ou foram estes que as copiaram? Verdadeiramente, nada se sabe.

Os Egípcios verificaram que o decanato representa cerca de dez graus no espaço e de dez dias no tempo. Cada mês possuía então três decanatos, sobre os quais velavam as estrelas chamadas para a ocasião «deuses conselheiros». No total, trinta e seis deuses conselheiros, um por cada decanato. Dezoito deuses conselheiros ocupavam-se das coisas que se passavam sobre a Terra e os restantes dezoito das que se passavam sob a Terra.

O Sol, a Lua, Saturno, Marte, Júpiter, Vênus e Mercúrio ocupavam o vértice da hierarquia divina e chamavam-se deuses intérpretes. A rigidez do sistema dava a predominância aos planetas cujo curso regular indicava a boa marcha e a boa sucessão dos acontecimentos. No entanto, Saturno, o mais elevado no céu, tinha o nome de «revelador» e beneficiava de uma veneração especial.

Os princípios da astrologia egípcia foram redigidos nos livros sagrados pelo deus Thot, guardião da escrita e dos números. Os Gregos,

alguns anos mais tarde, exploraram o mito sob o nome de Hermes.

Com efeito, as astrologias caldeia e egípcia estenderam-se até aos Gregos que as associaram numa só «ciência», a apotelesmática (ciência das influências).

Mas voltemos aos decanatos propriamente ditos, cuja lista com os nomes dos planetas correspondentes indicaremos a seguir. A título de curiosidade, indicamos à frente de cada decanato a divindade egípcia de ordem secundária que presidia ao seu destino.

CONSTELAÇÃO	PLANETAS	DIVINDADES EGÍPCIAS
Áries	1 — Marte 2 — Sol 3 — Vênus	Chontaré Chontacré Seket
Touro	1 — Mercúrio 2 — Lua 3 — Saturno	Choris Em Remboucaré
Gêmeos	1 — Júpiter 2 — Marte 3 — Sol	Theosolk Oucré Phuor
Câncer	1 — Vênus 2 — Mercúrio 3 — Lua	Soltris Sith Chnoum
Leão	1 — Júpiter 2 — Marte 3 — Sol	Chachnoumen Thepé Phoupp
Virgem	1 — Sol 2 — Vênus 3 — Mercúrio	Thomis Ouestriosto Aphoso
Libra	1 — Lua 2 — Saturno 3 — Júpiter	Souchoe Ptechout Chontaré

CONSTELAÇÃO	PLANETAS	DIVINDADES EGÍPCIAS
Escorpião	1 — Marte 2 — Sol 3 — Vênus	Stochnené Sesme Sieme
Sagitário	1 — Mercúrio 2 — Lua 3 — Saturno	Reouo Sisme Choncaré
Capricórnio	1 — Júpiter 2 — Marte 3 — Sol	Smot Sro Ino
Aquário	1 — Vênus 2 — Mercúrio 3 — Lua	Ptiaû Asen Ptelviou
Peixes	1 — Saturno 2 — Júpiter 3 — Marte	Abiou Chontaré Ptebiou

Qual é a utilidade dos decanatos?

A maior parte dos astrólogos nega-lhe qualquer utilidade. Praticamente, nunca se servem deles.

Pela nossa parte, apercebemo-nos ao longo de trinta anos de experiência astrológica que a utilidade dos decanatos egípcios é considerável no plano da procura das qualidades intrínsecas do cérebro e, nomeadamente, para avaliar os *fenômenos intelectuais, emocionais ou conceptuais* do hemisfério esquerdo ou direito, assim como para medir a *riqueza do subconsciente*.

Por outro lado, a procura do planeta que rege o decanato permite uma melhor definição do ser e do parecer do indivíduo, dissociando-os perfeitamente.

Veremos, igualmente, que a utilização dos decanatos egípcios permite compreender o simbolismo duma personalidade, dando-nos da mesma a chave das cores, astúcia interessante imaginada por um sacerdote de nome Toth.

Não esqueçamos que os Egípcios retomaram a analogia que existe entre os planetas e os metais, cujo brilho tinha coloração semelhante. As propriedades químicas dos metais foram relacionadas com as influências siderais e assim codificadas. E curioso notar que a análise eletroquímica desses metais produziu os mesmos resultados quanto à cor, com exceção do estanho ou do zinco, associados ao azul pelos sacerdotes. Mas sabemos que o azul resultaria antes do cobalto que, na época dos faraós, era totalmente desconhecido, embora os antigos falassem do «Kobolt» que servia para colorir o vidro de azul...

A lista das analogias é como se segue:

O Sol, cujo metal é o ouro, a cor o amarelo e cuja análise eletroquímica dá o laranja.

A Lua, cujo metal é a prata, a cor o branco e cuja análise dá o branco.

Vênus, cujo metal é o cobre, a cor o verde e cuja análise dá o verde.

Júpiter, cujo metal podia ser o cobalto, a cor o azul e cuja análise dá o azul.

Saturno, cujo metal é o chumbo, a cor o negro e cuja análise dá o castanho-escuro.

Mercúrio, cujo metal é o mercúrio (ou prata viva), a cor o branco-brilhante e cuja, análise dá o branco.

Como pormenores suplementares citamos:

Nas crenças russas, o cobre está associado à cor verde. Por isso a «deusa da montanha de cobre», que representa o Ural, tem olhos verdes e enverga uma túnica verde de malaquita. Outras representações apresentam-na sob o aspecto de um lagarto verde. E o símbolo da luz, da vida e da beleza.

Quanto ao ferro, os Egípcios identificavam-no aos ossos de Seth, divindade tenebrosa, considerada como o furacão do Nilo. Os sacerdotes consideravam-no o oposto simbólico do cobre. E o símbolo da robustez, da dureza, da inflexibilidade.

A prata, no Egito, representa os ossos dos deuses e é o símbolo da pureza. Entre os Russos é igualmente o símbolo da pureza e da purificação.

Ainda no Egito, o chumbo é o símbolo da individualidade inatingível atribuída ao deus separador Saturno que é a demarcação.

No princípio, os Egípcios recorriam aos decanatos para determinarem as horas da noite. Os quadros das constelações permitiam-lhes saber as horas porque o mesmo decanato permanecia visível no horizonte durante um período de cerca de dez dias.

Nos sarcófagos e nos muros dos templos e dos túmulos figuravam numerosas imagens simbólicas do antigo Egito que mostravam o papel dos trinta e seis decanatos como gênios protetores.

O simbolismo dos decanatos tinha o seguinte significado:

Áries

1º decanato: Atividade em todos os domínios.

2º decanato: Exaltação e aptidão para o comando.

3º decanato: Iniciador. Propagandista espiritual.

Touro

1º decanato: Iniciação.

2º decanato: Possuidor de conhecimentos. Sentido de responsabilidade.

3º decanato: Abundância. Enriquecimento. Extravagância.

Gêmeos

1º decanato: Intuição. Elevação espiritual e intelectual.

2º decanato: Atividades mantidas em todos os domínios.

3º decanato: Razão. Exuberância.

Câncer

1º decanato: Aptidões práticas.

2º decanato: Revelação. Realizações potenciais.

3º decanato: Amor ao lar. Curiosidade.

Leão

1º decanato: Convincente. Tendências filosóficas ou religiosas elevadas.

2º decanato: Autoridade.

3º decanato: Ambição. Condutor de homens. Gosto pelo poder.

Virgem

1º decanato: Atividade espiritual. Assimilação rápida.

2º decanato: Experiências práticas.

3º decanato: Tendência para se colocar no lugar do próximo sem sacrifício.

Libra

1º decanato: Retomo às origens. Necessidade de ritos iniciáticos.

2º decanato: Expição. Virado para o exterior.

3º decanato: Independência. Liberdade de pensamento.

Escorpião

1º decanato: Impulsos sexuais. Criatividade. Magnetismo vital.

2º decanato: Responsabilidade.

3º decanato: Idealismo. Instintos controlados e apurados.

Sagitário

1º decanato: Amor à humanidade. Religiosidade.

2º decanato: Procura em todos os planos, físico, mental, espiritual.

3º decanato: Pedagogo. Sentido das responsabilidades. Necessidade de transmitir os seus conhecimentos em todos os domínios.

Capricórnio

1º decanato: Ideal elevado, manifestado de forma concreta.

2º decanato: Sentido de organização e de realização.

3º decanato: Atividade infatigável. Teimosia.

Aquário

1º decanato: Originalidade. Invenção. Independência intelectual.

2º decanato: Imaginação mística. Inspiração.

3º decanato: Procura de ligação platônica. Repressão voluntária dos desejos.

Peixes

1º decanato: Procura da verdade metafísica.

2º decanato: Masoquismo espiritual. Necessidade de realizar uma missão espiritual. Auto-sacrifício.

3º decanato: Incansável nas procuras psíquicas. Adaptação fácil.

Veremos, mais adiante, que este simbolismo aparece identificado com o código de cores do sacerdote Toth.

Evidentemente, estas interpretações devem ser combinadas com a fone influência que o planeta no domicílio, no signo considerado, pode exercer, independentemente das influências menores dos decanatos.

Mas os Egípcios não ficaram por aí. Dividiram cada decanato em três partes (ou faces). Cada uma destas divisões tinha um valor de 3 a 8 graus. A regra geral considerava que, logo que um planeta se encontrava no seu decanato ou na sua face, a sua ação era reforçada.

O decanatoscópio egípcio era então como se segue:

Áries: de 21/3 a 20/4, sob a influência de Marte.

1º decanato: 21/3 a 30/3: Marte (Júpiter: 6 dias, Vênus: 4 dias).

2º decanato: 31/3 a 10/4: Sol (Vênus: 4 dias, Mercúrio: 6 dias).

3º decanato: 11/4 a 20/4: Vênus (Mercúrio: 1 dia, Marte: 6 dias, Saturno: 3 dias).

Touro: de 21/4 a 20/5, sob a influência de Vênus.

1º decanato: 21/4 a 30/4: Mercúrio (Vênus: 8 dias, Mercúrio: 2 dias).

2º decanato: 1/5 a 10/5: Lua (Mercúrio: 5 dias, Júpiter: 5 dias).

3º decanato: 11/5 a 20/5: Saturno (Júpiter: 2 dias, Saturno: 4 dias, Marte: 4 dias).

Gêmeos: de 21/5 a 21/6, sob a influência de Mercúrio.

1º decanato: 21/5 a 30/5: Júpiter (Mercúrio: 7 dias, Júpiter: 3 dias).

2º decanato: 31/5 a 9/6: Marte (Júpiter: 4 dias, Vênus: 6 dias).

3º decanato: 10/6 a 21/6: Sol (Vênus: 1 dia, Saturno: 5 dias, Marte: 5 dias).

Câncer: de 22/6 a 22/7, sob a influência da Lua.

1º decanato: 22/6 a 1/7: Vênus (Marte: 6 dias, Júpiter: 4 dias).

2º decanato: 2/7 a 11/7: Mercúrio (Júpiter: 3 dias, Mercúrio: 7 dias).

3º decanato: 12/7 a 22/7: Lua (Vênus: 7 dias, Saturno: 3 dias).

Leão: de 23/7 a 22/8, sob a influência ao Sol.

1° decanato: 23/7 a 1/8: Saturno (Saturno: 6 dias, Mercúrio: 4 dias).

2° decanato: 2/8 a 11/8: Júpiter (Mercúrio: 3 dias, Vênus: 6 dias, Júpiter: 1 dia).

3° decanato: 12/8 a 22/8: Marte (Júpiter: 5 dias, Marte: 5 dias).

Virgem: de 23/8 a 22/9, sob a influência de Mercúrio.

1° decanato: 23/8 a 1/9: Sol (Mercúrio: 7 dias, Vênus: 3 dias).

2° decanato: 2/9 a 11/9: Vênus (Vênus: 3 dias, Júpiter: 5 dias, Saturno: 2 dias).

3° decanato: 12/9 a 22/9: Mercúrio (Saturno: 4 dias, Marte: 6 dias).

Libra: de 23/9 a 22/10, sob a influência de Vênus.

1° decanato: 23/9 a 2/10: Lua (Saturno: 6 dias, Vênus: 4 dias).

2° decanato: 3/10 a 12/10: Saturno (Vênus: 1 dia, Júpiter: 8 dias, Mercúrio: 1 dia).

3° decanato: 13/10 a 22/10: Júpiter (Mercúrio: 4 dias, Marte: 6 dias).

Escorpião: de 23/10 a 21/11, sob a influência de Marte.

1° decanato: 23/10 a 1/11: Marte (Marte: 6 dias, Júpiter: 4 dias).

2° decanato: 2/11 a 11/11: Sol (Júpiter: 4 dias, Vênus: 6 dias).

3° decanato: 12/11 a 21/11: Vênus (Vênus: 1 dia, Mercúrio: 6 dias, Saturno: 3 dias).

Sagitário: de 22/11 a 20/12, sob a influência de Júpiter.

1° decanato: 22/11 a 1/12: Mercúrio (Júpiter: 8 dias, Vênus: 2 dias).

2° decanato: 2/12 a 11/12: Lua (Vênus: 4 dias, Mercúrio: 5 dias, Saturno: 1 dia).

3° decanato: 12/12 a 20/12: Saturno (Saturno: 5 dias, Marte: 5 dias).

Capricórnio: de 21/12 a 19/1, sob a influência de Saturno.

1° decanato: 21/12 a 30/12: Júpiter (Vênus: 6 dias, Mercúrio: 4 dias).

2° decanato: 31/12 a 9/1: Marte (Mercúrio: 2 dias, Júpiter: 7 dias, Marte: 1 dia).

3° decanato: 10/1 a 19/1: Sol (Marte: 5 dias, Saturno: 5 dias).

Aquário: de 20/1 a 18/2, sob a influência de Júpiter.

1° decanato: 20/1 a 29/1: Mercúrio (Saturno: 6 dias, Mercúrio: 4 dias).

2° decanato: 30/1 a 8/2: Lua (Mercúrio: 2 dias, Vênus: 8 dias).

3° decanato: 9/2 a 18/2: Saturno (Júpiter: 5 dias, Marte: 5 dias).

Peixes: de 19/2 a 20/3, sob a influência de Saturno.

1° decanato: 19/2 a 28/2: Júpiter (Vênus: 8 dias, Júpiter: 2 dias).

2° decanato: 1/3 a 10/3: Marte (Júpiter: 4 dias, Mercúrio: 6 dias).

3° decanato: 11/3 a 20/3: Vênus (Marte: 6 dias, Saturno: 4 dias).

A astúcia do sacerdote Toth:

a chave do código das cores dos decanatos

Este sacerdote egípcio viveu na quarta dinastia, aquela que viu a multiplicação das pirâmides. A sua câmara tumular, trazida à luz do dia, tinha o seu nome gravado na pedra, bem como um enigma que, uma vez decifrado permite compreender que este sacerdote se dedicava à astrologia. A inscrição indicava também a maneira de compor um tema astrológico simples, sem cálculos e sem recorrer às efemérides. Este horóscopo tem uma comprovada facilidade de manipulação e os seus resultados atuais são espantosos.

Toth tinha imaginado a repartição das cores dos planetas nos decanatos que governavam. Assim, pode-se fazer a primeira leitura e a interpretação à luz das influências planetárias que regem os decanatos e, de seguida, completar essa primeira leitura com a interpretação simbólica das cores que cobrem os decanatos.

O simbolismo ético das cores, entre os Egípcios, é bem conhecido: por exemplo, o negro nas obras de arte é o sinal do renascimento póstumo e da preservação eterna. E a cor do deus Anúbis e do deus Min, que guiam os mortos no outro mundo e que presidem à geração e às colheitas. Do mesmo modo, Osíris, de negro, adorna-se também do verde da vida vegetal e da juventude em pleno vigor.

Vimos que o ouro representa os ossos e a carne dos imortais (os faraós). O branco, nos desenhos gravados nos sarcófagos, é símbolo da alegria. O vermelho que veste Seth (o deus do mal, o tufão do Nilo) é a cor maldita, perversa, mas é também o símbolo da violência terrível. Os escribas escreviam a vermelho os nomes de mau agouro, tal como o de Apofis, o demônio-serpente da adversidade.

As cores dos decanatos

<i>Áries</i> : Marte ferro = vermelho	1° decanato: Marte = ferro = vermelho 2° decanato: Sol = ouro = amarelo 3° decanato: Vênus = cobre = verde
<i>Touro</i> : Vênus cobre = verde	1° decanato: Mercúrio = mercúrio = branco-brilhante 2° decanato: Lua = prata = branco 3° decanato: Saturno = chumbo = negro
<i>Gêmeos</i> : Mercúrio mercúrio = branco-brilhante	1° decanato: Júpiter = cobalto = azul 2° decanato: Marte = ferro = vermelho 3° decanato: Sol = ouro = amarelo
<i>Câncer</i> : Lua prata = branco	1° decanato: Vênus = cobre = verde 2° decanato: Mercúrio = mercúrio = branco-brilhante 3° decanato: Lua = prata = branco
<i>Leão</i> : Sol ouro = amarelo	1° decanato: Júpiter = cobalto = azul 2° decanato: Marte = ferro = vermelho 3° decanato: Sol = ouro = amarelo
<i>Virgem</i> : Mercúrio mercúrio = branco-brilhante	1° decanato: Sol = ouro = amarelo 2° decanato: Vênus = cobre = verde 3° decanato: Mercúrio = mercúrio = branco-brilhante
<i>Libra</i> : Vênus cobre = verde	1° decanato: Lua = prata = branco 2° decanato: Saturno = chumbo = negro 3° decanato: Júpiter = cobalto = azul
<i>Escorpião</i> : Marte ferro = vermelho	1° decanato: Marte = ferro = vermelho 2° decanato: Sol = ouro = amarelo 3° decanato: Vênus = cobre = verde
<i>Sagitário</i> : Júpiter cobalto = azul	1° decanato: Mercúrio = mercúrio = branco-brilhante 2° decanato: Lua = prata = branco 3° decanato: Saturno = chumbo = negro
<i>Capricórnio</i> : Saturno chumbo = negro	1° decanato: Júpiter = cobalto = azul 2° decanato: Marte = ferro = vermelho 3° decanato: Sol = ouro = amarelo
<i>Aquário</i> : Júpiter cobalto = azul	1° decanato: Vênus = cobre = verde 2° decanato: Mercúrio = mercúrio = branco-brilhante 3° decanato: Lua = prata = branco
<i>Peixes</i> : Saturno chumbo = negro	1° decanato: Saturno = chumbo = negro 2° decanato: Júpiter = cobalto = azul 3° decanato: Marte = ferro = vermelho

A chave do código de cores

Vermelho: elemento masculino. O fogo. A paixão. O sentimento.
É a direção horizontal. A exteriorização.

A cor vermelha está ligada ao princípio da vida, da força vital, da força impulsiva e generosa. Encarna as virtudes guerreiras, o fogo límpido do amor celeste.

Se a cor tende para ruivo, entre vermelho e ocre, é o fogo impuro que arde sob a Terra, o fogo do Inferno. Os Egípcios criam que o deus da concupiscência, «Seth-Tufão», era ruivo. Curiosamente, a tradição diz que Judas tinha o cabelo ruivo!

Verde: elemento feminino. A água. A sensação, o real.

E a expansão da vida, a harmonia, a precaução, a justiça, o mistério. O verde detém o vermelho. Osíris, o verde, foi esquartejado e lançado ao Nilo. Ressuscitou, pelo poder de Ísis, o vermelho. E o grande iniciado e conhece o mistério da morte e do renascimento (vermelho e verde). Por isso, sobre a Terra, presidia à renovação da Primavera e, sob a Terra, ao julgamento das almas.

Amarelo: elemento masculino. O ar. A intuição.

Primeiro aspecto: é a juventude, a força, a eternidade divina. Por esse motivo, nas câmaras tumulares egípcias, não é por acaso que a cor amarela é a mais frequentemente associada ao azul. E para garantir a sobrevivência da alma do defunto. Com efeito, segundo os ritos dos sacerdotes, o ouro, que representa a cor amarela, será a carne do Sol e dos deuses. Além disso, o azul indica a passagem da verdade.

O amarelo associa-se ao negro como seu oposto e seu complementar.

Segundo aspecto: a crueldade, a dissimulação, o cinismo.

Branco: elemento intemporal. O ar.

Oposto ao negro. E a cor de passagem (para a iniciação a um rito), quer dizer, a morte e o renascimento (ver o parágrafo sobre os labirintos).

Primeiro significado: a morte, o luto. A pureza (no sentido neutro e passivo que significa que nada ainda foi concluído).

Segundo significado: afirmação, responsabilidades assumidas. Renascimento conseguido. Consagração.

Branco-brilhante: Os mesmos significados do branco, mas com um toque mais forte, mais positivo mas desmedido até à excitação.

Negro: a Terra. É o temporal.

Primeiro aspecto: a morte, o vazio, a desesperança.

Segundo aspecto: a passividade total, a fatalidade, a angústia, a ignorância. No Egito, uma pomba negra era o hieróglifo da mulher viúva e que assim permanecia até à morte.

E igualmente símbolo da fecundidade: Ísis, deusa-mãe, era representada a negro.

Azul: direção vertical: o Céu e o Inferno. O pensamento.

E a eternidade serena, o apaziguamento (ao passo que o verde tonifica, vivifica). A profundidade do azul tem uma força supraterebre. Os muros das necrópoles egípcias eram frequentemente cobertos por um revestimento azul-claro no qual, em vermelho-ocre, se destacavam perfeitamente as cenas do julgamento das almas. Os Egípcios consideravam o azul como a cor da verdade, quer dizer, a porta celeste que separa o faraó do além onde acontecerá o renascimento.

Os sacerdotes, antes de mumificarem o faraó, colocavam um escaravelho de esmeralda no lugar do coração. O coração desempenhava um papel fundamental: o deus Ptah tinha pensado o universo com o seu coração, materializando-o. seguidamente graças ao verbo criador. Era, portanto, o centro da vida, do querer e da inteligência do homem e daí o seu sentido simbólico da responsabilidade na psicostasia, quer dizer, a avaliação das almas ou o julgamento de deus depois da morte.

Cortes e influências

Estes cortes de alguns graus apenas, que os sacerdotes egípcios utilizavam para prepararem os seus oráculos em qualquer momento e para todos os seres vivos, têm hoje pouco interesse.

Na nossa vida quotidiana não temos necessidade de saber se a esta ou àquela hora o deus conselheiro, cujo papel era considerado idêntico ao do anjo da guarda da Bíblia, está satisfeito ou zangado conosco.

Pondo de parte todos esses exageros supersticiosos, que na nossa época materialista nos fazem sorrir, preferimos pôr a questão de saber como e porque é que os decanatos nos podem ser úteis.

Como é que os decanatos nos podem ser úteis?

Conservando todo o seu valor pelo código das cores de Toth que, pelo simbolismo próprio, se junta ao simbolismo universal e parece, portanto, uma representação espiritual merecedora de crédito.

Se considerarmos os decanatos das cores, aperceberemos imediatamente que o signo zodiacal do mês possui a sua própria cor e que cada um dos seus três decanatos tem a sua, que não é forçosamente a mesma.

Em primeiro lugar, teremos em conta a cor do signo do mês que nos dá assim uma orientação da interpretação. Não nos esqueçamos que se trata do deus *intérprete*. A segunda análise consiste em observarmos a cor de cada decanato (apenas deus *conselheiro*), notando em que é que está em oposição, ligação ou é reforçada pela cor do signo do mês, de acordo com os valores seguintes:

— Cor do signo do mês, semelhante à do decanato: reforço de interpretação.

— Cor do signo do mês, em harmonia com a do decanato: associação favorável no mesmo sentido da primeira interpretação.

— Cor do signo zodiacal em dissonância com a do decanato: a interpretação dada pela cor do signo é nitidamente desfavorável ou atenuada. Vejamos alguns exemplos:

— Vermelho e negro: cor que tende ao ruivo, em dissonância. Vermelho e verde: associam-se. Vermelho e amarelo: associam-se. Vermelho e branco: em dissonância. Vermelho e azul: associam-se. Vermelho e vermelho: reforçam-se nitidamente.

— Verde e negro: associam-se. Verde e amarelo: em dissonância (entre o real e o intuitivo). Verde e branco: em dissonância. Verde e azul: associam-se. Verde e verde: reforçam-se nitidamente.

— Amarelo e negro: em dissonância ou neutralizam-se. Amarelo e branco: associam-se. Amarelo e azul: associam-se. Amarelo e amarelo: reforçam-se mutuamente.

— Branco e negro: em dissonância. Branco e azul: neutralizam-se. Branco e branco: reforçam-se mutuamente.

— Azul e negro: em dissonância. Azul e azul: reforçam-se mutuamente.

— Negro e negro: reforçam-se mutuamente.

No que respeita às faces (divisões dos decanatos) teremos que considerar em primeiro lugar a interpretação que acabamos de dar e,

em seguida, ver de que modo a cor da face em causa é reforçada, se associa ou, ainda, se está em dissonância com a mistura efetuada anteriormente.

Obteremos então cambiantes e precisões que não podem em nenhum caso modificar as grandes linhas da primeira interpretação (cor do signo do mês conjugada com a do decanato).

Para quê os decanatos e as faces?

As suas interpretações servir-nos-ão posteriormente, logo que tratarmos do esquema astral de Toth, para analisar as capacidades do nosso cérebro, tanto as conscientes como as inconscientes. Utilizá-las-emos igualmente no quadro das profecias. Com efeito, para um determinado indivíduo, as profecias revelam-se sempre num dado local, a uma hora precisa e para um período bem definido. Este modo de proceder, limitado no tempo e no espaço, era aquele que utilizavam os sacerdotes egípcios que preferiam prever o acontecimento, antes que atingisse o consulente, dentro das vinte e quatro horas precedentes, em vez de traçarem vaticínios a partir do nascimento da pessoa em causa.

Os sacerdotes podiam estabelecer, excepcionalmente, este último género de profecia mas atuavam sobre o conjunto da vida do consulente e não davam senão as grandes linhas e os grandes acontecimentos capazes de a alterarem. De qualquer modo, tratava-se das encruzilhadas duma vida.

Veremos no Capítulo XII como alcançar estes resultados.

CAPÍTULO VI

OS PLANETAS E O SEU SIGNIFICADO

NA ÉPOCA DAS PIRÂMIDES

Os Egípcios, tal como os outros povos da Antiguidade, interessavam-se pelo grandioso espetáculo oferecido pelo céu noturno sobre as suas cabeças.

Com que fim? As migrações freqüentes dos diferentes animais de caça, seguindo o ritmo das estações; a apanha dos frutos fazia-se em alturas certas; as sementeiras e as colheitas seguiam igualmente o curso das estações. Também as fecundantes inundações do Nilo tinham lugar no começo do Verão.

O céu ofereceu sempre ao homem, preocupado com o seu bem-estar, um imenso calendário cuja utilidade não necessita de demonstração.

Os nossos antepassados observavam com toda a naturalidade que o Sol e a Lua nasciam sempre a Este e desapareciam a Oeste. Em seguida, notaram que as estrelas faziam também o mesmo, mas precisavam de uma noite inteira para atravessar o céu. Passo a passo, compreenderam depressa que em cada mudança de estação certas constelações apareciam no céu e verificaram que eram sempre as mesmas que acompanhavam a Primavera, o Verão, etc.

A regularidade do curso das estrelas parecia-lhes tão extraordinária que quiseram atrair as boas graças desses astros familiares. A previsão da sua passagem tomou-se um hábito entre os sacerdotes egípcios que tinham em vista obter a sua proteção.

Pouco a pouco e à medida que observavam melhor a cúpula celeste, viram estranhas figuras formadas por certos grupos de estrelas. Por exemplo, com a ajuda da sua imaginação, tinham a impressão que viam uma procissão, tendo à frente um touro, seguido de um homem,

que se desenhava na Ursa Maior e nas estrelas que a circundavam. Outras vezes, os sacerdotes explicavam aos fiéis que se tratava de um deus deitado, seguido de um hipopótamo levando no dorso um crocodilo.

Aprenderam a reconhecer os *cinco planetas* em volta do Sol e da Lua. Deslocavam-se num fundo de estrelas mais longínquas, passando de uma constelação a outra e, algumas vezes, descrevendo lentamente um arco completo. Rapidamente, os sacerdotes deduziram que esses astros tinham influências benéficas ou nefastas sobre o comportamento dos homens e, no seguimento lógico desta visão onírica, os Egípcios atribuíram aos planetas comportamentos idênticos aos dos homens e imaginaram que influenciavam os seres humanos segundo os seus comportamentos.

Esta noção de astrologia, que diz respeito a todos os indivíduos, vem certamente do Egito de Alexandre, pois expandiu-se rapidamente através do mundo greco-romano, há dois mil anos.

Foi em Alexandria, no Egito, no século III a. C. que a pequenez da Terra se impôs aos espíritos cultos da época. É Eratóstenes, astrônomo, historiador, geógrafo e matemático, diretor da grande biblioteca de Alexandria, que se apercebe deste fenômeno. Nesse tempo, a Terra era considerada o centro do mundo e o Nilo o centro da Terra. Mas Eratóstenes, com a sua descoberta, mudou a visão que os grandes sacerdotes egípcios tinham sobre o mundo. Graças às suas subtilezas observações sobre as sombras dos obeliscos de Siena (cidade do sul, situada junto das primeiras cataratas do Nilo) e de Alexandria verificou, a 21 de Junho, às 12 horas, que o obelisco de Siena não produzia praticamente sombra nenhuma, enquanto que o de Alexandria, mais ao norte, formava uma sombra. A resposta que se impunha ao espírito de Eratóstenes era assombrosa: era preciso que a superfície da Terra fosse curva. A diferença da curva devia ser diretamente proporcional à diferença entre as duas sombras. Verificou que Alexandria se encontrava a sete graus de Siena, comparando os comprimentos das duas sombras. Sete graus representavam, exatamente, a quinquagésima parte dos trezentos e sessenta graus da circunferência da Terra. Conhecendo a distância de Alexandria a Siena, oitocentos quilômetros, Eratóstenes fez uma simples multiplicação e encontrou a circunferência da Terra: quarenta mil quilômetros.

Nessa época, há uns dois mil e duzentos anos, esta descoberta abriu a porta às viagens marítimas e navegadores audaciosos não hesitaram em lançar-se em expedições de longo curso.

O conhecimento dos cinco planetas (Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio) deu um prodigioso impulso à alquimia. Cada planeta foi identificado com um metal, cujas propriedades físicas, uma vez estabelecidas, não foram mais do que um pretexto. Os alquimistas tinham um objetivo mais elevado: a realização de uma transmutação mineral correspondendo, na verdade, à reprodução das mesmas leis segundo as quais o universo se manifestava na matéria. A separação que o chumbo de Saturno permite, era, na realidade, a separação da matéria e do espírito. A transmutação do vil chumbo em ouro correspondia ao espírito do iniciado que renascia pleno de conhecimento do universo.

A palavra «químia» vem do egípcio Kam-it ou Kem-it, que significa «negro», devido ao lodo do Nilo, considerado como a fecunda e produtiva terra-negra. Os Árabes fizeram el-Kimya, que significava «químia». O deus Hermes (que alguns consideram como sendo o deus de origem egípcia Osíris, transposto para a mitologia grega) havia-o revelado aos homens sob a forma de saber iniciático codificado, donde resultou o nome de «filosofia hermética».

Para os alquimistas, a matéria é una, mas pode-se manifestar sob diversas formas: a água, o ar, o fogo, a terra. Duas forças movimentam o universo: o enxofre, símbolo ativo e masculino, e o mercúrio, símbolo passivo e feminino. Estas duas forças são o pai e a mãe dos outros cinco metais considerados como imperfeitos: o ferro, o chumbo, o cobre, o estanho (ou o cobalto) e o mercúrio. Dois metais são considerados como perfeitos: o ouro e a prata. Já vimos as analogias dos metais com os planetas.

O alquimista vai tentar fazer passar os metais imperfeitos ao estado perfeito do ouro e da prata. Do mesmo modo, os planetas imperfeitos (Vênus, Marte, Júpiter, Saturno e Mercúrio) ficam beneficiados graças à influência dos dois planetas perfeitos (Sol e Lua).

O alquimista tem então em vista encontrar a unidade perfeita que permite fazer a criação do mundo, transformando os vis metais em metais perfeitos. Esta descoberta chama-se a pedra filosofal ou o paraíso perdido. E a matéria primária perfeita, análoga àquela que forma o universo (o deus modelador Knum) no momento em que emergiu do caos. Nestas condições, a transmutação realiza-se com toda a certeza. O cadinho mágico é um balão de cristal, fechado, chamado igualmente «ovo filosófico», em analogia com o ovo original que era o Cosmos no momento do caos.

Vemos que os nossos antepassados atribuíam às estrelas e aos planetas os arquétipos divinos que habitavam nas profundezas do seu inconsciente.

Influências dos planetas sobre os homens e entre eles

Os Egípcios associavam sempre o planeta que influenciava o signo dum indivíduo à nascerça ao planeta que lhe era oposto e, portanto, intuitivamente, pressentiam a influência inconsciente nesse indivíduo. Opõem-se do seguinte modo dois a dois:

Áries à Libra: Marte a Vênus (vontade, espontaneidade, opostas à necessidade de equilíbrio, à moderação).

Touro ao Escorpião: Vênus a Marte (perseverança, possessividade, opostas à discrição, à subtileza e à melancolia).

Gêmeos ao Sagitário: Mercúrio a Júpiter (dispersão, duplicidade, sentido do jogo, opostos à energia, à paixão, à obstinação).

Câncer ao Capricórnio: Lua a Saturno (fidelidade, neurastenia, sonhos, opostos à ambição secreta, à elevação, à habilidade, à seriedade).

Leão ao Aquário: Sol a Júpiter (força, coragem, domínio, grandeza, opostos à indulgência, à abnegação, sentido do dever).

Virgem aos Peixes: Mercúrio a Saturno (sabedoria, moderação, utilitarismo, opostos à vida profunda, ao desinteresse, ao sonho, ao irrealismo).

Para os Egípcios, cada planeta possuía poderes específicos:

Os luminosos

Sol (fluido natal, energético). Lua (fluido nutritivo, expulsivo). Ambos são centros vitais, protetores da vida.

Os planetas

Mercúrio (fluido neutro, agitação).

Vênus (fluido linfático, atônico).

Estes dois planetas são neutros ou benfazejos.

Marte (fluido inflamatório, dilatação).

Júpiter (fluido pletórico, apoplético).

Saturno (fluido depressivo, atônico, crônico).

Marte e Saturno são centros destruidores da vida.

Cada planeta exerce a sua influência sem retenção sobre o indivíduo mas pode encontrar, no seu curso, a radiação de um outro planeta.

Os Egípcios eram muito sensíveis a estas interações entre planetas. Em resumo:

A influência de um luminoso, protetor da vida, sobrepõe-se à de um planeta destruidor, mas não mantém senão a sétima parte da sua influência benfazeja. Segundo a fórmula: Sol (ou Lua) oposto a Marte (ou a Saturno) não concede mais do que a sétima parte da sua influência benfazeja.

Um planeta benfazejo, como Mercúrio, Júpiter ou Vênus, que se encontre com outro do mesmo tipo, reforça a sua própria influência com a do outro.

Dois planetas destruidores que se encontrem no signo de nascimento de um indivíduo reforçam o seu poder destruidor e tomam-se altamente nefastos.

NOS NOSSOS DIAS

Tal como a Terra, os planetas pertencem ao sistema solar. Deslocam-se no céu mas estão contidos numa faixa de 17 graus de arco, a eclíptica, que envolve a Terra como um cinto.

Vimos que os astrólogos consideram dez planetas, dos quais, dois são luminosos: o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

Quais são as influências dos planetas sobre os seres humanos? Vamos passar em revista sete destes dez planetas (com efeito, o esquema astral de Toth não considera Urano, Netuno e Plutão que eram ainda desconhecidos nessa época), destacando particularmente as alterações que as suas influências provocam nos dados psicológicos já indicados pelos signos do zodíaco.

O Sol

O símbolo evidente é o fogo. Aos signos pertencentes ao elemento fogo, o Sol dará toda a sua significação (Áries, Leão e Sagitário).

O Sol representa a força vital, a consciência e o ideal do homem. A sua influência empurra o homem para o heroísmo, a vontade livremente assumida, a grandeza de alma natural. Leva o homem ao êxito, às honras e à glória. Não nos iludamos: não é porque um indivíduo sofre a influência do Sol que tem êxito e alcançará, obrigatoriamente,

as honras. Mas, em qualquer caso, sentirá nele a necessidade de ser bem sucedido, a sede de atingir as honras, mesmo que os meios ao seu dispor sejam insuficientes para alcançar essa meta.

A psicologia, do solariano é secundária, exteriorizada e sociável. O sujeito possui o gosto pela autoridade e o seu ascendente natural sobre os outros é grande.

O astro pode ser benfazejo ou nefasto. No segundo caso, levará aos defeitos, à ruína, às reações geralmente perigosas e espalhafatosas.

O Sol em Áries: reforça os caracteres próprios deste signo. A natureza inovadora do Áries será reforçada com mais calor e entusiasmo. Dá mais generosidade, brilho, desenvoltura e alegria às iniciativas já dinâmicas e criadoras, próprias do signo. Acentua igualmente a vontade e a eficácia das ações do Áries.

O Sol em Touro: dá o calor, a vida, o ideal e uma moralidade bem forte. O sujeito será mais consciencioso e atingirá mais depressa aquilo que deseja fazer na vida.

O Sol em Gêmeos: dá ao sujeito o gosto da razão pela razão, a capacidade de discernir, de inventar e agir.

O Sol em Câncer: dá ao astrólogo indicações mais precisas sobre o modo como o sujeito Câncer se inscreve na vida social e sobre o valor da sua moralidade. Mas, sobretudo, a presença do Sol no tema de um nativo de Câncer, cujo planeta no domicílio é a Lua, levará a conclusões precisas e interessantes sobre as relações do sujeito com o sexo oposto.

O Sol em Leão: está no domicílio. O sujeito revelar-se-á extremamente autoritário e obstinado, mas sempre de uma perfeita cortesia. Exterioriza as suas idéias e sentimentos, comunicando os impulsos do coração. Retira-lhe toda a modéstia e reserva, estando destinado a seduzir, a brilhar, a conquistar. Leva o sujeito a valorizar-se, a rejeitar no seu inconsciente toda a feminilidade que ainda possa perceber em si. E mesmo o tipo do «matcho» dos nossos dias. Faz vistas largas e tem necessidade de desenvolver as situações para agir na grandeza, na ostentação e com dinamismo. Em resumo, o Sol não faz mais do que acentuar os traços característicos do caráter do nativo.

O Sol em Virgem: exalta o sentimento do *ego* (eu) do sujeito, fazendo crescer a sua necessidade de se afirmar mas, em contrapartida, aumenta também o egocentrismo.

O Sol em Libra: permitirá ao sujeito dominar um pouco melhor os seus instintos e as suas paixões mas, contudo, conservará o seu caloroso entusiasmo pela vida.

O Sol em Escorpião: permite ao nativo exteriorizar-se mais facilmente mas não diminui, antes pelo contrário, a sua aversão a toda a autoridade. O Sol reforça o seu sentido de organização e permite-lhe gerar a poderosa energia e agressividade de que dispõe em abundância.

O Sol em Sagitário: dá ao sujeito uma tendência para a expressão e para a centralização. O Sol, em harmonia com o signo, dá ao nativo uma faceta calorosa e brilhante, uma natureza vibrante, ardente e eficiente.

O Sol em Capricórnio: confere ao sujeito muita ambição e um toque de calor humano, que ele não possui de sua própria natureza e que lhe permitirá facilitar consideravelmente os seus contactos com os outros.

O Sol em Aquário: está no exílio e, por consequência, dá ao sujeito uma preocupação consigo próprio que ele de outro modo não teria.

O Sol em Peixes: dá ao sujeito uma psicologia secundária que lhe permitirá não ceder ao primeiro impulso do coração e refletir antes de agir. O Sol disciplina e equilibra o indivíduo.

A Lua

Astro luminoso em geral benfazejo para o homem no domínio espiritual, o qual exalta e excita.

A Lua age sobre a vida instintiva do indivíduo, sobre as suas tendências brutas, sobre o seu subconsciente. Aumenta a sensibilidade e dá à vida afetiva do indivíduo um toque de candura, simplicidade e de confiança em relação aos outros, que o leva a procurar o apoio do próximo, deixando-se ajudar e controlar. O sujeito que possui a Lua

no seu signo terá tendência a afirmar a sua personalidade através da sua emotividade, das suas sensações, da sua profunda e rica vida psíquica. A Lua aumenta consideravelmente a vitalidade afetiva do sujeito. Na infância, ele já tinha o gosto pela leitura que preenche, com os sonhos, o seu desejo de evasão. A Lua conduz à aversão pela luta aberta, dando preferência à adaptação passiva. Psicologia primária, de tipo não ativo, mas sim emotivo.

A Lua em Áries: dá uma grande tendência para o sentimentalismo. A influência de um astro luminoso reforça os impulsos, a instabilidade de caráter, a falta de realismo. Introduz uma faceta ingênua que poderá conduzir o sujeito a entusiasmos errados no campo sentimental.

A Lua em Touro: reforça o lado feminino do sujeito, toma-o influenciável, embora aumentando o seu sentido criativo e imaginativo, a sua atividade produtiva. Leva igualmente ao apego à terra e ao campo. Confere naturalidade e simplicidade.

A Lua em Gêmeos: dá características particularmente nervosas e instáveis, e mesmo caprichosas. Acentua no sujeito o horror às contrariedades, o gosto para viver o momento que passa, o capricho de seguir as vias do destino no momento em que elas se lhe apresentam.

A Lua em Câncer: reforça os traços de caráter do indivíduo nativo, nomeadamente o poder do sonho, da imaginação e dos instintos. Confere-lhe uma psicologia primária e, por esse motivo, o sujeito cederá facilmente às primeiras impressões. Como a Lua tem tendência também para reforçar a sua faceta infantil, liga-o ao passado. No caso da ruptura forçada com esse passado, o sujeito toma-se um vagabundo sem ligações, que não compreende o seu desespero.

A Lua em Leão: exalta a vida instintiva do nativo, lançando-o sem controlo para as suas tendências naturais as quais, a nobreza do Leão obriga, serão de qualidade. Leva o sujeito a criações artísticas de grande valor.

A Lua em Virgem: uma vez que está em dissonância com o signo, leva o nativo a um sentimento de insegurança que nada justifica.

A Lua em Libra: acentua o lado afetivo, desenvolve a sensibilidade, a necessidade de harmonia e a delicadeza de espírito do sujeito.

A Lua em Escorpião: aí está no exílio e, por esse motivo, não exerce qualquer influência benéfica e até, pelo contrário, pode fazer ressaltar os fantasmas do sujeito, fixar as obsessões e mesmo ser capaz de desencadear paixões devastadoras.

A Lua em Sagitário: dá uma riqueza psíquica muito importante sob a forma de sonhos de evasão, o gosto pelas viagens de aventura, reais ou imaginárias. Conduz o sujeito para um ideal elevado espiritual ou filosófico.

A Lua em Capricórnio: está no exílio. Estando em dissonância com as características principais do nativo, reprime-lhe os instintos, empobrecendo-o e reduzindo-lhe a sensibilidade.

A Lua em Aquário: ordena a vida espiritual do Aquário com a vida instintiva da Lua, o que dá aspirações diversas e numerosas, mas, com frequência, complexas e tormentosas.

A Lua em Peixes: acentua a sensibilidade até a tornar excessiva. Pode enaltecer ou, ao contrário, dramatizar as paixões, conforme o caso. O sonho toma-se fantástico, indo mesmo até à visão do infinito. O sujeito toma-se idealista até ao exagero e sonha acordado.

Marte

Possui uma translação de dois anos e a sua influência é considerada hostil ao homem na maior parte dos casos.

Essa influência é simultaneamente forte, precisa, mas breve. Este planeta leva o sujeito a afirmar-se, tomando consciência de si mesmo e isso não se fará sem agressividade. Marte permite a concentração das energias num indivíduo quando enfrenta a luta pela vida, o que torna as suas ações bruscas, sempre violentas e intensas mas breves.

Marte em Áries: acentua a energia, dá maior concentração às forças, toma-as mais violentas, mais intensas. Dois casos podem acontecer: num indivíduo introvertido, a energia nele concentrada

descarrega-se em tumulto interior, em lutas esgotantes que o deixam debilitado e duvidoso de si próprio; no caso de um extrovertido, essa poderosa energia atuará contra os outros, contra os acontecimentos. A aventura é uma tentação e o sujeito corre o risco de se esgotar e perder nela, fora das regras comuns, se nada no seu signo o refrear ou controlar.

Marte em Touro: está no exílio. Predispõe o sujeito a arrebatamentos, a cóleras brutais e cegas. Do mesmo modo, se o sujeito não se sabe controlar, corre o risco de ter desenfreados acessos de violência com o ser amado.

Marte em Gêmeos: dá ao nativo um toque de crueldade mental voluntária, deliberada, que nada tem a ver com instinto cruel. Confere um espírito crítico, uma tendência à ironia como meio de defesa, o gosto pela discussão polêmica.

Marte em Câncer: está em queda. Manifesta-se no nativo por uma resistência passiva que se traduzirá quer por uma tenacidade espantosa e invulgar num Câncer quer por uma inércia exasperante dum sujeito que não sabe dizer não firmemente. Mas, em alguns, a agressividade de Marte levá-los-á a exteriorizarem-se a todo o custo e, coisa surpreendente, teremos Cancerianos agressivos ao máximo, prontos a tentarem não importa que aventura sentimental ou ideológica, mais ou menos louca.

Marte em Leão: reforça as forças agressivas do Leão, exalta-as e exterioriza-as, seja em ações lógicas, seja de um modo irracional, e estas serão cóleras explosivas que levam tudo à frente.

Marte em Virgem: leva a agressividade ao nativo, que a recalca no seu subconsciente, o que pode conduzir à sua autodestruição a fogo lento.

Marte em Libra: está no exílio. Produz poucos efeitos mas interessantes: atenua o que o signo da Libra apresenta de demasiado feminino e permite-lhe lutar mais facilmente contra as eternas hesitações interiores.

Marte em Escorpião: contribui para o nativo participar mais ativamente na luta pela vida, dando-lhe uma combatividade mais eficaz.

Bem harmonizado, Marte favorece todas as aberturas. Se acontecer o contrário, o sujeito será vítima de explosões passionais destruidoras.

Marte em Sagitário: dá uma agressividade orientada totalmente para a crítica de princípios filosóficos ou morais que o sujeito tentará reformar. Pode levar o espírito do nativo à revolta.

Marte em Capricórnio: dá ainda mais firmeza ao caráter do nativo, que emprega a dureza mas sempre virada para ações construtivas. Dá igualmente o gosto pelos empreendimentos mais gigantescos que o normal, mesmo que impliquem uma ação de grande fôlego.

Marte em Aquário: dá ao sujeito a possibilidade duma conquista espiritual, permitindo-lhe realizar-se.

Marte em Peixes: dá um melhor equilíbrio ao nativo, que tem tendência para a passividade. Pode levar a excessos de violência imprevistos. Mais acentuadamente, o sujeito tem tendência para a turbulência, a agressividade ou adota então uma atitude mordaz e desagradável.

Mercúrio

Dá uma psicologia primária, emotiva e ativa. Transmite ao homem uma influência em geral benfazeja. Este planeta domina a atividade do cérebro, a atividade das funções psíquicas que excita e toma muito mais rápidas e vivas. Esta vivacidade intelectual prevalece sempre sobre a profundidade intelectual que nos mercurianos permanece superficial. Do mesmo modo, a influência de Mercúrio leva mais à ação do que à atividade vital poderosa. Dá a eloquência, a persuasão, a intuição e a imaginação. Consoante a presença de outros planetas, a influência de Mercúrio poderá inclinar-se para o bem ou para o mal.

Mercúrio influencia o mundo das idéias, das letras e das ciências, das trocas materiais, dos negócios e do roubo. E o planeta da curiosidade e do trabalho estudioso.

Mercúrio em Áries: toma o sujeito apto para as construções de lógica pura, para as abstrações. Preferirá a improvisação intelectual ao trabalho obscuro e rotineiro. Terá falta de minúcia e de perseverança.

Mercúrio em Touro: estimula as atividades intelectuais do sujeito.

Mercúrio em Gêmeos: reforça e exalta as qualidades e os defeitos do nativo, o que é tanto verdadeiro quanto o planeta Mercúrio parece possuir as mesmas qualidades e defeitos do signo dos Gêmeos.

Mercúrio em Câncer: torna o sujeito mais ativo e permite-lhe explorar as idéias por dedução e racionalização.

Mercúrio em Leão: dá um espírito de síntese brilhante e claro. Favorece o poder criativo do indivíduo para os projetos grandiosos mas realizáveis. Confere a lógica. Em contrapartida, pode levar ao pedantismo, à falsa cultura que se desmorona frente às pessoas informadas.

Mercúrio em Virgem: reforça todas as disposições intelectuais do sujeito e intelectualiza as outras tendências.

Mercúrio em Libra: reforça as atividades intelectuais do indivíduo e contribui para o fomento das trocas com o meio social.

Mercúrio em Escorpião: leva o sujeito a uma melhor adaptação ao mundo exterior, do qual aprenderá a aperceber-se mais pela razão do que pela inteligência e instinto.

Mercúrio em Sagitário: dá ainda mais amor às viagens e aos grandes espaços. Desenvolve o gosto pelas línguas estrangeiras e pelas trocas internacionais. Favorece a inteligência do indivíduo, já talhado pelo próprio signo, para as atividades espirituais.

Mercúrio em Capricórnio: dá uma inteligência lógica e objetiva, poderosamente apoiada por um juízo avisado e são. O sujeito terá tendência a procurar as causas que produzem os efeitos, a analisar e a compreender os sistemas que acionam as estruturas da sociedade e da vida.

Mercúrio em Aquário: influência que leva o sujeito para as invenções, as pesquisas intelectuais, os aspectos espirituais que lhe darão a

sua independência e lhe permitirão emancipar-se ao seu meio sócio-profissional.

Mercúrio em Peixes: está no exílio. Dá uma inteligência intuitiva e instintiva, virada para o infinito, para a universalidade.

Vênus

A sua influência é em geral benfazeja, mas a falta de firmeza da sua ação sobre os homens toma a sua influência contrariada ou alterada pela presença de outros planetas de influência mais poderosa, tal como o Sol, Marte ou Saturno. Vênus representa a honestidade, mas comporta igualmente um fundo de fraqueza e de brandura que predispõe à alegria, à doçura e à ternura. Dá ao sujeito uma indulgência de caráter que, no entanto, encobre o seu medo do próximo e a sua fragilidade psíquica. A generosidade que Vênus lhe confere é imprevisível e dispersa e, por tal motivo, sem eficácia.

Vênus em Áries: está no exílio. Dá ao sujeito mais afetividade mas, em caso de oposição ou de quadratura, corre o risco de perder o seu vigor e a sua espontaneidade a favor de maior brandura, de maior flexibilidade de caráter. Terá então tendência para a tolerância, o que altera o seu caráter marcial.

Vênus em Touro: dá o gosto pelos prazeres terrestres e concretos. Aumenta a voluptuosidade. Favorece o caráter sociável, afetuoso e pacífico, tomando-o também amoroso.

Vênus em Gêmeos: espiritualiza os sentimentos, o que dá ao indivíduo uma grande sensibilidade ou, pelo contrário, uma autodefesa contra essa sensibilidade por meio de uma ironia fácil e brilhante, um pouco afetada.

Vênus em Câncer: desenvolve o sentimentalismo, a sensibilidade, a ternura, a bondade e o encanto. Todas estas qualidades têm melhor expressão num círculo de amizades pois, ao sujeito, repugna-lhe a exibição pública.

Vênus em Leão: leva à paixão, engrandece e enobrece a alma. Dá generosidade e o indivíduo terá tendência para se exprimir no domínio artístico.

Vênus em Virgem: dá maior gosto pela estética.

Vênus em Libra: agudiza a sensibilidade e dá preponderância aos sentimentos.

Vênus em Escorpião: dá um encanto que atrai a simpatia e reforça o magnetismo do sujeito.

Vênus em Sagitário: desenvolve uma tendência para as aspirações elevadas, mais metafísicas do que materialistas. Conduz o sujeito para um desenvolvimento moral ou estético e para um ideal espiritual.

Vênus em Capricórnio: produz uma influência contrária às características do planeta, quer dizer, leva o sujeito para a introversão, para a ocultação da sua sensibilidade profunda. Saturno domina ainda mais os nativos submetidos a Vênus.

Vênus em Aquário: toma ainda mais leve, mais aérea a sensibilidade do sujeito que parece atingir a serenidade espiritual.

Vênus em Peixes: reforça o espírito romântico, exaltado, invulgar ou místico do sujeito.

Júpiter

É quase sempre favorável e benfazejo. Dá o sentido da justiça, da retidão e da honra. E ele, pois, que intervém em matéria de contratos, tratados, leis, naquilo que têm de legal e de bem fundamentado. Dá sorte e harmonia ao homem.

Júpiter em Áries: dá um toque de euforia e de otimismo ao sujeito, o que o levará à distração. Pode estimular o sentido criativo para as obras de grande envergadura ou para as ações grandiosas.

Júpiter em Touro: provoca a gula do sujeito, os seus apetites de prazer, o desejo sexual, o seu amor à terra e às pedras antigas. Conduz o nativo para os interesses financeiros, imobiliários e questões materiais.

Júpiter em Gêmeos: desenvolve a faculdade de adaptação do sujeito ao estilo diplomático.

Júpiter em Câncer: faz manifestar no sujeito virtudes domésticas e desenvolve a tendência para a gastronomia e a procura do conforto material. A sua influência reforça a autoridade paternal, o que fará com que o nativo procure o seio da família.

Júpiter em Leão: abre as possibilidades ao sujeito de se tornar um brincalhão, um folgazão, um pândego jovial e otimista. O aspecto desfavorável da sua influência é o arrastamento para cóleras furiosas e cegas de uma violência incoerente, injusta e esporádica, que o sujeito lamentará logo de seguida.

Júpiter em Virgem: reforça os valores domésticos, o gosto pela ordem e pela arrumação.

Júpiter em Libra: desenvolve a sociabilidade e a flexibilidade do indivíduo, reforçando o seu espírito conciliador e a sua capacidade de adaptação.

Júpiter em Escorpião: dá ao nativo uma certa alegria de viver, que lhe permite aproveitar a vida em sociedade de um modo mais agradável.

Júpiter em Sagitário: está no domicílio, o que se traduz por uma bondade generosa ou paternal, que se exercerá tanto em família como no ambiente profissional.

Júpiter em Capricórnio: está em queda. Influência pouco importante mas que pode levar o sujeito a grandes ambições sociais. O sucesso parece então certo, até mesmo durável. No caso desta influência ser contrariada, o indivíduo pode acabar por possuir um espírito demasiado conservador, obsoleto e improdutivo.

Júpiter em Aquário: a influência é benéfica, dá uma maior profundidade de sentimentos ao sujeito, mais humanidade, maior desapego dos bens materiais.

Júpiter em Peixes: dá um melhor espírito de organização ou, ao contrário, o gosto pelo longínquo, pelo brumoso, pelo indeterminado. O nativo terá a intuição das numerosas possibilidades que existem nele e saberá como explorá-las... desde que a sua organização e a sua tenacidade estejam à altura!

Saturno

É um astro de influências lentas, insidiosas, nunca violentas mas manhosas.

Saturno é frequentemente fonte de doenças, de tentações perversas e hipócritas. Leva à mentira, à calúnia, ao roubo, aos crimes desprezíveis e premeditados. É pois o gênio da destruição. Dá igualmente o sentido do dever desagradável e da virtude enfadonha.

Saturno em Áries: está em queda. Tem possibilidades de tomar o sujeito introvertido o que o leva a exercer a sua força, a flectir a sua energia para si próprio, auto-analisando-se, pesquisando-se, o que realiza com angústia.

Saturno em Touro: pode provocar a formação de idéias fixas inoportunas. Dá indolência ao nativo mas, simultaneamente, perseverança e tranquilidade. Emanam do indivíduo uma determinada passividade e uma certa força pacífica.

Saturno em Gêmeos: desenvolve o comportamento cerebral do sujeito ao ponto de o tornar complexo e pouco compreensível para os outros. Os seus pensamentos tornam-se mais abstratos, mais afastados das limitações materiais até entrarem no campo da ficção.

Saturno em Câncer: está no exílio. Faz regressar o nativo ao infantilismo e toma-o de uma tristeza morna e sem fundamento. O indivíduo sofre a saudade de um passado tranquilo e procura a solidão.

Saturno em Leão: dá o sentido da reflexão, da meditação. Do ponto de vista negativo, a sua influência retira todo o brilho e atividade ao sujeito que se torna cruel, brutal, déspota e pleno de autoritarismo.

Saturno em Virgem: reforça a tendência para os recalamentos do instinto.

Saturno em Libra: inclina o sujeito para a meditação, para o desprendimento de si próprio. Confere-lhe grandes possibilidades no domínio filosófico e espiritual.

Saturno em Escorpião: dá ao sujeito um toque masoquista, o que pode conduzi-lo à autodestruição.

Saturno em Sagitário: reforça a personalidade naquilo que ela pode fornecer de atividade espiritual, moral e de conhecimento do mundo que o envolve.

Saturno em Capricórnio: está no domicílio. Dá ao sujeito a concentração do pensamento, a visão a longa distância, o desapego, tanto espiritual como material.

Saturno em Aquário: a sua influência conduz muitas vezes a provas que modificam a personalidade do sujeito, dando-lhe o sentido do essencial, da economia das suas necessidades, tanto de ordem sentimental como material.

Saturno em Peixes: confere ao sujeito o sentido da previsão e da prudência. Dá-lhe igualmente a sensação de destruição do seu ser, onde o espírito é prisioneiro do corpo, resultando daí tristeza e masoquismo.

CAPÍTULO VII

**OS SIGNOS DO ZODÍACO E AS SUAS
CARACTERÍSTICAS**

NA ÉPOCA DAS PIRÂMIDES

Os signos astrológicos encontram-se em numerosos sarcófagos, desde Deaderah a Gizéh.

Os sacerdotes egípcios dividiam em doze constelações os astros fixos situados ao longo de toda a faixa estática do zodíaco. Cada uma dessas constelações determinava no indivíduo que nascia sob a sua influência um fator social particular.

Além disso, eles ligavam as constelações aos planetas, combinando a ação das constelações e dos planetas. Estabeleciam, igualmente, uma estreita relação entre as constelações e o corpo humano. Deste modo, cada parte do corpo recebia a influência da constelação apropriada e do planeta que lhe estava ligado, de acordo com o seguinte quadro:

SIGNO	PLANETA	FATOR SOCIAL DETERMINADO	PARTE DO CORPO
Áries	Marte	Vontade, espontaneidade, ardor juvenil	Cabeça
Touro	Vênus	Perseverança, possessividade, prazer	Espáduas
Gêmeos	Mercúrio	Instabilidade, vivacidade de espírito, duplicidade	Braços
Câncer	Lua	Inquietude, melancolia, fidelidade	Peito

SIGNO	PLANETA	FATOR SOCIAL DETERMINADO	PARTE DO CORPO
Leão	Sol	Força-coragem, generosidade. domínio, comando	Rins
Virgem	Mercúrio	Moderação, sentido prático e utilitário	Ventre
Libra	Vênus	Equilíbrio, habilidade, harmonia-paixão	Coluna vertebral
Escorpião	Marte	Ciúme, resistência, subtileza, reserva	Órgãos de reprodução
Sagitário	Júpiter	Energia, paixão, tenacidade	Coxas
Capricórnio	Saturno	Ambição secreta, elevação. habilidade, profissionalismo	Joelhos
Aquário	Júpiter	Benevolência, sentido do dever, altruísmo	Pernas
Peixes	Saturno	Vida interior profunda, desinteresse, sonho, plasticidade	Pés

No espírito dos sacerdotes egípcios, cada signo podia ser interpretado como sendo a síntese das particularidades dum indivíduo.

Por causa do seu culto ao deus Sol e à Lua-Mãe, consideravam que as ações do homem podiam ser representadas segundo uma trajetória. Esta trajetória parte do coração do homem, passa pelas estrelas e planetas e volta enriquecida pelos conhecimentos e poderes que confere a esse homem depois de ter estado em contacto com o prodigioso espelho sideral. Tais conhecimentos dão então ao homem a possibilidade de se iniciar nos mistérios e poderes do Universo, com a condição de que ele queira passar a porta iniciática figurada pela morte. Uma vez ultrapassada esta difícil passagem, o homem renasce e a trajetória pode recomeçar, percorrendo o ciclo completo.

Este ciclo resume o simbolismo do Sol entre os Egípcios. O Sol imortal nasce todas as manhãs e desce todas as noites ao reino dos mortos. Depois, renasce na manhã seguinte após ter atravessado os infernos ou o domínio das trevas.

A trajetória passa pois por vários pontos notáveis: o Este, onde o Sol nasce, que representa o coração do homem ainda não iniciado; o

zênite, símbolo das estrelas e dos planetas, que representa o conhecimento espiritual; o Oeste, onde o Sol desaparece, símbolo da passagem iniciática de cada homem pela morte; a perigosa travessia dos infernos, símbolo do inconsciente do homem que se revela nos seus sonhos; enfim, o Sol que se eleva da terra, símbolo do renascimento e da passagem iniciática realizada com êxito pelo homem. O ciclo completo representa o Cosmos com a sua parte superior e a sua parte inferior.

O signo zodiacal é diferente para cada ser humano, porque lhe dá a possibilidade de se descobrir a si próprio tal como é, segundo uma trajetória e uma verdade que é diferente de homem para homem.



Esquema do Cosmos egípcio

Todas as civilizações antigas tentaram conquistar o inconsciente para lhe extrair o conhecimento supremo, quer por meio de ingestão de drogas mais ou menos naturais (cogumelos alucinógenos, L. S. D.), quer pondo em prática métodos transcendentais, tais como a meditação, a oração, a ascese ou o ioga.

Já na Antiguidade pré-colombiana, as técnicas de êxtase preconizadas pelo xamanismo, graças à absorção de cogumelos alucinógenos, representavam o despertar da tomada de consciência do homem face ao problema estranho e temido que era a descida ao âmago de si próprio, à procura da sua psicologia profunda.

Desde o paleolítico superior, os caçadores apanhavam e consumiam cogumelos venenosos, tais como os famosos amanitas mata-moscas que continham alcalóides próximos da psilocina, substância

que estimula a memória afetiva. Desta memória assim excitada, vinham à superfície os conflitos afetivos do passado, escondidos nas profundezas do inconsciente e o indivíduo revivia os seus sentimentos mais perturbados ou os mais vergonhosos. Exprimia-os livremente, quebrando todas as barreiras que o inibiam, sem que houvesse conflitos entre o consciente e o subconsciente. O sujeito entrava num delírio espantoso, dançava, gritava, contorcia-se, passando por crises de lágrimas, de riso, de extrema irritação para, finalmente, cair numa letargia profunda que podia durar várias horas.

Ao acordar, contava aos seus congêneres a fabulosa viagem aos infernos em que acabara de participar. Narrava as suas lutas contra os demônios, que descrevia com precisão e, nas quais, quase sempre, aqueles eram despedaçados, membro a membro, até que voltava a estar entre os caçadores, na posse dos segredos que lhe tinham sido confiados pelos demônios agonizantes.

Frequentemente, o cogumelo sagrado provocava o desdobramento da personalidade do caçador. Transformava-se em «dois», agindo cada um independentemente do outro.

Estes fenômenos criavam um medo divino entre aqueles que os testemunhavam. Além disso, faziam-lhes crer que obtendo conhecimentos sobre o universo e sobre eles mesmos, podiam viver com a esperança da sua própria salvação. Muitas religiões construíram-se, em parte, sobre o tema do conhecimento e da salvação.

Os sacerdotes egípcios foram os primeiros a pensar, muito antes da aparição da religião do deus Rê, que a astrologia era para o homem um modo de conhecer o universo e de se conhecer a si próprio.

Atualmente, a exploração do universo mental do indivíduo leva a crer que daqui a alguns anos se poderá modificar o comportamento, o humor, a inteligência do ser humano, utilizando para tal a química moderna. A psicofarmacologia, usada com verdadeiro conhecimento, pode modificar a atividade mental de um sujeito, mergulhando-o no domínio do subconsciente onde reinam as alucinações e o imaginário.

Com efeito, ninguém duvida que a atividade cerebral está ligada aos fenômenos químicos essenciais, ao nível das sinapses dos neurônios do córtex e que as alienações resultam de perturbações químicas cerebrais. Produtos químicos, injetados ou absorvidos por via oral, são capazes de vencer a barreira hemato-encefálica e podem então modificar as funções cerebrais, agindo sobre a transmissão sináptica que assegura o desenvolvimento de certos metabolismos no interior dos próprios neurônios que, deste modo, podem ser bloqueados ou alterados.

Por que razão a barreira hemato-encefálica, que é a barreira fisiológica entre os vasos sanguíneos encarregados de irrigar o cérebro e o tecido nervoso, perde a sua impermeabilidade e deixa passar substâncias estranhas para o cérebro, o que vai alterar o metabolismo dos neurônios? Porque a atividade do cérebro não é unicamente elétrica e mecânica, mas igualmente e sobretudo, talvez, química.

O homem possui assim dentro da sua cabeça o mais sofisticado complexo químico do mundo que nem sequer sente trabalhar. Nos nossos dias, temos ainda muito a aprender sobre nós próprios e sobre o Universo. A nossa procura é a mesma dos sacerdotes egípcios do tempo das pirâmides. Será a astrologia um meio de alcançar o êxito? Era o que pensavam os egípcios da Antiguidade e nós vamos tentar reconstituir em síntese o que eles nos legaram.

Áries

Situa-se no princípio da trajetória Sol nascente-zênite. A ação do homem do Áries parte do «coração» e avança para o futuro (estrelas e planetas). Só toma em consideração os pontos que atinge à medida que os vai alcançando. Representa a flecha que parte mas que nunca chega ao alvo (filosofia de Parmênides: a manifestação do tempo presente).

Significação: espontaneidade, ardor na ação, vive inteiramente no presente, receio do futuro. Abertura a novas vias, mas incapacidade de as explorar.

A lenda egípcia atribui a Knum (o Áries), o deus Oleiro, a modelagem da criação do mundo. Daí, o seu papel de procriador. Era, igualmente, o símbolo de Amon, deus do ar e da fecundidade, com cabeça de carneiro.

Touro

Situa-se na trajetória Sol nascente-zênite; entre o coração e o objetivo visado (estrelas e planetas). Contrariamente ao Áries, o Touro tem uma nítida consciência do fim a atingir e das possibilidades que esse fim lhe oferece. Ele segue o seu caminho sem se desviar um milímetro.

Significação: o tempo é amigo do Touro. É paciente. Não tem muitas idéias mas as que tem são levadas até ao fim. Explora a fundo

o que longamente amadureceu. O futuro não lhe mete medo; tem todo o tempo para se precaver. Tem prazer nos bens materiais.

A estátua do touro figurava na paleta do faraó Narmer. Era o touro das Estrelas, deusa da Lua. Por esse motivo, Osíris, deus lunar, foi muitas vezes representado por um touro. Não esqueçamos que Vênus tem o domicílio noturno neste signo e que a Lua reside aí em alto grau. Muitos hieróglifos têm relação com as fases da Lua. Outros, com os cornos do touro que, por sua vez, podem ter analogia com o crescente da Lua.

Por isso, a ambivalência do touro, que tem entre os cornos um disco solar, identifica-se com o símbolo da fecundidade e tem lugar de divindade tumular, donde resulta a sua relação com os renascimentos de Osíris.

Gêmeos

O homem de Gêmeos atingiu o primeiro objetivo, o zênite (estrelas e planetas) e refaz, sem cessar, o percurso zênite-Sol nascente (coração), indo do desconhecido para o conhecido, do espírito para o «coração».

Significação: dispersão, ligeireza. Necessidade de manejar os intermediários e controlá-los de perto.

Entre os Egípcios, os Gêmeos significam o curso ascendente e descendente do Sol. Simbolizam o estado de ambivalência do Cosmos. E a contradição que habita em todos os homens e que não é por eles solucionada. Implicam a intervenção do além e da dualidade do indivíduo. Um dos gêmeos possui uma cabeça de touro, o outro de escorpião, o que exprime bem os dois aspectos do Cosmos e do homem: celeste e terrestre.

Câncer

Situa-se no zênite e hesita em voltar a partir na direção do Sol-poente. A sua ascensão para o zênite não é feita em linha reta mas sim em numerosos ziguezagues. Ele extrai a sua força psíquica do reflexo do espelho sideral.

Significação: passa o tempo a sentir, pressentir e ressentir antes de se decidir a «retomar» o seu curso em direção à porta iniciática. Escuta o seu coração e os seus sentidos. O homem de Câncer

vive num mundo irreal e a sua imaginação vagueia, incapaz de se fixar na realidade do seu ser que lhe teria dado a passagem iniciática, no Cosmos inferior.

No Egito, é o símbolo do escaravelho, o próprio ciclo do Sol. Como o Sol, ele renasce de si mesmo. E pois, o símbolo da ressurreição.

As pinturas desta época mostram-no tendo a bola do Sol entre as patas. E o ciclo solar do dia e da noite. Os sacerdotes denominavam-no o deus Khepri, «o Sol nascente».

O escaravelho faz parte dos hieróglifos e tem o significado aproximado de «vindo ao mundo segundo uma forma precisa».

No sarcófago de Tutancamon, uma múmia com asas de falcão estendidas, apresenta um escaravelho. Não esqueçamos que na psicostasias o escaravelho do coração era a prova de boa moralidade do defunto. Por esse motivo, colocava-se este talismã no lugar do coração do morto para que, no julgamento das almas, fosse a garantia da sua boa consciência.

Leão

Situa-se em todo o comprimento da trajetória que vai do Sol nascente (o coração) ao Sol-poente e fixa-se uma vez a oriente outra vez a ocidente.

Significação: é o homem de ação, de coragem, e a sua força generosa leva-o naturalmente a dominar, a conduzir, a comandar. E igualmente a alegria de viver, o orgulho e a ambição engrandecidos.

Para os Egípcios, os leões são animais solares e representam-nos, a maioria das vezes, aos pares, colocados costas contra costas, para determinarem o Este e o Oeste. E o símbolo dos dois horizontes, o decorrer do dia, de ontem e de amanhã. Do Ocidente ao Oriente eram venerados como os meios que permitiam ao Sol renascer e, portanto, rejuvenescer todos os dias. Representam essencialmente a recuperação do vigor que, segue ao repouso, a recuperação do pensamento que cria novas forças durante a noite para brilhar mais vivo e ágil de manhã.

Virgem

Situa-se no ponto de partida (Sol nascente), no momento da saída do astro solar dos pântanos infernais. O signo da Virgem é pois o

símbolo do renascimento, do iniciado portador do conhecimento mas ainda preso ao inconsciente e incapaz do impulso espiritual necessário para se sublimar.

Significação: E o homem do útil, do necessário, do essencial, da antevisão, das contingências materiais e da autocrítica. E igualmente capaz de se sacrificar pelos outros sem que isso lhe custe.

No Egito, é o signo de Ísis, a mais ilustre das deusas desta época. Cada ser vivo é uma gota do sangue de Ísis. Os Egípcios adoravam-na como a deusa suprema e universal. E a iniciadora que detém o segredo da vida, da morte e da ressurreição. Os símbolos de Ísis são a cruz com argola (Ankh) chamada o nó de Ísis, que representa o signo da vida, da imortalidade. A lenda mostra esta deusa procurando o seu irmão e marido morto, Osíris, que ela ressuscitará com a sua persistência.

No sarcófago de Ramsés III, em granito rosa, ela protege os defuntos com as suas asas e ressuscita-os.

Libra

Situa-se entre o ponto do zênite (estrelas e planetas) e o ponto do Sol-poente, antes da passagem pela porta iniciática para o domínio das trevas.

Significação: é o homem do diálogo e da comunicação. É o homem dos meios justos, que não suporta extremismos. Em relação à justiça, à harmonia, ao equilíbrio, reage com habilidade mas deixa-se, por vezes, levar por sentimentos profundos.

O livro dos mortos descreve bastante bem a pesagem das almas nos pratos da balança. Sobre um dos pratos, um vaso simboliza o coração do morto, sobre o outro, uma pena de avestruz simboliza a justiça e a verdade. A cerimônia da pesagem é presidida por Osíris.

O símbolo principal que daí se deduz é o da responsabilidade, da justiça e da comparação entre os sentimentos e as obrigações.

Escorpião

Situa-se na trajetória que vai do zênite ao Sol-poente e que passa pela porta da iniciação, sem que esta seja completada. O Escorpião é ainda pleno de revelações sobre si mesmo, recolhidas no espelho sideral (zênite: domínio espiritual) e impaciente para aprofundar o que se

relaciona com a iniciação e a passagem pelas sombras do Cosmos inferior.

Significação: é o homem em que a ambivalência espiritual e instintiva se combatem. Atormentado por uma destas forças tenta seguir a outra. Está simultaneamente nas estrelas e na sombra infernal. A sua resistência é a toda a prova. Nada o estimula mais do que as situações difíceis. Na facilidade ou na quietude, destrói tudo para reconstruir outra coisa.

No Egito, o Escorpião deu origem a um dos mais antigos hieróglifos. Foi, igualmente, o nome dado a um rei egípcio, «o rei Escorpião». Note-se que os cetros de alguns faraós tinham a sua representação terminada em cabeça de Ísis.

A deusa Selket era adorada em seu nome. Para os Egípcios, ele possuía a ambivalência simbólica da serpente. E o símbolo da resistência, da morte em fermentação, prestes a fazer nascer a vida. E o signo do dinamismo profundo, secreto e das lutas.

No simbolismo da serpente diz-se que o Sol assegura diariamente a sua regeneração deixando o céu e atravessando os infernos terrestres. A serpente torna-se então o deus do Sol-poente que indica, a Oeste, a porta de entrada para as profundezas infernais. Penetra na Terra em cima de uma barca. No livro dos mortos, o Sol que viaja debaixo da Terra, realiza doze passagens iniciáticas que correspondem às doze horas da noite. Nessas diversas passagens, rodeado de numerosas e perigosas serpentes, a própria barca solar torna-se uma serpente e à sétima hora intervém então Apófis (a serpente), chamada o Dragão das Trevas, que tenta fazer virar a barca solar, atraindo com os seus gritos os deuses e permitindo que ataquem e firam o seu corpo (tem uma notável semelhança com o simbolismo moderno do escorpião que se pica a si próprio para evitar a derrota, precedendo o inimigo na morte).

À décima primeira hora, a corda que puxa a barca solar torna-se serpente e, logo que atinge a décima segunda hora, a corda-serpente fica com o comprimento de «1300 côvados». Processa-se então o renascimento do astro solar que começa a sua ascensão.

Sagitário

Situa-se na trajetória que vai do zênite ao Sol-poente e oscila entre os dois pontos extremos, zênite e Sol-poente, Sol-poente e zênite.

Significação: é a energia e a paixão espiritual feitas homem! A sua tenacidade faz maravilhas para satisfazer a sua grande necessidade de sair da vulgaridade. E o homem das convenções e dos conselhos fraternais.

Anúbis, o deus egípcio com cabeça de chacal, que vigia o processo dos mortos e dos vivos, atira ao arco e simboliza o destino fatal. E o rigor sistemático do destino. Tudo são leis, mesmo no inferno, mesmo na liberdade que arrasta automaticamente a uma cadeia de reações irreversíveis.

Capricórnio

Situa-se estaticamente num ponto da trajetória, a meia distância entre o zênite e o Sol-poente.

Significação: o homem de Capricórnio oscila entre as duas tendências da vida, para o abismo e para a altura, para a água e para as estrelas. A sua ambição é à medida da sua paciência e do seu saber profissional.

Entre os Egípcios, o signo do Capricórnio confunde-se muitas vezes com Saturno, o planeta-Senhor do signo. O Capricórnio é o domicílio de Saturno. Estando em oposição às casas dos luminosos (Sol e Lua), Saturno obriga os nativos a oporem-se à luz e, por conseguinte, às alegrias da existência.

Aquário

Está situado no ponto do Sol-poente e sobe para o zênite, sem passar a porta da iniciação.

Significação: é o signo da benevolência fraternal que reparte. É o homem da inovação. O seu sentido do dever abre-o aos outros.

Peixes

Situa-se no conjunto da trajetória que descreve o círculo completo do Cosmos superior e do Cosmos inferior.

Significação: todo o Cosmos o impregna e inunda. O homem de Peixes possui uma vida interior mais rica do que a sua vida pública. Recebe e dá sem esforço. O seu desinteresse pelas coisas materiais pode, por vezes, prejudicá-lo.

No Egito, para os sacerdotes, os Peixes eram sagrados. Nas águas infernais, o Cromis acompanhava a barca solar de Ré, o deus Sol, e abria-lhe o caminho para evitar que naufragasse. Havia que ter cuidado com o crocodilo Sobek que era o «devorador» das almas que se não podiam justificar perante Osíris e Anúbis. Nesta barca, Isis e Neftis indicavam a direção com a mão esquerda. Na direita levavam a cruz de argola (Ankh), símbolo da eternidade e da vida.

NOS NOSSOS DIAS

Vamos passar em revista as características de cada um dos doze signos do zodíaco. Em todos os bons livros de astrologia existem retratos astrológicos completos. Não julgamos que seja desejável juntar mais uma dúzia aos já existentes. Pareceu-nos mais divertido traçá-los à maneira de... *Céline*. Por que não?

Depois de os ler, o leitor procure extrair as características essenciais com as quais nós salpicamos os textos aqui e além. No fim de cada texto daremos a lista das respectivas características.

Áries

Hei! Hei!!!!... Você... sim, você aí, seu... Bolas! Falhou. Agora vou passar eu por... Ah, Ah... apanheio-o outra vez.

Você e a sua mania de arrancar a fundo sem olhar. Chamei-lhe todos os nomes...

Aí está, desapareceu!, Signo sagrado este do Áries. Se alguém o impede de passar!... E preciso que consiga sem... Ai! Demasiado tarde, eu tinha a certeza, é um impulsivo, violento. Nem vos conto as suas cóleras... tão bem conhecidas. Mas prossigamos. De qualquer modo, ele conhece o sonho e os sentimentos, mas de longe. Com ele não há tempo para pensar, o seu entusiasmo e a sua audácia não permitem... Eh! Calma senhor Áries, audacioso talvez mas não muito tenaz nas suas iniciativas.

Você... Nitidamente está-se nas tintas. Autoritário, mesmo irritável, admite mal as críticas. Ele é... como? Caluda... Sim, eu disse. Mas, mas, largue-me... Ah, chega por agora! Susceptível... Enfim, cada um tem o seu pequeno defeito. Não, desta vez você não será o primeiro. Sou eu que lhe digo... Isso desagrada-lhe? Tanto pior!... Você encontrará facilmente uma maneira de... Sim, com o seu gosto

pelo domínio e com toda a sua ambição, achará depressa um meio de ser o iniciador... Ah, ah, os meus cumpri... Talvez não, bolas, ele acaba de partir. Deixá-lo ir entregue ao seu momento presente, tão caro aos seus olhos. Quanto a mim? Que dizem, se me seguirem?

Características de Áries: lutador, violento, impulsivo, irritável, realista. Falta de reflexão e de tenacidade. Entusiasta, audacioso. Autoritário, sem admitir críticas. Susceptível. Pioneiro, gosto pelo domínio, ambicioso, gosta de iniciar, vive no presente.

Touro

Ah! Cá está você... Já lhe disse que... Está a ouvir-me? Oh, você e as suas idéias fixas! Eu não queria insistir, mas se você se dignar ouvir-me... Bem, eu não insisto caro Touro... Posso pôr-lhe um problema? Conheço a sua resistência e a sua perseverança. Além disso, o seu realismo ajuda-me bastante. Eh, eh, parece que você já está a pensar há muito tempo. Vá, ponha-se a mexer. Você não parece... Enfim, para dizer sim ou não, você podia... Oh! Não se irrite. Sei que pode tomar-se violento mas, agüente-se... Ai! Não, eu não vi a sua mulher naquele dia. Ah! Você então... por ser acanhado, você... Pare! Pare de me atacar. Não há razão para ter ciúmes. Nem sequer conheço a sua mulher... E pronto, foi-se embora sem me ouvir.

Não tem importância, não desisto, continuo a querer trabalhar com este tipo de indivíduo que é interessado e capaz, sobretudo se se lhe apresenta um saldo positivo no fim de tudo.

Vamos, convido-vos mais uma vez a fazer uma visita a...

Características de Touro: segue as suas idéias até ao fim, uma só de cada vez. Grande resistência, grande perseverança. Sentido do realismo. Capacidade de reflexão. Impulsos retardados. Violência potencial. Falta de largueza de vistas. Ciumento. Sentido do concreto.

Gêmeos

Salve... Os vossos negócios, os vossos amores, os vossos... Vocês fazem tudo de modo brilhante, Gêmeos. E você também, senhora de Gêmeos. Para esta noite? Não?! Vai sair?... Bem, e amanhã? Ah, tem um encontro com o seu sócio. Talvez um dia... Eu não desespere. Você é tão imprevista e está sempre em movimento.

Mas eu... pois claro, é preciso controlar as idéias. Seja mais concreta ao menos uma vez. O seu sentido das cambiantes acaba por perdê-la.

Hei! Já se vai embora? Eu sei, você... Oh! Que subtil a sua maneira de sair... Uma pirueta espiritual... um pouco de ironia brilhante e... Com o seu agudo sentido da diplomacia e o gosto pela conversação você parece irresistível. Qual poder de persuasão! Mas eu... Ah, sagrados Gêmeos, interessam-se por tudo e por nada. Se eu pudesse... Uma pequena festa... eh, eh, eu tinha a certeza. Para o divertimento, sempre... Suponho que já não pensa partir neste momento. Sim, e depois? Onde é que eu tinha a cabeça! Vou-me embora... Não! Não quem discutir. Vá para os seus negócios. Sinceramente, tenho que me retirar, não posso ficar consigo.

Ah, este Gêmeos que vos entretenham a conversar enquanto... eu tenho que ir ver o...

Características de Gêmeos: toca vários instrumentos ao mesmo tempo. Adora o movimento e as mudanças. Satisfação na condução de idéias mais do que nos sentimentos. Tendência para a dispersão. Utiliza a ironia como meio de defesa. Sentido da diplomacia. Sentido das cambiantes. Grande poder de adaptação. Gosto pela discussão. Curiosidade intelectual. Aceita a vida como um jogo. Falta de seriedade.

Câncer

Que ambiente! Cortinas corridas, penumbra suave, luz velada, hum... cheio de sensibilidade, pelo que vejo, caro Câncer. Um pouco triste, talvez. Eh! Não se mostre arrogante ao primeiro reparo. Eu dizia... Não amarre o burro! Não seja embirante!

E verdade que o seu sentimentalismo, o seu romantismo à flor da pele, arrasta-o, por vezes, para um mundo irreal. Tente rir... Oh, eu sei, é fácil de dizer... Calma, vou ser gentil, a sua tenacidade permite-lhe... Nada a fazer! Você persiste em seguir os seus sonhos, embora bem acordado. Trata-se de um... De qualquer modo, o seu amor à família, ao lar bem confortável, é muito importante na sua vida.

Muito indolente, não é? Mesmo calão? Eh, saia lá dessa pasmaceira... Vá, que diabo, um pouco de sentido prático. Tente associar a

realidade à ilusão. E difícil? Ainda por cima, você é muito receptivo e influenciável... Nunca é muito, diz você? E preciso servir-se disso para... Não! Você prefere esconder-se na concha? A escolha é sua... Tudo isso é pouco lógico, hein? Mas muito subjetivo... Você possui grandes capacidades... Eu vou...

Mas reparo...

Características de Câncer: sensível, triste. Amua com facilidade e frequentemente. Sentimentalismo e romantismo à flor da pele. Muito irrealista. Sonhador. Amor à família e ao lar. Mandrião e trocista. Melancólico. Falta de sentido prático. Ingênuo. Influenciável. Esconde-se na carapaça com medo de ser ferido.

Leão

Já vou! Você e a sua mania de mandar. Um pouco exagerado a... vá lá, não comece a zangar-se! Já cá estou. Quer confiar-me algum serviço? Grandes projetos, como sempre!

Conheço a sua ambição fora do vulgar, à medida da sua energia... e o seu desejo de brilhar... Bem... Eu gostava de aceitar mas... Oh, você já não me ouve. Diz e... logo de seguida... Enfim, a sua confiança dá-me prazer. Mas evite esse seu excesso de orgulho e mesmo essa vaidade. Você «incha» demasiadas vezes para... nada. Eu sei que você é muito extrovertido, não tem medo dos contactos. Eh, eh, você gosta da adulação, confesse lá... Não? Não insisto...

Cucu! Caro Leão, não sonhe demasiado com honras, glória e pense um pouco na realidade olhando ao seu redor. Os outros também existem e são seres humanos..., e não apenas uma massa para dirigir ou comandar... Atenção aos traidores e aos hipócritas! Oh, eu faço-lhe...

A organização do seu último negócio? Muito bem, mas dê um pouco mais de liberdade aos seus sócios. Isso só lhe dará vantagens. Vou estudar a sua proposta. Vou ver...

Características de Leão: gosto pelo comando. Cólera espetacular. Ambição. Desejo de brilhar. Dá confiança. Orgulho e vaidade. Exterioriza-se facilmente. Sentido do contacto. Sensível à lisonja. Procura as honras e a glória. Sentido de organização sintético. Repugnam-lhe os pormenores. Gosta de conduzir. Condescendência.

Virgem

Muito longe... Muito tempo... Os engarrafamentos... Eu digo-lhe... Você e o seu realismo... Foi muito simpático da sua parte ter-me convidado a visitar a sua casa. Mas que ordem! Cada coisa no seu lugar e tudo funcional dentro do possível. A fantasia, os objetos fúteis, as pequenas inutilidades não lhe interessam. Não! A falta de elasticidade de espírito faz-lhe perder numerosos... Não?! A sua ânsia de realismo, de sentido material... Eu devia aconselhar-lhe a abrir um negócio... O seu espírito de análise e método haviam de... Mas eu... Não! Sim, sim, ganhei este hábito consigo, isso não lhe interessa e... Ao diabo com ele! Muitos pontos não discutidos? Você quer saber tudo, todos os pormenores... isso não dá nada... Conheço a sua dedicação pelos outros. Você gosta de se pôr no lugar deles, para os compreender. E bonito! Não? Acha que é natural em si? Seja menos fechado nas suas pequenas manias, mostre-lhes a sua afeição. O seu espírito possessivo espanta, por vezes, os seus amigos. Faça um esforço, saia da sua concha. Explique aos outros que você... Ah, estão a chamar-me...

Características de Virgem: sentido das realidades. Gosto pela ordem e pelas coisas úteis. Sentido do concreto, do material. Espírito de análise e método. Tendência para se tornar afeminado, maníaco. Dedicação. Caráter possessivo. Necessidade de saber tudo. Reserva.

Libra

Eh! Pare dois segundos de balançar, cara Libra. Bom dia. Adeus, porquê? Você disse-me ontem que... Ah, você está a gozar. Já conhecia as suas mudanças bruscas de humor ou de idéias, mas daí até... Você foi influenciada por alguém. Á força de querer agarrar todas as idéias que traz consigo, já não sabe qual escolher. Seja menos superficial nas suas relações. Eu sei, querida Libra, que você é muito sentimental e qualquer coisa a comove. Proponho-lhe uma... Não? Nada de estável na sua vida? Estou pronto a... Talvez esteja a maçá-la. Conheço bem a sua amabilidade e sentido de comunicação, mas... Bem, se insiste. Você não gosta de estar só. Mesmo assim, atenção, sob a sua camada de amabilidade, você tem uma maneira de apanhar as pessoas... Oh, eu não lhe posso querer mal... aliás,...

quem é que lhe pode querer mal? A sua conversa é sempre interessante e você é muito conciliadora... Ótima para as negociações... As relações públicas... Mas não se esqueça do seu realismo no guarda-roupa. Vou-me embora... A sua casa é bonita, confortável, mesmo luxuosa. Que bom gosto. Eu...

Características de Libra: gosta de movimento, mudar de lugar. Espírito volúvel, humor vagabundo. Influenciável. Poucas idéias pessoais. Espírito superficial nas relações com o próximo. Sentimentalismo profundo. Sentido do estético e da harmonia. Caráter amável, cativante. Necessidade de comunicar, de dialogar. Horror à solidão. Espírito conciliador.

Escorpião

Porquê esses olhos negros fixos em mim? Que tenho eu a mais?... Bem, não digo nada. Você e o seu modo de dizer as verdades às pessoas! Você... Frio, mesmo insensível, parece bastante cruel, caro Escorpião.

Eu vim para... Oh, seja menos agressivo, vim só para... Ah, você troça? Deixou o seu trabalho, agora que tudo corria bem... Sempre à procura de outra coisa, você caminha para a autodestruição. Além disso, você não se importa nada em arrastar os outros consigo.

Franco, honesto, demasiado puro... Talvez. Você sofre na vida, felizmente para si, porque facilidades não são consigo. Trabalhador incansável... Oh! Você é conhecido pelo seu rigor, mas seja mais compreensivo e menos intolerante. De acordo, também é duro consigo próprio... Você não é dono da verdade e errar é humano.

Você tem ciúmes de que o outro... Você irrita-se facilmente. Eterna vítima! Enfim! As suas críticas sobre o mundo, ajudam-no a vê-lo tal qual é... Oh, você não me parece muito «sado-masoquista» para tudo o incomodar. O seu desejo de poder esconde um certo orgulho bem... escondido. Você tem uma honra e alguém que lhe toque... fere-se. Vá, sem rancor... E um prato para comer frio? Sim, eu sei, você não perdoa com facilidade, mesmo aos inocentes. Ai, este Escor...

Características de Escorpião: encontra facilmente o ponto fraco dos outros. Aparência fria, insensível, mesmo cruel. Muito agressivo se o provocam. Não gosta de facilidades. Tendência para apetites

súbitos e para se destruir e arrastar os outros na sua queda. Grande franqueza e honestidade, mas bastante intolerante. Infatigável naquilo que lhe interessa. Ciumento, rancoroso. Espírito masoquista e um pouco sádico. Grande orgulho. Ama o poder na sombra.

Sagitário

Ah! Caro Sagitário... Encontrei ontem um... Não, não importa quem. Um dos seus amigos íntimos. E difícil entrar no seu mundo. Você é bastante sectário na escolha de... Não se irrite, cada um a... Sim, você é aberto às pessoas. E gosta do movimento. Mas reconheça o seu espírito de independência. Mesmo assim! Você deseja muitas vezes dirigir as operações. De fato, se venho é... Ah! Já lhe disseram. Sim, gostava muito de saber... Não, conheço a sua lealdade e o seu entusiasmo ao fazer as coisas que lhe agradam e, sobretudo, se saem do ramerrão quotidiano. Avise-me quando começar. Oh! Eu conheço o seu método. Você pensa em todos os problemas e depois você lança-se. Seguidamente, você pára!... Então, eu prefiro... De fato! Por favor, nada de intrigas. Tente agir com transparência.

Você gosta dos espaços livres? Vá repousar alguns dias. Ah, é sempre assim tão cortês e amável com as senhoras? Tenho dois bilhetes para o espetáculo desta noite no Casino. Conhecendo o seu gosto pelos lucros fáceis, eu...

Uma última palavra! Se as dificuldades se acumularem contra si, não desista; peça-me conselho... Até à vista... Eh, meu caro...

Características de Sagitário: poucos amigos mas bem escolhidos. Sectarismo. Facilmente irritável. Interessa-se pelos outros. Ama o movimento e os grandes espaços. Espírito de independência. Gosta de dirigir, organizar. Grande lealdade, capacidade de entusiasmo. Reflete antes de agir, pois vai até ao fim da sua decisão. Gosta de intrigas. Espírito cortês e indulgente. Ama os lucros fáceis.

Capricórnio

Enfim, você sai de... Difícil de apanhar, atrás da sua carapaça de ferro... Pouca gente pode penetrar nela. Você é demasiado agarrado à sua independência. Você... Os seus amigos seguem-no com dificuldade.

E por causa disso, você por vezes sofre. Demasiado sério? Demasiado limitado nas suas idéias. Pode-se, mas... Ah, seu cabeçudo. Ouça lá. Eu sei que não gosta de lições de moral... O seu sentido concreto das coisas, a sua paixão pelo aprofundar dos trabalhos que lhe dão prazer, a sua organização racional, tantos fatores a seu favor. Mas seja mais aberto. Não teime nas suas idéias. Permita-me que... Nada a fazer... Aí está, a sua ambição escondida tende a levá-lo a um certo... poder. Eu ofereço-lhe este cargo. Não? Você recusa? Já sei, você não gosta de precipitar as coisas. De um modo geral, você respeita o seu programa. Mais vale um pássaro na mão... Não o posso condenar, caro Câncer, não diga mais; já conheço o seu sentido da diplomacia fria. Você não exterioriza os seus sentimentos, fala do trabalho... e mesmo assim. Não siga tantas vezes os caminhos mais difíceis. E como é que *você* faz para ficar tão imperturbável em todas as circunstâncias? Quer queira ou não, sente-se isso à sua volta. E você não faz qualquer esforço. Frio e destituído de vida interior? Não! Você guarda tudo para si com medo de ser vulnerável. Você tem êxito mas... à sombra de alguém bem colocado... eh, eh, a eminência parda, talvez... Oh, eh! eu...

Características de Capricórnio: fecha-se numa carapaça feita de independência e de frieza. Sério, ponderado, teimoso. Gosta do concreto e da organização racional. Agarrado à sua idéia. Grande paciência. Sentido da diplomacia fria e eficaz. Não se exterioriza. Permanece natural e simples. Ambição escondida.

Aquário

Você acredita!... Mas... Não, não vou travar o seu espírito de grandeza, mas parece-me... Você não está a ir longe de mais? Os seus projetos ficam muitas vezes por realizar. É já mania, essa sua tendência de fazer projetos para um futuro ainda distante..., tão distante que os outros nem se apercebem dele. As suas idéias sociais ajudam-no a criar contactos. Você é seguro de si e das suas opiniões. Mantenha então os pés assentes na terra e escute, de vez em quando, aquilo que o rodeia...

Eu sei! Você tem uma necessidade absoluta de espaço, de liberdade. Aproveite a sua rapidez de ação para pôr em prática os seus projetos. Oh! Eu... Sim, posso dar uma ajuda. Basta que você tome

consciência das realidades. O seu espírito inventivo e colectivista é muito apreciável. Inovador?... De certo! E os seus gostos um pouco revolucionários, mesmo anarquistas, não devem tapar todos os seus horizontes. Dificilmente influenciável? Olhe que eu não sei bem, mas de qualquer modo você necessita de se associar a alguém para sentir prazer em viver. Seja mais terno com as pessoas mais próximas. Dê-lhes o seu amor e não guarde tudo para si... Mas, atenção! Não dê a sua confiança de qualquer maneira. Caro Aquário, deixo-o. E... querido amigo, sei que me enten....!

Características de Aquário: espírito de grandeza. Idéias revolucionárias, sentido de inovação, anticonformismo. Sem sentido do concreto. Idéias sociais. Confiança em si e no seu ideal. Necessidade de se associar, espírito coletivo. Pouco influenciável. Não mostra a sua ternura. Dá facilmente a sua confiança.

Peixes

Ah! querido Peixes, você veio a terra por quanto tempo? Sempre vagueando nos seus sonhos, no seu mundo... irreal, impalpável. Você faz a sua própria vida mas... não sobre a terra. De qualquer modo, desconfie. Não, vou... Que diz? Está a ouvir-me? O seu espírito maleável e muito influenciável parte diretamente dessa falta de realismo com a qual você se satisfaz. A sua infância desempenha um grande papel na sua vida. Todavia, você deve assumir mais responsabilidades. Não atue em função dos outros. Não fique sempre na indecisão à espera que o seu vizinho mexa...

Oh, você é sensível e inteligente. As suas capacidades são... Mas para quê elogiá-lo? Você só raramente empreende qualquer coisa e ainda... O que lhe falta é um objetivo que desperte o seu ideal. A sua gentileza é reconhecida por todos. Mas não caia numa ingenuidade excessiva.

Conhecendo o seu gosto pelo fatalismo, deixo-o com o seu destino. «Já estava escrito», pode você dizer-me. De acordo, mas...

Características de Peixes: sonhos, vive num mundo irreal. Espírito influenciável, maleável. Falta de realismo. Não gosta de responsabilidades. Tem em consideração a opinião dos outros. Indecisão, sensibilidade, inteligência intuitiva. Ideal elevado, gentileza que toca a ingenuidade. Fatalismo.

CAPÍTULO VIII

QUEM ERA THOT?

ERA UMA VEZ. . .

A lenda de Thot poderia começar por esta fórmula mágica, consagrada aos contos de fadas, mas o mito egípcio contém mais do que lendas. E o teatro ordenado, simbólico, bem entendido, do homem que, no curso da sua evolução e da procura da sua personalidade profunda, é presa de lutas interiores e exteriores incessantes e se entrega a todos os tipos de relações constantes e estruturas permanentes. O grande teatro do homem é o Cosmos.

Ora bem, era uma vez a deusa do céu, Nut, que, curvada em forma de abóbada como a do céu, desposou secretamente Geb, o deus da Terra, sem que o deus-Sol, Ré, lhe tivesse dado consentimento.

Nut dominava as estrelas e os planetas e representava, graças à sua curva semicircular que o Sol percorria todos os dias, o Cosmos com os seus três níveis: o Céu, a Terra e as Trevas por baixo da Terra. Ciente de todos os seus poderes cósmicos, ela acreditava poder desafiar o próprio Sol.

Para melhor compreensão deste mito egípcio, é preciso saber que 5000 anos a. C. e até 3000 anos a. C., o Divino que presidia à religião era constituído por «poderes» mais do que por deuses individuais. Mas, com o aparecimento da escrita, Deus tomou formas e nomes e passou a exprimir uma idéia coerente. Os Egípcios identificavam o faraó com o Divino que, pensavam, encarnava nele. A relação Deus-homem invadiu os espíritos e, com o Império Antigo (2780-2250 a. C.) surgiram os grandes sistemas teológicos. A sua divulgação efetuou-se por intermédio das Casas da Existência, espécie de estabelecimentos de ensino de vocação científica, onde se efetuavam

cópias de textos religiosos que eram distribuídas pelas «bibliotecas» dos templos.

As regiões, as cidades, as vilas, tinham o seu deus. Era vulgar ver o nome de um velho deus ser substituído por um novo nome que o suplantava.

A dualidade dos deuses caía bem no espírito dos Egípcios e como eles tinham conservado o hábito de adorar certos animais vivos, tais como o crocodilo Sebek, por exemplo, o dualismo estendia-se igualmente a eles e assim celebravam Rê-Sebek e tantas outras dualidades deus-animal.

Esta dualidade dos deuses resultava numa profusão de símbolos uns mais ricos que outros.

Voltando à nossa história, o deus Rê tomou conhecimento da união de Nut, a deusa do Céu, com Geb, o deus da Terra, o que era contra a sua vontade. Como é que ele soube? Foi Shu, o ar luminoso, que transportou a notícia? Ou Tefnut, a umidade, que invadiu as suas idéias? Fosse quem fosse, o certo é que o deus encolerizou-se terrivelmente. Uraeus, a cobra fêmea de pescoço largo, que personificava o olho ardente de Rê, começou a cintilar, o que simbolizava o fluido vital, o sopro da vida e tomava o aspecto devastador da cólera de Ré.

Para castigar Nut, Rê lançou sobre ela um feitiço que a impediria de conceber filhos ao longo dos anos que se seguissem. Nessa época, o ano egípcio compreendia doze meses de trinta dias. Não podendo ter filhos, Nut caiu num desgosto imenso que a minou. A deusa do Céu estava votada à esterilidade permanente. E então que intervém Thot. O deus Thot (ou ainda Thoth) era o patrono dos sábios e dos letrados. Era o grande escriba divino encarregado de registrar a palavra de Ptah, o deus original e criador, ele mesmo criado pela palavra, deus político de Mênfis, unido em dualidade ao deus local da Terra, Ta-Tenen, assim como a Sokaris. O deus Thot estava igualmente encarregado de anotar o veredicto de Anúbis, o deus com cabeça de chacal, logo que este pesava as almas dos monos na psicostasia. Thot era ao mesmo tempo artista, amigo das flores, dos jardins e das festas, mágico sem par, possuindo o poder de ler os mais misteriosos hieróglifos e de prever o destino dos homens.

A dualidade animal de Thot também o revelava aos Egípcios sob a forma de grande macaco cinocéfalo branco, que governava as horas e o calendário, que era o mestre do tempo e que, sob a forma de íbis, a ave sagrada dos Egípcios, era objeto de veneração absoluta porque destruíra os répteis e porque a sua chegada ao país anunciava a cheia

do Nilo, veneração tal que a morte dum íbis, voluntária ou não, implicava a irremediável condenação à morte do culpado.

A combinação de duas divindades lunares, Thot-cinocéfalo e Thot-íbis, que se tornaram Hermes para os gregos e Mercúrio para os romanos, deu ao deus Thor a presidência das ciências e atribuiu-lhe a produção de obras que constituíam a enciclopédia religiosa e científica do antigo Egito.

Nut relatou todo o seu imenso desgosto a Thot, seu amigo, que já a amava em segredo há muito tempo.

Thot, o mágico dos números, imaginou um estratagema subtil para contentar Nut, a deusa do Céu. Dirigiu-se à Lua e propôs-lhe uma partida de «jogo de dedos» («mourre»^{*}). Os dois contendores colocam-se frente a frente com um punho fechado levantado. Depois, ao mesmo tempo, abrem a mão deixando um número desejado de dedos levantados, dizendo em simultâneo um algarismo de 1 a 10. O vencedor foi a Lua que enunciou um número igual ao total dos dedos levantados pelos dois jogadores. A partida tinha cinco jogadas. Thot ganhou três, a Lua só duas. Como prêmio, ele pediu-lhe a septuagésima segunda parte da sua luz prateada. Jogo era jogo e ela acedeu de bom grado sem compreender as razões de tal pedido.

Thot dispunha desta intensa claridade para criar cinco dias completos, que ele se apressou a juntar aos 360 já então existentes no ano. Foi deste modo que o ano passou, desde então, a ter 365 dias repartidos por onze meses de trinta dias e um mês de trinta e cinco. Os cinco dias ganhos à Lua chamaram-se *epagomenos*, que o leitor já deve ter reconhecido.

Nut aproveitou estes cinco dias suplementares para anular o efeito do encanto lançado pelos deus-Sol. Sem que Rê soubesse — como poderia desconfiar da engenhosa solução imaginada por Thot? — a deusa do Céu concebeu clandestinamente cinco vezes, uma criança por cada dia acrescentado ao calendário em uso. Assim, ela deu à luz cinco deuses: Osíris, Haroeris, Seth, Ísis e Neftis.

Mais tarde, Osíris, o filho primogênito de Nut, tomou-se rei do Egito na qualidade de herdeiro de Geb, o deus da Terra.

Foi um grande rei, bom e sensível, que se interessou pelo bem-estar das populações selvagens e incultas do Egito.

Desposou a sua irmã Ísis.

^{*} Hoje, um jogo popular italiano (*N. do T.*).

Osíris, deus do antigo Egito, foi o deus do bem que personificava, ao mesmo tempo, a vegetação, o Nilo e o Sol-poente. O boi Ápis era uma das suas encarnações.

Como rei do vale do Nilo, ele ensinou os Egípcios, com a ajuda da esposa e irmã Isis, a semear, a cultivar e a colher. Realizou a unificação das diversas populações que formigavam ao longo do rio. Ensinou-lhes a trabalhar o ouro, a forjar o bronze e a fabricar armas e utensílios.

Thot era ministro de Osíris e senhor da sabedoria, das leis e dos textos sagrados. Durante o seu reinado, Thot foi também o mestre do cálculo e do tempo e o mensageiro dos deuses. Thot comunicava ao povo os seus conhecimentos e lia o destino a cada um dos habitantes. Examinava os hieróglifos mais secretos e, como a língua egípcia exprimia idéias, não por conceitos mas por imagens e símbolos, ele lia e interpretava as mensagens mais obscuras e misteriosas.

Seth era o oposto em tudo ao seu irmão Osíris. Foi mesmo a encarnação do mal sobre a Terra. Foi o deus das Trevas. Odiava Osíris pelo amor que todos lhe tinham e resolveu matá-lo. Recrutou setenta e dois cúmplices (o número 72 era o símbolo da totalidade do possível ou do real) e imaginou um odioso stratagema para alcançar os seus fins.

Seth arranjou um encontro com Osíris, com o pretexto de lhe oferecer um gato, imagem da deusa Bastet, benfeitora e protetora do rei. Aproveitando-se dos elevados sentimentos do seu irmão, que não desconfiava de ninguém, Seth entreteve-se a tirar as medidas do corpo de Osíris com uma meticulosa precisão.

Algum tempo depois, o invejoso Seth mandou construir um cofre em madeira preciosa com as medidas exatas de Osíris. O cofre foi transformado em móvel ricamente decorado e suntuosamente incrustado de esmeraldas e de jaspe. Levava ainda esculpido na tampa o disco solar alado que simbolizava o Sol em movimento e, por conseguinte, o nascimento, a sublimação e o renascimento. Aplicados nos quatro cantos do cofre, em alto relevo, os oito discos azuis, dispostos em duas colunas de quatro discos sobrepostos, em fundo azul, simbolizavam o infinito do céu e a profundidade do espaço cósmico.

Seth, prosseguindo o seu diabólico projeto, deu uma grande festa em honra do Rei. A meio do repasto, mandou trazer o cofre e todos os convivas manifestaram a sua admiração. Osíris, tal como os convidados, admirava o precioso móvel em todos os seus pormenores, sem reparar que as esmeraldas e o jaspe que o ornamentavam tão magnificamente correspondiam ao ferro do planeta Marte, que simbolizava

o fogo dos desejos, a violência e a raiva. O metal ferro simbolizava energias cósmicas brutais, solidificadas e condensadas. Era um dos elementos planetários do mundo subterrâneo.

As suas pesquisas duraram longo tempo mas da acabou por encontrar o corpo de Osíris, que leva secretamente para o Egito. Escondeu o cofre na margem do Nedit e permanece perto dele.

Mas Seth descobriu o esconderijo e, para afastar Isis do corpo do seu marido, enviou-lhe um emissário encarregado de a conduzir a um outro local onde lhe seria revelado o processo para fazer ressuscitar o seu esposo e irmão. Isis, confiadamente, dirigiu-se ao local indicado situado nos pântanos. A serpente Apofis revelou-lhe que podia reconduzir a vida ao corpo de Osíris, chamando sem cessar pelo seu nome, pois o nome pessoal era uma dimensão essencial do homem e continha um poder criador. Se pronunciasse em voz alta o nome de Osíris, fá-lo-ia reviver.

Muito feliz, Isis voltou ao sítio onde havia escondido o corpo de Osíris. Porém, Seth tinha aproveitado a sua ausência para levar o cofre com o corpo e, para evitar que a revelação mágica da serpente tivesse qualquer efeito, esquartejou o morto em catorze bocados que meteu no cofre e voltou a lançá-lo ao mar.

A infeliz esposa esteve tentada a desistir, mas Thot deu-lhe nova coragem, garantindo-lhe que ela apenas tinha que reencontrar os catorze bocados e que, depois de reconstituir o corpo do seu irmão, a revelação de Apofis retomaria toda a sua eficácia.

Ísis voltou a partir, desta vez à procura dos bocados de Osíris. Depressa encontrou o cofre que se havia transformado em árvore e a própria madeira em coluna. Encontrou só um bocado do corpo do marido na coluna, porque as outras treze partes haviam-se dispersado no Nilo quando do lançamento do cofre à água. Pouco a pouco Ísis conseguiu reunir todos os bocados com exceção dos órgãos sexuais que um oxirrinco, peixe do Nilo cúmplice do infernal Seth, havia devorado. A cada macabra descoberta Ísis levantava um santuário osiriano no próprio local. Os templos a Osíris estavam espalhados um pouco por todo o Egito.

Um belo dia, a desesperada divagação de Ísis terminou. Tinha, enfim, conseguido reunir os treze bocados do corpo de Osíris, o bom rei defunto do rio Nilo.

Ajudada pela sua irmã Neftis, reconstituiu o corpo do seu marido. O falo que faltava havia sido recriado, simbolicamente, pela transformação do cofre em árvore e depois em coluna. Ora, era sobre o falo que assentava a vida, como o universo sobre uma coluna.

Confiante na revelação feita pela serpente Apofis, ambas as irmãs lançaram lamentos e gritos chamando Osíris pelo seu nome, a fim de que ele voltasse à Terra. Os lancinantes chamamentos chegaram aos ouvidos do deus Rê que enviou Thot e Anúbis junto do corpo de Osíris. Thot-cinocéfalo e Anúbis-cabeça-de-chacal, mumificaram os treze bocados do corpo de Osíris tomando-o assim imortal. Thot, por amizade a Isis, ressuscitou-o, pelo que se tomou, a partir desse dia, o deus dos mortos e da imortalidade da alma. A árvore e a coluna, assentes no leito do Nilo, deram ao rio, daí em diante, a força fecundante do sexo de Osíris e este último tomou-se igualmente o deus da vegetação.

Mas Seth não desistiu. Procurou Hórus, o filho póstumo que Ísis havia concebido de seu esposo Osíris. Ísis havia-lhe arranjado um esconderijo entre os papiros do pântano de Quemnis, onde ela se dirigia com frequência a fim de lhe insuflar o espírito de vingança que ela acalentava irresistivelmente no seu coração; e assim, educava Hórus com o fim de o tomar o instrumento dessa vingança.

Hórus tomou-se grande e forte e não pensava senão em destruir Seth, o malfeitor. Um belo dia, saiu do seu esconderijo e foi enfrentá-lo, provocante e seguro de si. Este primeiro combate de morte foi o começo de uma longa e terrível sucessão de lutas cruéis e ferozes, donde tio e sobrinho não tiraram qualquer vantagem.

No decurso de uma batalha selvagem entre os dois homens, Seth conseguiu arrancar um olho a Hórus, que desfez em seis bocados e espalhou pelo Egito. Seis era o algarismo simbólico da perfeição virtual mas que podia sempre falhar e esta eventualidade dava ao algarismo seis o símbolo de prova entre o bem e o mal.

Durante essa mesma luta feroz e bárbara, Hórus, por seu lado, castrou Seth retirando-lhe a sua semente de vida e o seu valor fecundante.

O deus Ré, perante tantas atrocidades, resolveu acabar com o combate intervindo decididamente a favor de Hórus. Mas nem isso foi suficiente para que Seth se desse por vencido.

Certo dia, Hórus, certo de ter Rê pelo seu lado, conseguiu acorrentar Seth e entregou-o a Ísis, sua mãe.

Enquanto isso, Thot, o deus dos sábios e da magia, reuniu as seis partes do olho de Hórus tomando-o um olho são e inteiro que restituiu a Hórus. Mas este olho reconstruído por Thot tinha a marca mágica do grande cinocéfalo branco. Parecia um olho de ser humano e de falcão porque, além de comportar as duas partes da córnea, a íris e o sobrolho do homem, tinha sob a parte esquerda da córnea as duas

marcas coloridas típicas do olho do falcão, quer dizer, uma marca colorida oblíqua e uma marca colorida vertical.

Este olho assim concebido chamou-se o «oudjat» e Thot tinha muito orgulho nele, pois sabia — os astros haviam-lhe confirmado — que o olho de Hórus tornar-se-ia para os Egípcios um amuleto que era portador duma porção de fluido mágico que ele possuía, assim como o símbolo da integridade do corpo, da saúde, da visão total e, portanto, o olho que tudo vê, da fertilidade pletórica universal.

Ora, aconteceu que Ísis na presença do seu mau irmão Seth, acorrentado e impotente, o perdoou. Por esse motivo, a partir desse dia, Hórus devia recomeçar sem cessar a sua luta simbólica contra o indomável deus das Trevas. Simbolicamente, Hórus tornou-se o deus do Sol nascente na sua luta infundável com o deus das Trevas e da noite: Seth, que todas as tardes o fazia sucumbir e ser engolido pelo leão sentado na direção do Poente mas do qual ele triunfava todas as manhãs, brotando da terra entre as patas do escaravelho de ouro e saindo pela goela do leão, sentado na direção do Levante.

Entretanto, Hórus foi colocado no trono do Egito pelo deus Rê. Muito mais tarde, Hórus tomou-se o deus protetor do faraó no qual encarnava. O rei foi identificado com o deus Hórus ou Falcão e no dia da sua coroação dizia-se: «Ergue-se no trono como o Sol no Céu.» E assim o Falcão encarnava Hórus, deus dos espaços aéreos, cujos olhos eram o Sol e a Lua.

Por tudo isso, Thot, o mestre do templo e o mágico dos números, a divindade lunar, tornou-se igualmente e ao mesmo tempo que cinocéfalo, que se ouvia gritar ao nascer do Sol, o deus que, no horizonte do mundo, ajudava o astro-rei a nascer todas as manhãs graça, às suas preces.

Assim, Thot, depois de ter sido o conselheiro de Osíris, seu protetor que ajudou à sua ressurreição, tornou-se igualmente o protetor de Hórus e ajudava à sua ressurreição no Céu, simbolicamente tomado o deus do Sol nascente, que se representa algumas vezes com a cabeça ornamentada, não com a fronte do falcão, mas sim de um disco solar circundado por uma cobra que simbolizava a chama.

Thot-cinocéfalo e Thot-íbis, entregava-se à leitura dos planetas e das estrelas das quais se tornou o mensageiro e transmitia aos homens as suas mensagens de verdade sobre o Cosmos.

Graças a Thot, o simbolismo do ciclo solar tinha tomado forma.

O SACERDOTE TOTH, ÊMULO DO DEUS THOT-ÍBIS

O deus Thot-Íbis teve um êmulo notável no domínio da decifração da cosmogonia da época. Foi o sacerdote da quarta dinastia, chamado Toth, que deixou à posteridade papiros e inscrições hieroglíficas respeitantes aos seus métodos astrológicos especiais, destinados a revelar aos Egípcios os planetas benéficos ou maléficos que os regiam depois do seu nascimento.

Este sacerdote foi o primeiro a interpretar astrologicamente o símbolo do ciclo solar revelado pelo deus Íbis. O seu método astrológico baseia-se no percurso circular que o Sol descreve no céu, de Oriente a Ocidente, passando pelo Zênite, depois sob a terra na barca solar conduzida por Isis e Anúbis, no propósito iniciático de se regenerar e de renascer no novo dia que começa.

Com efeito, servia-se do signo zodiacal que precedia o do nascimento dum indivíduo para obter uma explicação mais profunda. Observou especialmente que a qualidade fundamental de um signo se encontra sempre em carência no signo que se lhe segue.

Estabeleceu assim um seguimento lógico dos doze signos do zodíaco que podemos traduzir, sob a forma de um círculo dividido em quatro partes, representando cada parte uma estação. Claro que cada quarto do círculo assim constituído será, por sua vez, subdividido em três partes iguais representando os três signos zodiacais contidos numa estação.

Mencionaremos as qualidades dum signo que figurarão no signo seguinte. Obteremos uma sinusóide.

A roda das carências

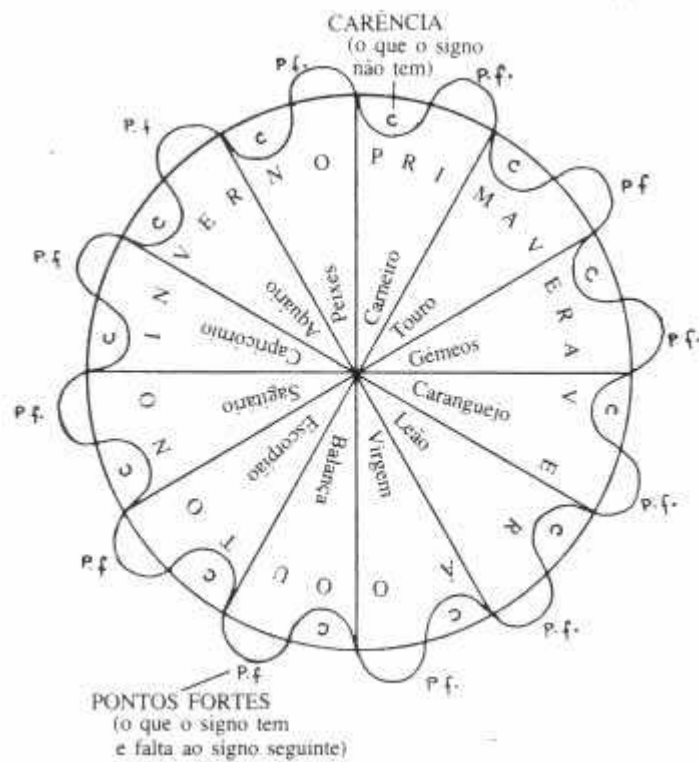
Cada signo possui pontos fortes que, na teoria das carências de Toth, se tomam os pontos fracos do signo que se lhe segue. A roda das carências descreve-se da seguinte maneira:

O ponto forte do *Áries* situa-se na sua capacidade de agir, de combater, o que não é o caso do Touro que permanece passivo, rotineiro, calmo e que acumula os bens.

O ponto forte do *Touro* reside na sua paciência, no seu espírito materialista, o que não é o caso dos Gêmeos que pecam pela impaciência e pela dispersão das suas forças.

O ponto forte dos *Gêmeos* situa-se na atividade cerebral, sua adaptação ao mundo envolvente, o que não é o caso do Câncer que se protege a todo o custo dos outros e se fecha em si mesmo.

O ponto forte do *Câncer* reside na sua faculdade de imaginar, de sonhar, de sentir, o que não é o caso do *Leão* que se volta para os outros e se expõe ao mundo exterior.



O ponto forte do *Leão* reside na sua faculdade de organizar, de se colocar à frente, de guiar, o que não é o caso da *Virgem* que se apaga, se minimiza, se autocrítica.

O ponto forte da *Virgem* reside no seu espírito de concentração, de análise, no sentido do essencial, na sua prudência, o que não é o caso da *Libra* que peca pelo imprevisto e pela incapacidade de decisão.

O ponto forte da *Libra* situa-se na sua necessidade de comunicação, no seu sentido da harmonia e da medida justa, o que não é o

caso do Escorpião que toca os extremos com agressividade e que pratica a política do tudo ou nada.

O ponto forte do *Escorpião* é a sua agressividade controlada, a sua discrição, a sua originalidade, o que não é o caso do Sagitário que se exterioriza e toma iniciativas, que gosta do convencional.

O ponto forte do *Sagitário* situa-se no domínio da espiritualidade e da iniciativa, o que não é o caso do Capricórnio que peca pelo excesso de reserva e de interiorização.

O ponto forte do *Capricórnio* é do domínio do trabalho assíduo, do conhecimento profissional, da ambição escondida, da sisudez, do conformismo, o que não é o caso do Aquário que se abre a todos, falta-lhe o espírito prático e é essencialmente anticonformista nos seus atos e nos seus pensamentos.

O ponto forte do *Aquário* é o seu espírito de inovação, de fraternidade, o seu sentido de colaboração frutuosa, o que não é o caso dos Peixes que vivem no misticismo, na universalidade e na plasticidade mais completa.

O ponto forte de *Peixes* é o seu dom para receber, para sentir intuitivamente, a sua sugestibilidade, o seu desinteresse, a sua passividade em face do destino, o que não é o caso do Áries que vive o momento presente concretamente e com combatividade, sem ter problemas sentimentais ou estados de alma perturbadores... e a roda das carências continua a rodar...

CAPÍTULO IX

CÓDIGO GENÉTICO E INFLUÊNCIAS ASTRAIS

**Procura, no homem, dos períodos mais
sensíveis às influências astrais**

Os Egípcios da Antiguidade identificavam o homem com o universo e reencontravam este no homem. O universo-espelho parecia a sua «religião», com um ponto de referência maravilhoso, o Sol.

Atualmente, sabemos que desde o infinitamente pequeno ao infinitamente grande, da mais minúscula das nossas células às grandes linhas da arquitetura do corpo humano e desde o átomo à galáxia, o Cosmos (do grego «mundo») é o conjunto de tudo o que existe e, por extensão filosófica, o universo que forma um todo organizado e harmonioso, em oposição ao caos.

No Cosmos, as galáxias afastam-se umas das outras. O fluido-universo desliza sem fim e a sua expansão incansável desafia a nossa imaginação. Quinze bilhões de anos de expansão! E nós, os habitantes da Terra, estamos perdidos numa galáxia que se encontra a cerca de um milhão de anos-luz da mais próxima das outras galáxias que compõem o Cosmos. Ironia suprema, quando se sabe que as galáxias têm tendência precisamente para formar grupos!

Cada instante que passa sobre a Terra, cada segundo que se escoia, mostra-nos os planetas vizinhos do nosso sob um novo aspecto. Na realidade, nós nunca observamos a mesma coisa por exemplo na Lua ou em Marte. *E* nem nos damos conta disso. Pensamos viver no presente, o nosso presente, cortado em fatias de tempo precisas e seguras, bem estabilizadas no nosso viver, com pontos de referência sólidos e... nada disso é uma realidade. Na verdade, tudo é movimento e transformação à nossa volta.

Seirmos correr o Tejo durante alguns minutos, do alto de um dos miradouros de Lisboa, parece-nos sempre o mesmo rio. E o que nos garante e nos dá a ilusão do momento presente. E, afinal, nunca é o mesmo rio que temos a nossos pés. A água é sempre outra de minuto a minuto, de segundo a segundo. Não transporta sempre os mesmos detritos... a água está em movimento... bilhões de células correm indefinidamente sob o nosso olhar indiferente. O mesmo acontece com o fluido-universo do qual fazemos parte. A Terra é uma das suas células ínfimas transportada por esta corrente gigantesca em expansão. As distâncias que separam as galáxias entre si são de tal maneira vastas, as suas massas tão densas, que não podemos imaginar as mudanças que ocorrem nelas a cada instante... como não imaginamos as mudanças que acontecem na água do rio que redemoinha em redor dos pilares da ponte... ou como não imaginamos o fluido de células em incessante movimento no nosso corpo.

O nascimento do mundo a partir dum ovo

O nascimento do mundo, a partir de um ovo, é uma idéia enunciada pelos Egípcios. Seria o ovo lançado por Khepri que representaria o produto da manifestação pelo Verbo.

O ovo emergiu do oceano primordial, chamado Num, que era uma espécie de caldo de cultura gigantesco contendo germes de criação em potencial. O deus Knum encarregou-se dele e organizou o caos dando origem aos seres e às coisas. Por sua vez, este deus formou, outros ovos. Por este motivo os Egípcios chamaram-lhe o deus oleiro.

Podíamos aproximar esta crença, que pretendia que o nascimento da Terra e da vida resultou de uma emergência do oceano, da explicação recente e científica dos investigadores da nossa época que atribuem a emergência da vida a partir da «sopa oceânica primitiva».

Um mecanismo rigorosamente programado

Todos nós temos origem no óvulo humano. Ponhamos uma pergunta simples mas fundamental: *Por que é que dum óvulo humano só pode resultar um ser humano*, dum óvulo de rato um rato, etc.? Os cientistas procuraram uma resposta a esta pergunta.

A primeira vista, parece que cada óvulo deve conter em si mesmo um plano específico da sua espécie que terá sido programado para um

determinado momento e cuja execução levará, sistematicamente, à realização de um ser conforme à sua espécie.

Esta primeira resposta parece lógica. Ajusta-se ao sentido que admite este plano bem concebido, mas é preciso perguntar *onde e como foi programado*. Não esqueçamos que o tamanho do óvulo humano é da ordem de um milímetro!

A ciência responde-nos: nas proteínas características da espécie (uma proteína é uma molécula contendo carbono e azoto). Ora, as moléculas de proteínas formam longas cadeias, sendo cada elo formado por uma pequena molécula de aminoácido (um ácido orgânico azotado). Sabemos que nos seres vivos só existem umas vinte espécies de aminoácidos principais.

Como é que *vinte aminoácidos* diferentes podem ser transportadores hereditários de tantos tipos diferentes e particulares? É impossível de imaginar! E no entanto... Experimente agarrar em oito lápis de cores diferentes — por exemplo, vermelho, amarelo, azul, verde, castanho, violeta, laranja e rosa — e desenhe pequenas bolas coloridas ao sabor da sua fantasia. Suponhamos dezoito bolas.

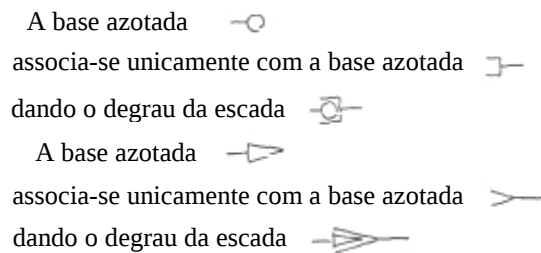
Terá numa primeira fila, por exemplo, 2 vermelhas, 3 amarelas, 1 azul, 2 verdes, 3 castanhas, 2 violetas, 1 rosa e 4 laranjas. Por baixo, faça uma outra série de dezoito bolinhas de cor, com os mesmos lápis mas distribuindo as cores de modo diferente; por exemplo, 1 amarela, 4 verdes, 3 rosas, 1 vermelha, 2 castanhas, 2 azuis, 2 laranjas e 3 violetas. Obtém um efeito bem diferente daquele que obteve na primeira fila. Imagine, por instantes, o enorme número de efeitos que poderia obter variando as bolas coloridas!

De modo algo semelhante, as moléculas de proteínas têm propriedades químicas diferentes em função da ordem de associação dos seus aminoácidos. E nesta ordem de agrupamento dos aminoácidos das proteínas que se caracteriza a espécie, que se inscreve o material cromossomático celular, sob a forma de um código. Estas moléculas são chamadas A. D. N. porque agrupam o Ácido Desoxirribo Nucléico dos cromossomos.

Que contém *a molécula de A.D.N.*? Numerosos genes, servindo cada um para a fabricação de uma proteína específica.

Como se organiza uma molécula de A.D.N.? Por associação. Com efeito, a molécula de A.D.N. é composta por bases azotadas de quatro espécies diferentes. Ora, estas bases azotadas não se podem associar senão duas a duas. Porquê? Por causa das suas afinidades químicas particulares. E agora fácil compreender que esta ordem, na qual as bases azotadas se apresentam, constitui o código genético.

Vemos desenhar-se uma espécie de cadeia dupla de bases azotadas, associadas duas a duas segundo a sua afinidade química (numa estrutura helicoidal dupla). Uma escada de caracol de dois montantes onde cada degrau seria constituído pela associação de duas bases azotadas. Para tornar o assunto mais claro, vamos dar a forma arbitrária de um círculo a uma certa base azotada, a forma de um semiquadrado à base azotada com a qual tem afinidade, a forma de um triângulo à terceira categoria de base azotada e a forma de um semitriângulo àquela com a qual esta última tem afinidade química. Obtemos o seguinte esquema das bases associadas duas a duas:



Os genes estão pois fechados no elo celular. Comandam a síntese das proteínas e pertencem aos cromossomos. Os cromossomos apresentam-se sob a forma de pequenos filamentos, sendo em número constante (46 na espécie humana) e servem de suporte material à hereditariedade.

Mas a *síntese das proteínas* comandada pelos genes realiza-se no citoplasma (constituente fundamental da célula viva, contendo nomeadamente o centróssoma, os vacúolos, os ribossomos, mitocôndrias e outros organitos) que rodeia o núcleo e, por conseguinte, os genes são obrigados a comandar a síntese à distância.

Quais serão os intermediários que intervirão entre o núcleo e o citoplasma para que essa operação essencial possa ter lugar? Como o gene comanda à distância, é ele que vai fabricar os seus intermediários e esta será a primeira fase da síntese das proteínas.

Como? Substâncias químicas que fluem livremente no núcleo entram em contacto com um dos «montantes», da nossa «escada» de A.D.N. e formam uma ganga que se molda perfeitamente, fabricando assim uma molécula que recobre toda a superfície do gene. Temos assim criada uma molécula de A.R.N. (Acido Ribo-Nucleico)

chamada «mensageiro». Possui as mesmas bases azotadas das moléculas de A.D.N. mas é diferente delas.

As substâncias químicas em liberdade no núcleo entram igualmente em contacto com o «montante» oposto da escada de A.D.N. e fabricam também outras pequenas moléculas que, contrariamente às precedentes, não formam uma cadeia mas vários fragmentos de cadeia com o montante. Constituem as moléculas de A.R.N. de «transferência». Estes dois tipos de ligações são efêmeros: logo que efetuada a síntese, as moléculas de A.R.N. mensageiro e A.R.N. transferência que têm entre si uma complementaridade absoluta, deixam o molde respectivo.

Atravessam a membrana nuclear e penetram no citoplasma. Numa primeira fase, as A.R.N. de transferência vão associar-se temporariamente, graças à natureza das bases azotadas que contêm, com os aminoácidos existentes no citoplasma. Cada A.R.N. de transferência atrai para si um aminoácido específico em função das afinidades apresentadas. São estas afinidades específicas que dão origem às associações A. R. N. - aminoácidos.

Numa segunda fase, a molécula de A.R.N. mensageira, sob o controlo dos ribossomos (corpúsculos granulares) atrai a ela as moléculas de A.R.N. de transferência já situadas no citoplasma celular, em função, aí também, das afinidades recíprocas das bases azotadas.

Reconstitui-se no local uma espécie de pequena escada de A.R.N. que forma uma mensagem codificada de acordo com a ordem segundo a qual as A.R.N. de transferência se colocam ao longo das A.R.N. mensageiras. São as bases azotadas das A.R.N. mensageiras que compõem esta ordem.

A consequência desta estreita vizinhança de moléculas de aminoácidos chegadas com as A.R.N. de transferência é a produção de ligações químicas entre elas. Estas associações em cadeia formam uma proteína que se liberta das A.R.N. de transferência. Para não ficarem atrás, as diferentes moléculas de A. R. N. participam igualmente na síntese de outras moléculas de proteínas.

Notamos que as A.R.N. mensageiras impõem a ordem da disposição dos aminoácidos na proteína sintetizada. Tínhamos visto que a A.R.N. mensageira não se podia formar senão por moldagem de uma parte da molécula de A.D.N. do cromossomo, portanto, não ficamos muito admirados quando nos apercebemos que a proteína formada deste modo é o reflexo exato da mensagem codificada constituída pelo fragmento de molécula de A.D.N. de origem. Esse fragmento de molécula de A.D.N. chama-se o gene.

O gene é, pois, o fragmento de molécula de A.D.N. que, fazendo parte de um cromossomo duma mesma espécie, comanda o fabrico de uma determinada proteína. As células possuem cromossomos portadores de genes específicos, o que, graças a proteínas particulares, caracterizam perfeitamente a espécie.

Um pormenor importante: as sínteses de proteínas não são a função de todos os genes. Certos genes têm por finalidade adaptar a atividade da célula às suas necessidades, seja reprimindo-as, e nesse caso chamam-se genes *repressores*, seja acelerando-as, chamando-se genes *desrepressores*, ou ainda estimulando-as em relação à atividade de outros genes e, nesse caso, são chamados *genes indutores*.

O mecanismo posto em movimento está rigorosamente programado.

Informações codificadas

Podemos então imaginar que esse código genético transporta «informações» codificadas que determinam o desenvolvimento do óvulo humano de acordo com a sua espécie e que qualquer outra «informação», tal como aquela, por exemplo, que poderia provir de átomos de estrelas antigas, desintegradas, que fazem parte da constituição do nosso ser e que poderiam conter todos os ensinamentos «codificados» sobre o que foi o Cosmos e que, por alianças químicas subtis e complexas, poder-se-iam traduzir em sensações, em impressões fugidias do já «visto» ou «sentido», *ao nível da psique do indivíduo* que as aloja.

A matéria e a antimatéria

A teoria dos «dois mundos paralelos»

Será que existe o antimundo da antimatéria com as suas antimulheres e os seus anti-homens, feitos de antiátomos e possuindo anticromossomos portadores de antígenos?

Temos possibilidade de comunicar psiquicamente com o nosso antinós graças a emissores-receptores que ignoramos possuir? E essa a explicação da premonição, da radiestesia, da telepatia e de outras comunicações à distância?

O homem comum tem a possibilidade de sonhar, de imaginar. O sábio tem a possibilidade de controlar, de racionalizar. Algumas vezes o sonho do primeiro toma-se a realidade do segundo que se admira de tal, porque rejeitou sempre esta visão utópica.

Porque não havemos de imaginar estes dois mundos, paralelos, tão próximos e não havemos de tentar estabelecer a comunicação entre eles?

Como? Ficando à escuta do nosso corpo e dos nossos sentidos. Agindo tal como faziam os Egípcios que se entregavam inteiramente, de corpo e espírito, às estrelas e ao Cosmos e recebiam em troca o eco deles mesmos.

Para eles, o Cosmos era um espelho gigantesco e prodigioso que lhes reenviava a sua imagem. Não tentavam interrogar os astros para colher conhecimentos precisos, mas sim projetarem simplesmente as suas sensações, as suas emoções, os seus sentimentos para o espelho sideral, para receberem em troca o conhecimento de si próprios, o que é tão verdadeiro como os espaços cósmicos serem portadores de verdades que estão escondidas em nós.

Como os Egípcios e à maneira dos morcegos, projetemo-nos como eles projetam as ondas do seu radar e escutemos atentamente o eco de nós próprios, como eles escutam o eco do impacto dos seus gritos contra o obstáculo. Paremos de olhar para o umbigo e de nos julgarmos o centro do mundo.

E se falássemos um pouco da antimatéria?

Há duas variedades de matéria. A matéria de que somos formados e a antimatéria. Estas duas matérias são parecidas como gêmeos, mas nunca se devem encontrar sob pena, a que preço para nós, de se aniquilarem integralmente transformando-se em energia luminosa.

Esta teoria admite que nos primeiros segundos do universo, a matéria e a antimatéria existiam. Passaram por fases de aniquilação, daí a luz, e de renascimento graças à energia luminosa. O mito da ave Fênix que renasceu das chamas que a consumiram e o mito de Osíris, comprovam que, entre os Egípcios da Antiguidade, já havia a espantosa consciência do que era o universo. Consciência essa que depois se perdeu e cujas fontes originais a astrologia se esforça por reencontrar.

Existiria então um mundo de matéria e um mundo similar de antimatéria, feitos de pessoas e de antipessoas conduzindo carros e anticarros... Os sábios admitem este fenómeno e explicam a presença atual da matéria e, portanto, a nossa existência, mas alguns entre eles afirmam que a antimatéria já não existe no sistema solar nem nas galáxias mais próximas.

Atualmente coexistem duas teorias: a primeira avança que os constituintes de todos os núcleos do átomo, quer dizer, os prótons e nêutrons, seriam formados por partículas elementares, os «*quarks*». Nos primeiros microssegundos do universo, logo que a temperatura atingiu o milhão de milhões de graus (10^{12}) estes «*quarks*» em fusão teriam dado origem a núcleos (prótons e nêutrons). Seria no decurso destas desintegrações que os fótons se teriam tomado numa população um bilhão de vezes mais numerosa que a dos átomos e, por conseguinte, teriam conduzido o universo à matéria mais do que à antimatéria.

Porquê? Porque sobre este bilhão de partículas não havia exatamente uma metade de matéria e uma metade de antimatéria, mas sim uma partícula de matéria em excesso. E assim! Uma num bilhão para criar o ínfimo desequilíbrio que levou à onipresença da matéria que se expandiu sempre até eliminar toda a antimatéria. E tudo isto durou... um milissegundo depois da Grande Explosão («Big Bang»)!

A segunda teoria pretende que no momento da Grande Explosão, a matéria e a antimatéria foram formadas em quantidades iguais que se desintegraram em cadeia até se tomarem as *partículas* e as antipartículas *das quais todos nós somos constituídos*.

Foi um momento em que a matéria se concentrou em galáxias e a antimatéria em antigaláxias. Como prova desta tese os sábios citam a expansão divergente que conduz à recessão das galáxias e que teria evitado o contacto catastrófico da matéria com a antimatéria.

Para isso ser verdade, era preciso que coexistissem as massas de matéria com as massas de antimatéria, o que implicava estivessem separadas por «compartimentos estanques».

Os sábios explicam que se poderia produzir, pelo contacto das massas de matéria e de antimatéria, uma camada isolante que impediria a aniquilação, do mesmo modo que uma película de vapor isola a gota de água do metal incandescente. E o que se chama o efeito Leidenfrost. Este efeito de «interface» ainda está por demonstrar... Os sábios falam da formação de uma camada isolante de tempestades eletromagnéticas, mas ninguém, até agora, conseguiu captar as suas radiações típicas.

Somos as crianças do Cosmos

Estas teorias eruditas e possíveis, conduziram-nos à reatualização da visão estática que tinham os sacerdotes egípcios sobre o universo e sobre o homem, compreendendo enfim que cada ação do ser

humano, mesmo a mais simples, como a de fazer amor por exemplo, tem a sua origem no princípio do tempo e que todos os níveis do mundo real, passado, presente e futuro entram em jogo neste ato corrente. Expliquemo-nos.

No caldo inicial, os «quarks» ligaram-se formando as partículas nucleares as quais constituíram os núcleos no coração fértil das estrelas há muitos bilhões de anos e edificaram na sopa oceânica primitiva o código genético programado nas células sexuais. Este código genético entra em ação logo que os milhões de espermatozóides vão ao assalto do único óvulo que garantirá a sobrevivência de um deles (ou talvez dois). E durante este tempo, enquanto a mulher experimenta sentimentos diversos de regozijo, prazer e amor intenso, as reações químicas de produção de proteínas tomam lugar normalmente em cada espermatozóide, os átomos ligam-se ou dissociam-se e os nucléolos dos núcleos parecem indiferentes à dança de elétrons que assegura as combinações moleculares. Apesar desta agitação, os «quarks» permanecem ligados ao coração dos núcleos.

A mulher, ignorando todos estes movimentos, esta espantosa hecatombe, põe-se à escuta do seu corpo, fazendo entrar em jogo inumeráveis elementos complexos entre o cérebro, a espinal-medula e os músculos...

Somos na verdade as crianças do Cosmos e temo-lo bem gravado no fundo de nós. Talvez haja mesmo o nosso duplo sob a forma de antinós e, quem sabe, num estado de consciência que nos escapa totalmente, salvo em raras e sublimes reminiscências, entremos em contacto com o que existia antes de nós e que todas as partículas e antipartículas guardam integralmente inscrito nelas.

Sabemos, por exemplo, que o antinêutrons se opõe ao nêutron por uma propriedade característica de forças magnéticas inversas; o antipróton e o próton diferenciam-se por forças elétricas inversas. Porque não havemos de imaginar que o nosso corpo e o nosso anticorpo se diferenciam por propriedades igualmente inversas que ainda não descobrimos? Daí a pensar que a zona inconsciente da nossa personalidade seria a antizona da nossa consciência...

Consciência e inconsciência

Teoria sedutora: cada um de nós possui uma zona consciente que, ao longo da vida, é mais ou menos alargada e esticada em função do nosso caráter, das pressões familiares, sociais e profissionais que sofremos.

Esta noção de consciência possui a sua contrapartida que é a inconsciência. É fácil verificar que quanto mais a consciência se desenvolve mais a inconsciência se restringe e vice-versa. Qual é o significado desta noção? Que um inconsciente muito desenvolvido (e não muito rico: é preciso não confundir qualidade com quantidade) denota sistematicamente a presença de neuroses que são as rejeições das ações ou dos sentimentos que o consciente, mal desenvolvido, não admite.

Cada indivíduo tem consciência daquilo que é, do que faz, do que pretende na sociedade onde está inserido. Se possui um campo de consciência limitado, desenvolverá uma gama restrita de possibilidades de evoluir no seu meio e refugiar-se-á nelas com obstinação, rejeitando sistematicamente todas as tentações, todas as informações que lhe poderiam chegar do seu inconsciente que, por este meio, tentará preveni-lo do perigo que corre de se atrofiar, de se caricaturar. O indivíduo em contenda com o seu inconsciente tenta encontrar a paz em face da angústia que o mina. O seu bem-estar aparece com a aceitação de justificações que o gratificam mas que encobrem a sua instabilidade. Rejeita então no inconsciente os seus temores, as suas angústias, as suas fobias ou os seus tormentos. Estes, encobertos, formam uma neurose. O indivíduo habitua-se ao seu desconforto psíquico e disfarça-o atrás de um falso semblante ou de atitudes rígidas ou estereotipadas.

Este indivíduo que não aceita ou aceita mal certos defeitos ou qualidades que julga más, na realidade não se aceita tal como é e tenta aparentar aquilo que mais deseja, quer dizer, alguém que seria admitido nessa sociedade que lhe impõe os seus estereótipos. Rejeitando nele o/ou os traços de caráter que julga inadmissíveis, rejeitá-los-á igualmente sempre que os descubra nos outros.

Em suma, este indivíduo que se sente mal na sua pele, sem ter consciência disso, censurará aos outros serem o que ele afinal é no fundo do seu inconsciente: ele rejeita a diferença nos outros como já o tinha feito antes consigo.

Esta diferença nos campos da consciência e da inconsciência podia-se chamar a oposição entre a consciência e a anticonsciência, por causa das propriedades inversas da personalidade. Por esse motivo, parece vantajoso procurar compreender-se tal como é. Será a melhor maneira de se aceitar a si próprio e aos outros tal qual são. Psiquicamente primeiro. Possuir uma imagem correta do próprio corpo adquire-se com paciência e exercícios simples. A imagem de si permite aumentar o campo da consciência. Permite igualmente o

diálogo com o seu inconsciente e, portanto, compreender melhor e admitir, rejeitando os resguardos das neuroses que se tomam inúteis. Não esqueçamos que não apreendemos o mundo que nos rodeia e por consequência os outros, senão pela interpretação que é feita no nosso cérebro. Como não podemos melhorar os receptores sensoriais que são os olhos, o nariz, a boca, os ouvidos — já que eles possuem uma estrutura definida para sempre e porque as mensagens que enviam conservam normalmente a mesma qualidade — em compensação podemos aprender a perceber as cambiantes dum som, duma cor, dum contacto. Em resumo, é sempre possível melhorar a interpretação das mesmas sensações graças à educação do nosso cérebro.

O mesmo acontece no que respeita à interpretação das sensações que emanam do nosso corpo. Existe no nosso córtex uma imagem motora do nosso corpo. E uma projecção completa na qual figuram, entre outros, todos os músculos que podemos comandar. Compete-nos desenvolver este conhecimento da nossa motricidade. A imagem de si próprio desenvolve-se da mesma maneira.

O cérebro

Em astrologia, não basta conhecer anatomicamente o que é o cérebro ou ainda compreender o seu funcionamento nas suas linhas principais para garantir o traçado de um horóscopo válido. E ainda preciso, sobretudo e antes de tudo, *determinar os momentos dos diferentes estados do seu desenvolvimento* para avaliar a sua importância na elaboração do carácter e da personalidade do seu possuidor.

A influência dos planetas nos momentos críticos da formação do cérebro

Com efeito, se a astrologia admite tradicionalmente como válidas as influências que os diferentes planetas do sistema solar exercem sobre os indivíduos, parece-nos desejável, em nosso entender, notar igualmente quais os aspectos específicos que têm essas influências durante os períodos críticos da formação do cérebro, para deduzir o que levarão de particular à psique do indivíduo observado.

Até agora, nenhum astrólogo tomou em consideração este fator primordial que é o desenvolvimento do cérebro no embrião, e da sua provável permeabilidade às influências astrais no decurso dos

primeiros estados do seu desenvolvimento no ventre materno. Exceção feita, bem entendido, para o registro de certas datas, tal como a do sétimo mês e a da concepção. Ainda que a data do sétimo mês seja muito discutível porque é baseada numa obscura crença popular que afirmava que uma criança prematura, nascida de oito meses, não era viável, enquanto se o nascimento fosse ao sétimo mês era uma garantia de viabilidade. Daqui, a importância dada a esta data impressa nos espíritos como «o mês da vida».

Pela nossa parte não pensamos que as influências astrais se situem unicamente no plano que as colocam os astrólogos tradicionais, quer dizer, por radiações ainda não explicadas, emanando dos planetas e influenciando *diretamente* os indivíduos nos períodos em que estes astros passam na sua constelação de nascimento.

Tal como os cientistas, pensamos que o ser humano é constituído à partida por uma célula, um óvulo, que fecundado no ventre materno se vai desenvolver dividindo-se sem cessar até formar um bilhão de células novas. As células que compõem o organismo reúnem-se em camadas de células do mesmo tipo formando os tecidos. Existem pelo menos cinco tipos de tecidos: epitelial (constitui a epiderme e a mucosa das vísceras), conjuntivo (estrutura dos ossos e das cartilagens; permite a armazenagem de gorduras), muscular (os músculos), nervoso (o cérebro, a espinal-medula e os nervos), o sangue e a linfa.

Há três bilhões de anos, moléculas semelhantes às das proteínas acumularam-se nos oceanos primitivos e foram capazes de se reproduzirem. Surgiram os primeiros organismos unicelulares. Há um bilhão de anos, a passagem dos organismos unicelulares aos organismos pluricelulares criou a diferenciação de certas células e conduziu à sua especialização, nomeadamente à formação dos tecidos. Tudo se tomou possível a partir da aparição dos organismos complexos. Os sábios estimam o aparecimento dos vermes e dos moluscos em aproximadamente oitocentos milhões de anos; depois vieram os crustáceos e os insetos, seguidos pelos primeiros vertebrados, os peixes, isto somente há quatrocentos e cinquenta milhões de anos. Há trezentos e vinte cinco milhões de anos apareceram os répteis e, pouco depois — pelo menos cento e trinta e cinco milhões de anos mais tarde — os mamíferos e as aves. Os primeiros primatas datam de há sessenta milhões de anos, enquanto que os macacos fizeram a sua aparição uns trinta e cinco milhões de anos mais tarde. Enfim, o nosso *homo erectus*, descendente do primata donde outra cadeia originou o macaco, apareceu somente há um milhão de anos.

Pensamos que o núcleo da célula que permite aos 23 pares de cromossomos transportar um grande número de genes responsáveis pela transmissão de caracteres hereditários de pais para filhos, permite igualmente a transmissão às grandes funções psíquicas do organismo humano de todo *um conjunto codificado de informações sobre as influências exercidas pelos planetas* depois do começo do Cosmos. Estas informações transmitem-se mais ou menos, quer dizer, esbatem-se ou salientam-se consoante o código utilizado e, segundo parece, conforme a hora, o mês e o ano em que o indivíduo nasce. Será por essas razões que tal informação, mais particularmente orientada sobre este ou aquele planeta, intervém então nesses momentos privilegiados, e não outras com o mesmo grau de intensidade? E ainda um mistério insondável. Mas o fato das informações codificadas passarem pelas grandes funções do organismo, e atuaram seguidamente sobre os complexos mecanismos psíquicos e químicos que regem as grandes funções intelectuais do homem, parece provável. Resulta daí a manifesta influência dessas informações codificadas sobre o próprio caráter do indivíduo.

Veremos como isso acontece, quando estabelecermos o tema astral de Toth, apoiando-nos inteiramente na tradição astrológica egípcia — cuja rigidez exprimia já a intuição que os sacerdotes tinham duma influência estática e teórica dos planetas sobre o homem e não de uma influência direta derivada da sua posição no céu astral — poderemos conceber uma nova teoria que terá em conta a realidade científica e que, portanto, manterá *o papel preponderante que desempenham as informações codificadas sobre as influências astrais, ao nível do caráter do indivíduo*, revisto e corrigido à luz da astrofísica.

O cérebro: uma central telefônica, um ordenador e uma fábrica química

Como central telefônica, ele recebe e envia as mensagens. Como ordenador, calcula e toma decisões em função das informações que recebe. Funciona como complexo químico quando transmite certas informações entre dois neurônios até ao ponto de junção destes, graças a determinadas substâncias químicas. Estes três sistemas agem em simultâneo de uma maneira complexa o que, muito frequentemente, constitui um mistério. As suas ações e interações integram o sistema nervoso cujo fim essencial parece ser o de guiar o comportamento do organismo dum indivíduo desviando-o do que o pode prejudicar e conduzindo-o ao que lhe é favorável.

Não possuímos um cérebro mas três

Se considerarmos as funções essenciais que ocupam o cérebro, apercebemo-nos que ele integra três unidades de funções que trabalham simultaneamente, em íntima relação.

Quais são?

- *A unidade de funções instintivas e afetivos.*
- *A unidade de funções intelectuais, conscientes e motoras.*
- *A unidade de funções unificadoras e equilibrantes.*

Já nos apercebemos da importância que têm as mensagens codificadas transmitidas pelos genes do nosso organismo na elaboração do que é o cérebro instintivo e afetivo, o cérebro da inteligência e, enfim, o cérebro unificador que desempenha o papel de juiz de paz entre os outros dois. Garante a harmonia e o equilíbrio entre o afetivo e o instintivo, entre a razão e a inteligência refletiva.

Se é verdade que as informações codificadas transmitem, entre outras mensagens, a quinta essência do que eram as influências transportadas pelos nêutrons de um ou mais planetas, das quais somos herdeiros, então compreendemos facilmente como os três cérebros do nosso vizinho, por exemplo, podem diferir tanto dos nossos.

Admitamos que o nosso vizinho sofria uma influência de Marte e nós de Mercúrio. O seu cérebro instintivo e afetivo seria muito mais desenvolvido do que o nosso, mas o seu cérebro inteligente poderia ser sensivelmente igual ao nosso; só o cérebro unificador estabeleceria a diferença. Com efeito, sob a influência de Marte, o equilíbrio entre a afetividade e o instinto, a razão e a reflexão, seria precário e penderia rapidamente a favor do cérebro instintivo. Quanto às influências de Mercúrio, que eram as nossas no presente exemplo, dariam superioridade ao nosso cérebro do raciocínio em detrimento do nosso cérebro afetivo e instintivo.

Mas o cérebro, sede do espiritual, quer dizer, do pensamento, da memória, da consciência e do sonho, é para nós o domicílio de atividades cuja natureza imaterial não nos permite a sua descrição, medição ou a obtenção de resultados palpáveis.

Não nos resta senão seguir as diferentes etapas da evolução do desenvolvimento do cérebro, após a concepção do embrião. Notaremos os períodos críticos e importantes deste desenvolvimento para estudar neles as influências astrais e tentar assim explicar a orientação psíquica que tomará o conjunto das três futuras unidades de funções do cérebro, ou melhor, dos três cérebros.

A tomada de posição dos futuros órgãos

Tudo se realiza entre o décimo oitavo e o vigésimo quinto dia após a concepção.

Os cientistas têm posto em evidência o fato de que as diferentes partes do óvulo humano evoluem sempre da mesma maneira, para um mesmo fim, deixando prever com precisão que determinada zona importante dará, por exemplo, o sistema nervoso ou, ainda, que uma outra virá a ser o tubo digestivo. Estas complexas modificações, em todos os embriões de uma mesma espécie, desenvolvem-se sempre rigorosamente segundo um plano previsto.

Quinze dias após a concepção, ficam definidas as grandes linhas de organização que esboçam o futuro homem e estão devidamente posicionadas as formas que virão a ser os órgãos.

Durante este período, o embrião é constituído por células que se repartem por três camadas semelhantes a três cilindros concêntricos. Sabe-se já que a camada exterior, chamada ectoderme, se transformará em epiderme e em sistema nervoso; que a camada mais interior do embrião, chamada endoderme, se tomará mais tarde no tubo digestivo e em todas as glândulas anexas; que a camada intermédia, denominada mesoderme, constituirá a derme, os músculos, o coração, o esqueleto e o sangue.

O embrião não tem ainda forma humana. É a partir desta fase que os órgãos vão tomar, pouco a pouco, a sua aparência definitiva, segundo uma ordem de prioridades que permitirá que os caracteres fundamentais apareçam em primeiro lugar.

Interessar-nos-emos, muito particularmente, pelo desenvolvimento do sistema nervoso, a fim de definir com precisão o período exato, após a concepção, em que este sistema primordial se constitui.

O sistema nervoso forma-se a partir da ectoderme após o décimo oitavo dia de gestação. Curiosamente, a camada exterior engrossa em todo o comprimento do dorso do embrião e dará finalmente a chamada placa neural. Pouco a pouco, a camada toma a forma de uma goteira cujos bordos acabam por se unir formando um tubo. Distinguem-se então duas partes neste tubo nervoso mais bojudo à frente do que atrás: o *encéfalo* (o futuro cérebro) e a *espinal-medula*. Quer dizer que nesta fase tudo está delineado? Ainda não, é preciso aguardar pelo vigésimo quinto dia após a concepção. Quer dizer, logo que o germe atinge a «fase mosaico» do seu desenvolvimento, o que significa que passa então a ser constituído pela justaposição de pequeninos territórios cuja evolução nunca foi determinada. O germe que não

ultrapassa os três milímetros e que não tem mais do que 25 dias de vida, desenvolve o seu sistema nervoso, curiosamente, no que virá a ser a região dorsal do homem.

Os territórios que formam o «mosaico» são chamados campos morfogenéticos e tomarão os nomes dos órgãos que irão engendrar. Mas estes órgãos serão desde então considerados como secundários, pois não porão mais em causa o plano geral do edifício embrionário.

O tubo nervoso, oco, bojudo à frente, adelgada para trás, se bem que sofra transformações profundas, subsistirá sob a sua forma de estrutura tubular durante toda a vida do homem. A parte posterior adelgada dará a espinal-medula; a parte anterior, bojuda em vesícula será o encéfalo, sede dos centros nervosos superiores que integram o cérebro.

É pois entre o décimo oitavo e o vigésimo quinto dia de vida intra-uterina que se definem as grandes linhas da arquitetura do encéfalo do homem.

A vesícula anterior dividir-se-á em cinco vesículas dispostas linearmente, graças a estrangulamentos sucessivos. Estas cinco vesículas formam as cinco componentes fundamentais do encéfalo de todos os vertebrados. As cavidades vesiculares encontram-se no encéfalo definitivo sob o nome de ventrículos.

É a primeira das cinco vesículas (cérebro anterior) que constituirá o órgão do pensamento (1450 cm^3 de volume). Esta vesícula anterior dividir-se-á em dois hemisférios cerebrais que serão separados por um sulco sagital profundo chamado sulco inter-hemisférico.

CAPÍTULO X

O ESQUEMA ASTRAL DE TOTH

No princípio, quer dizer, na época dos faraós da quarta dinastia, quando o sacerdote Toth celebrava as cerimônias frente à maravilhada multidão dos Egípcios vindos ao culto do deus Ré, o horóscopo que ele lhes propunha baseava-se unicamente nos Senhores e Mestres dos sete dias da semana.

Toth tomava em consideração três Mestres para estabelecer o esquema astral de um indivíduo:

— O Mestre do dia que designava o astro que se referia ao dia da semana do nascimento;

— O Mestre da hora que governava o planeta atribuído à hora do nascimento;

— O Mestre do decanato relativo ao astro que presidia aos destinos do decanato no qual figurava o dia da semana do nascimento.

O Mestre da dia

Lembre-mos que a semana de sete dias foi utilizada desde a Antiguidade somente pelos povos que se dedicavam à astrologia. Não será evidente a correspondência exata com os sete planetas até então descobertos? Os Caldeus foram os primeiros a designarem os sete dias da semana pelos nomes desses sete planetas. O nosso domingo era o dia do Sol; 2ª-feira, o da Lua; 3ª-feira, o de Marte; 4ª-feira, o de Mercúrio; 5ª-feira, o de Júpiter; 6ª-feira, o de Vênus e sábado, o de Saturno que se tornou depois o dia de Sabbat.

Os Gregos contavam os dias por décadas e os Latinos por Calendas, Idos e Nonas até à aparição do cristianismo.

Mas para o sacerdote-astrólogo Toth o dia foi intuitivamente identificado com a sucessão da própria vida: o nascimento, o crescimento, a plenitude e o declínio. Toth compreendeu rapidamente que em vinte e quatro horas todos os graus do zodíaco passavam por um ponto qualquer do céu do local onde se encontrava. Ele observou igualmente que a Lua fazia o percurso do céu em 28 dias (mais exatamente em 27,32 dias) e que o Sol levava um ano para realizar o mesmo circuito.

Mas Toth não ficou por aí. Notou que o curso mensal da Lua tinha analogia com o dia: ela nascia, crescia, atingia a plenitude e depois decrescia e passava por uma fase de obscuridade. Aplicou esta analogia ao ano que, no decurso das estações, parecia imitar as fases do dia: a Primavera — a manhã; o Verão — o meio-dia; o Outono — o pôr do Sol; o Inverno — a noite. Fazendo o homem parte do Cosmos, esta analogia ainda hoje subsiste: primeira idade; segunda idade; terceira idade e quarta idade (nascimento, maturidade, decrepitude e morte).

Para os Egípcios, sete, era já o símbolo de vida eterna. Para Toth, foi pois um ciclo completo, uma perfeição atuante. De fato, ele tinha observado muito bem que cada período lunar dura sete dias e que os quatro períodos do ciclo lunar fecham o ciclo (7×4). Sensível à ressonância espiritual dos números, ao seu poder astrológico, Toth tinha notado, tal como outros sacerdotes egípcios antes dele, que a soma dos sete primeiros algarismos dá o mesmo total que representa os quatro ciclos lunares: $1+2+3+4+5+6+7=28$.

Uma alteração obrigatória acontecia no fim de cada ciclo. Toth considerava esta alteração como sendo sempre benéfica, se bem que misteriosa. Para ele, o número sete representava a totalidade do Cosmos em expansão dinâmica, pois ele associava o número quatro, que simbolizava a Terra figurada pelos seus quatro pontos cardeais, ao número três que simbolizava o céu, representado pela deusa Nut.

Não era, portanto, por acaso que sete representava os seis planetas no céu com o Sol ao centro na sétima fila e, por analogia, os Egípcios tinham igualmente dividido o mês em quatro vezes sete dias, em lugar de três vezes dez, como os Gregos.

Como não ver nos sete dias da semana um resumo do tempo e do espaço, uma espécie de evolução cósmica a uma escala reduzida? Os seis primeiros dias giram em tomo do Domingo, como os seis planetas, dos quais têm os nomes, giram em tomo do Sol.

Se retomarmos os valores sucintos tidos como representando as influências principais dos sete planetas, notamos uma correspondência precisa com os sete dias da semana:

2^a-feira — Lua: o sonho.

3^a-feira — Marte: o ataque.

4^a-feira — Mercúrio: o negócio.

5^a-feira — Júpiter: a organização.

6^a-feira — Vênus: o amor.

Sábado — Saturno: a avaliação.

Domingo — Sol: a plenitude apaziguante de todas as qualidades.

O Mestre da hora

Toth considerava importante precisar que o planeta que governava a primeira hora do dia possuía uma influência predominante sobre todo esse dia. Por esse motivo, nos horóscopos, uma hora solar do Sábado, por exemplo, dia de Saturno que significava «obstáculo», não tinha o mesmo valor que uma hora solar caindo numa 5^a-feira, governada por Júpiter e que significava «organização fácil».

Em resumo, a hora do dia que predominava era aquela que governava a primeira hora, ao passo que as outras só tinham uma importância secundária e não se associavam, não se reforçavam ou não se enfraqueciam senão proporcionalmente à concordância ou divergência da sua natureza com a do Mestre do dia.

Notaremos que o planeta que dava o seu nome a um certo dia, governava também a primeira hora depois do nascer do Sol desse dia. Toth tinha estabelecido o seguinte quadro:

Domingo:

nascer do Sol = mestre da hora presidido pelo Sol;

hora seguinte = mestre da hora presidido por Vênus;

terceira hora = mestre da hora presidido por Mercúrio;

quarta hora = mestre da hora presidido pela Lua;

quinta hora = mestre da hora presidido por Saturno;

sexta hora = mestre da hora presidido por Júpiter;

sétima hora = mestre da hora presidido por Marte

e assim sucessivamente, hora após hora, pela ordem: Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter e Marte.

Esta sucessão continuava ininterruptamente até ao nascer do Sol do Domingo seguinte e assim sucessivamente. A última hora de Sábado era presidida por Marte.

Toth tinha visto bem que nesta sucessão que começa com o nascer do Sol no Domingo, a Lua governa a primeira hora de 2ª-feira, que era a vigésima quinta hora após a primeira hora do Domingo de manhã... e a sucessão continuava. Marte governava a primeira hora de 3ª-feira, que era a vigésima quinta hora depois da primeira hora de 2ª-feira e assim de seguida em relação aos outros dias da semana.

Havia, portanto, ligação e combinação de influências entre os mestres planetários dos dias e os mestres planetários das horas.

O Mestre do decanato

Toth tinha a consciência da importância que podia ter o número que designava o primeiro e o último dia do decanato. Deste modo, traçou um quadro resumido das características do comportamento dos indivíduos cujo nascimento tinha ocorrido nesses dias, ou seja, nas datas 1-10-11-20-21-30-31.

Seguidamente apresentamos as características íntimas da personalidade dos indivíduos abrangidos.

Se nasceu no dia 1: sonha com conquistas e os seus fantasmas trazem-lhe essencialmente aventuras (com A). Você guarda estes sonhos íntimos e repugna-lhe falar deles às pessoas conhecidas pois parecem-lhe ser extravagantes. Curiosamente, você tem a intuição profunda de que podia realizar esses sonhos se... e aí está o ponto fraco do seu caráter, não lhe faltasse autoconfiança para exprimir de alta voz as suas aspirações e desejos. Você teme os risos e a troça dos seus conhecidos se lhes confiasse os projetos grandiosos mais secretos. Se você conseguisse ultrapassar essa barreira, realizaria grandes coisas. Confie mais nos estranhos que estão mais inclinados a ouvi-lo objetivamente. Não ligue aos ciúmes e invejas manifestadas por aqueles que se dizem seus amigos.

Se nasceu no dia 10: você sente-se dotado para desempenhar a comédia e, efetivamente, é um ator nato, mas as pessoas do seu ambiente não se apercebem disso e você fica surpreendido. A sua aparência exterior engana as pessoas: você parece viver feliz mas o

seu coração sofre e espera. Muito reservado, raramente concede a sua confiança e por isso os outros não o julgam como na realidade é.

Você não concebe o trabalho senão como um prazer e assim dispõe as coisas sempre de modo a que o que tem a fazer lhe desperte o interesse. Você quase nunca mostra mau humor, toma facilmente iniciativas e dá muitas vezes provas de criatividade. A sua energia parece inesgotável.

Você aplica muito de si próprio no seu lar e, se tem filhos, gostaria que eles se tornassem bem depressa independentes e capazes de se governarem por si próprios.

Se nasceu no dia 11: seria capaz de falar de si, de se pôr em evidência? Não, responde você, mas aqueles que o rodeiam pensam que sim. No seu íntimo, você tem orgulho das suas capacidades, da sua aparência física e faz tudo para as conservar. Em situações difíceis, que requerem coragem moral ou firmeza, você é daqueles que se expõe, colocando-se à frente. Por isso você é um pioneiro, aquele que abre novos caminhos à liberdade. A sua energia não é de dimensão comum e você faria bem em colocá-la ao serviço da comunidade.

Se bem que você não seja sempre consciente, é bastante mais lógico e realista do que parece e embora você o esconda, é um terno e um sentimental, mas... por nada deste mundo o quer demonstrar.

Se nasceu no dia 20: você gosta dos interiores agradáveis e despende muito de si próprio para decorar o seu «canto», se bem que nas conversas com os seus amigos você pareça não dar grande importância a isso. A sua finalidade a médio prazo é a de subir o mais alto possível na escala da hierarquia social. Aliás, você não tem dado más provas de snobismo... mas não o reconhece em público.

Você não se poupa a esforços vigorosos, firmes, quando se trata da sua promoção. Mas o seu êxito neste campo não é convincente. Você devia dedicar-se a uma obra mais altruísta e de maior fôlego tendo em vista o bem-estar e o melhoramento da comunidade.

Possibilidade de ganhos na Bolsa e em transações imobiliárias.

Fora da luta pela sua promoção, você demonstra uma certa preguiça.

Se nasceu no dia 21: você está exposto a conflitos interiores que não põem em causa o bem e o mal mas que, muito frequentemente, atiram uma contra a outra duas causas igualmente válidas e justas.

Mesmo que você não deixe transparecer, está atormentado e nervoso. o que faz com que tenha tendência a querer compor, contemporizar, jogar com um pau de dois bicos. Você tem honor a tomar partido entre duas partes. Você não gosta de ver sofrer o próximo mas, vulgarmente, fecha os olhos a esse sofrimento só porque você não quer fazer um esforço pessoal para se envolver no assunto. Em consequência, fica-lhe um sentimento de culpabilidade que o atormenta. Depende de si envolver-se mais e dar francamente algo da sua pessoa: só terá a ganhar com isso, dinheiro e consideração.

Se nasceu no dia 30: você tem a impressão de que os outros não se interessam por si, salvo a sua mãe que o considera como o seu filho preferido. O casamento faz-lhe um pouco de medo e você tem tendência a fugir da pessoa que lhe parece querer envolvê-lo nesse compromisso.

Você é intuitivo e o ocultismo interessa-lhe. Você sonha facilmente e tem sempre o melhor papel nesses sonhos acordados. Você gosta de fazer pesquisas em documentos ou em fatos mesmo que fictícios. E apreciado pelo seu bom humor sempre que está acompanhado, mas nunca procura, por si próprio, o contacto fraternal com os outros.

Você não é avarento com o seu dinheiro e aqueles que têm essa mania irritam-no grandemente. Você pode ser perdulário com coisas fúteis mas que deseja intensamente. Esconde dos outros a bondade que tem e que é grande. Constata as qualidades e defeitos dos outros mas não os julga. E digno de confiança.

Se nasceu no dia 31: você é muito sensível ao que os outros pensam de si. Aos olhos deles você parece acanhado e complicado, mas sente-se incompreendido. Você é o homem dos desafios. Nada o estimula mais do que realizar trabalhos que os outros julgam impossíveis de efetuar. O desaire ou a vitória não o perturbam demasiado. A sua divisa poderia ser «deixem-me em paz que eu deixo-vos tranquilos». Você tem tendência a tomar a defesa dos oprimidos, dos marginais, das minorias. Mesmo que você não seja crente, está impregnado de religiosidade.

O sexo e a sexualidade têm para si uma importância primordial. Os seus fantasmas levam-no a imaginar-se um «matador» do sexo oposto, cheio de uma atração irresistível que enfeitiça. Você esconde cuidadosamente todos esses sonhos. Já lhe ocorreu que eles podiam ser uma realidade se realmente o tentasse?

Toth deixou-nos escassas instruções sobre o que os astrólogos atuais chamam os *graus críticos*, isto é, os graus que marcam aproximadamente o fim do curso diário da Lua através dos doze signos do zodíaco.

Toth tinha anotado o tempo gasto pela Lua para percorrer aparentemente o zodíaco, ou seja, treze graus em média por dia. Contou a partir do primeiro grau do Áries, o curso diário da Lua e obteve os graus críticos:

— *Signos cardeais*: Áries, Câncer, Libra, Capricórnio, que suportam o décimo terceiro e o vigésimo sexto graus críticos.

— *Signos mutáveis*: Gêmeos, Virgem, Sagitário, Peixes, que suportam o quarto e o décimo sétimo graus críticos.

— *Signos fixos*: Touro, Leão, Escorpião, Aquário, que suportam o nono e o vigésimo primeiro graus críticos.

A influência da Lua sobre um signo, no momento do grau crítico, aumentará a força duma exaltação e compensará em contrapartida a fraqueza de uma queda ou de um exílio. Por outro lado, ela reforçará a força dos aspectos da Lua.

Mas Toth não nos deixou indicações sobre esse particular, provavelmente porque o ignorava. Deu-nos simplesmente as características da personalidade profunda dos sujeitos nascidos nessas datas críticas, como se seguem:

Se nasceu no dia 9: você gosta da complexidade e das complicações sentimentais. Gosta das situações ambíguas ou extraordinárias... que acontecem aos outros e você interessa-se pelas inquietações das pessoas que o rodeiam. De qualquer modo, você inventa dificuldades à imagem daquelas que rebusca nos outros. Você é um estrategista nato mas não gosta da imagem do militar, embora tivesse tudo a ganhar se enveredasse por essa carreira.

Se você quer praticar um desporto, terá êxito seguro nas corridas de maratona ou em natação de fundo.

Você está exposto, mais do que ninguém, a um amor contrariado e infeliz.

Se nasceu no dia 13: os seus fantasmas levam-no a imaginar viagens fabulosas, partidas imprevistas, vaivéns interessantes que você desejaria fossem muito numerosos e... que ninguém adivinha, vendo-o tão calmo. Talvez mesmo você não goste de estar em casa e, portanto, todo o seu ser se vira para a partida... Você vai visitar os

aeroportos? Isso não deve espantá-lo! Você sente uma espécie de fascínio diante dos aviões a jacto. Qualquer forma de barulho não o incomoda absolutamente nada; você adapta-se perfeitamente bem a isso. O que lhe agrada acima de tudo, são as grandes manifestações de massas, as grandes celebrações. Gosta igualmente de orquestras de metais e percussões, ruidosas e ritmadas.

A sua vitalidade faz maravilhas e como parceiro amoroso, dá provas de muita iniciativa, entregando-se inteiramente com devoção e fervor. As suas possibilidades de ganhar dinheiro passam pelo jogo. Depende de si saber aproveitar. O seu amor ao próximo é uma das suas preocupações.

Se nasceu no dia 17: psiquicamente, você é belo e o seu espírito é brilhante. Você é alegre, espirituoso e a sua conversação é sempre muito interessante. O seu caráter leva-o a olhar a vida cara-a-cara e a tomar decisões por si só. Ninguém se pode gabar de o controlar. No entanto, apesar do seu positivismo, você sabe contemporizar quando necessário. Você tem o mérito de ser sempre agradável em tudo o que diz ou faz, mesmo se as circunstâncias não o ajudam. Você tornar-se-á, infalivelmente, notado em seu redor porque tem a habilidade de saber situar e dizer histórias humorísticas. Gostam de si e apreciam-no devido ao seu sentido do real, da sua fé no presente e das suas convicções francas e transparentes.

Você gosta de histórias de amores estranhos, fantásticos, quase incríveis. E muito intuitivo e possui certos dons de adivinho. Devia cultivá-los.

Se nasceu no dia 26: como outros têm uma aptidão para a boa disposição, você tem-na para o sofrimento. Você sente-o bem fundo: o seu e o do próximo. Ao mesmo tempo, você é sólido e capaz de o suportar melhor do que os outros. Tem uma tendência para se sacrificar, para carregar sobre si e, doente ou não, encara sempre a tarefa com a mesma coragem, a mesma dedicação em face das pessoas que têm necessidade de ajuda moral. Para elas você é o pilar sólido no qual sabe bem apoiarem-se.

Você sabe perfeitamente avaliar as coisas e distinguir o essencial do fútil. Todo o problema contém em si próprio a resposta, o que é preciso é procurar os dados e refletir neles com inteligência: é a sua convicção profunda. O seu amor pelo natural e pela realidade simples só tem par na sua amabilidade, tolerância e compreensão.

Como e porquê uma atualização?

Quisemos conservar os três mestres, do dia, da hora e do decanato, que permitem a um indivíduo escolher o momento mais propício para começar uma ação ou empreender uma realização e, partindo desta base sólida, acrescentamos ao esquema astral de Toth outras noções mais atuais que resultam dos recentes conhecimentos da bioquímica e da psicologia.

E deste modo que incluiremos as noções seguintes:

- o mestre do dia do ascendente;
- o mestre do decanato que governa o período compreendido entre o 18° e o 25° dia após a concepção;
- o mestre do dia da concepção;
- o mestre do decanato do nascimento;
- o mestre da fração do decanato do nascimento;
- o mestre do decanato do ascendente;
- o mestre da fração do decanato do ascendente;
- o mestre do decanato do dia da concepção;
- o mestre da fração do decanato do dia da concepção.

Para quê rodearmo-nos de todos estes mestres para estabelecer o esquema astrológico? Com o fim de modelar o estudo do caráter do sujeito observado. Com efeito, à nascença, todo o homem possui um cérebro cujas qualidades inatas melhoram ou pioram em função dos meios familiar, social e profissional.

Podemos detectar astrologicamente estas qualidades básicas e fazer delas um plano de partida para estabelecer a infra-estrutura do caráter. Mas iremos ainda mais longe: tentaremos conhecer do que é feita a riqueza do inconsciente do sujeito. Não esqueçamos que o homem extrai do reservatório do subconsciente a trama própria daquilo que será o tecido de fundo do seu caráter.

O instinto parece uma força essencial para o homem mas a sua ação é sempre breve, brusca, e a sua fecundidade diminuta se não for apoiada desde o seu arranque inicial por uma impulsão mais elevada da psique. Se o cérebro superior se encarregar disso, o instinto presta então à atividade do homem uma força cujo efeito é de uma riqueza incomparável. Sem o instinto, a inteligência seca, o coração afoga-se na pieguice, as intenções esbatem-se e o homem tomba no medo de viver. E a esclerose do coração e do espírito.

«O caráter não é um fato, é um ato», dizia Emmanuel Mounier, por isso, para tentar analisar o caráter de um homem, é preciso

ter em conta as provocações produzidas pelos ambientes que o rodeiam.

Quais são os diversos estudos que constituem o esquema astral de Toth uma vez atualizado?

O esquema astral será constituído pelos *estudos primordiais* que se seguem.

1. Estudo das qualidades intrínsecas do cérebro consciente

Este estudo tanto se refere ao hemisfério esquerdo como ao hemisfério direito.

Cada hemisfério está encarregado de comandar o movimento e de interpretar todas as sensações de uma das duas partes, direita ou esquerda do corpo. Assim, todas as sensações e todos os movimentos que sentimos e manifestamos na parte direita do nosso corpo estão na dependência do hemisfério esquerdo do nosso cérebro.

O mesmo acontece com a parte esquerda do corpo que depende do hemisfério direito. Mas nem tudo é assim simples e preciso como parece. Certas atividades mais complexas, tais como a fala, estão sob a dependência dos dois hemisférios. No entanto, um deles terá um papel dominante. Os testes fazem concluir que a maioria dos destros estão sob a dependência dominante do hemisfério esquerdo, enquanto que na maior parte dos canhotos o hemisfério direito é o «dominante».

Como sabê-lo? Só aqueles que escrevem com a mão esquerda e que a colocam em posição «quebrada» para escrever têm como dominante, no que respeita à fala, o hemisfério esquerdo. Os destros que colocam a sua mão direita em posição de «gancho» para escrever têm o hemisfério direito como dominante.

Mas os dois semicérebros desempenham papéis diferentes na nossa atividade psíquica. Após operações cirúrgicas complexas, alguns doentes graves de epilepsia ficaram com os seus dois hemisférios mas sem relação mútua. Seccionaram-lhes simplesmente o «corpo caloso» que serve de ponte de comunicação entre eles. Apesar de mais de cento e cinquenta milhões de fibras nervosas — cujo papel essencial era a transmissão incessante de informações entre os dois cérebros — terem sido destruídas, esses doentes ficaram com as suas faculdades mentais sensivelmente normais.

A experiência demonstrou que unicamente com o seu semicérebro esquerdo, um homem pode falar, escrever (com a mão direita),

expressar sensações, efetuar raciocínios lógicos e, nomeadamente, resolver problemas de matemática. Mas será incapaz de desenhar e perderá o seu «ouvido musical». O seu sentido do espaço fica afetado e terá grandes dificuldades em se mover no ambiente a três dimensões que o rodeia e é o seu.

Podemos resumir as capacidades dos dois hemisférios: o hemisfério esquerdo trata as informações por etapas lógicas, enquanto que o seu homólogo da direita integra em bloco todas as noções disponíveis para atingir sensações globais, sentimentos e estados de alma.

O cérebro esquerdo é o do raciocínio, da reflexão, da palavra (para os ocidentais), da aptidão de racionalizar o que percebe, mesmo que não seja uma verdade exata mas desde que seja lógica.

O cérebro direito é o da imaginação, da criatividade, do espaço, da visão do mundo considerado como um todo, do domínio artístico (desenho, música), da fantasia, dos sonhos com a percepção das imagens, das cores, dos sons mas não das palavras e uma ausência total de sucessão lógica do tempo. Reina lá também a intuição e a sensibilidade.

O esquema astral de Toth apoiar-se-á nestas informações médicas e psicológicas para estabelecer em que proporção as qualidades e defeitos dados pelas influências astrais, depois de codificadas na cadeia genética do indivíduo observado, poderão tomar esta ou aquela forma, dilatando-se ou deformando-se consoante a capacidade do sujeito de servir mais ou menos um ou outro dos seus dois hemisférios cerebrais.

2. Estudo das qualidades do inconsciente

O inconsciente tem um caudal ininterrupto quer durante o sono quer durante o dia, com os seus momentos de consciência clara. Ninguém foge à regra. Ele envolve as nossas sensações definidas, os nossos sentimentos claramente expressos, os nossos pensamentos mais brilhantes, de uma música de fundo silenciosa da qual só nos apercebemos de algumas passagens tonitruantes e, se prestamos atenção, do efeito global.

Alguns «entendem» melhor do que os outros este concerto vindo da profundidade. Quanto mais sensíveis formos a ele, maior será a riqueza da nossa vida pessoal.

Outros preferem abafar as poucas notas que lhes chegam desta orquestração silenciosa. Que não se admirem se o seu inconsciente assim desprezado nunca mais os deixar em sossego! Intervirá por pulsões brutais e curtas, sempre inesperadas, na sua inconsciência clara que eles pensam bem organizada. Serão os sentimentos irracionais, as ações falhadas, as originalidades rondando a bizarria. Eles não encontrarão explicação para a sua origem — o que os inquieta nem a sua razão, o que os angustia profundamente. E assim que se estabelece sobre o nível estático da consciência clara um véu de angústia surda que se traduz frequentemente por receios irracionais, por manias supersticiosas ao longo do desfiar monótono da sua vida, uma vida regulada por uma espécie de pauta musical.

Saber escutar o eco do seu inconsciente, aceitá-lo e servi-lo, é a garantia mais segura de uma riqueza espantosa da sua vida pessoal, pois nem tudo são trevas infernais, perversões e monstruosidades no que produz o inconsciente.

Segundo as influências astrais reveladas, julgaremos qual é a *qualidade da tomada de consciência* que pode provar o sujeito. Com efeito, a maior ou menor *abertura* da consciência de um homem modifica sensivelmente as qualidades que a natureza lhe pode dar à nascença.

Uma consciência vasta e poderosa abrange o campo da reflexão com uma amplitude e uma mobilidade espantosas, o que oferece à ação numerosos dados, uma concepção flexível, uma elasticidade adequada à multiplicação do efeito. O julgamento é seguro, o imprevisto controlado, a confiança garantida. Porquê? Porque os obstáculos reais estão perdidos na imensidade do campo da percepção e vêm os seus aspectos temíveis esbaterem-se. Em presença de tais consciências não é de temer o aparecimento de raras cambiantes e hesitações que possam influenciar a rapidez de decisão.

Uma consciência mais estreita, se por vezes é susceptível de maior profundidade psicológica, diminui sensivelmente o número dos elementos cuja ação mais necessita. Estes elementos restringidos estando, por outro lado, menos disponíveis que num campo de consciência largo, levam a que o portador de consciência mais estreita manifeste muitas vezes rigidez, reações incoerentes, confusões, mentiras, mesmo injúrias, todas efeitos característicos da emotividade.

Todo o homem que se fatiga depressa tem tendência a restringir os pólos dos seus interesses e diminuir a abertura da sua reflexão e finalmente reduzir as suas perspectivas presentes.

Mas, com igualdade de abertura, a consciência varia também em *profundidade e*, sobretudo, em *ressonância*.

Faremos referência a três tipos de indivíduos: o fatalista, o divertido e o produtivo.

O *indivíduo fatalista* possui uma consciência entorpecida. É o homem da indiferença que passa ao lado das coisas, dos homens, das ocasiões, sem lhes dar atenção. Aceita as coisas como acontecem, aspirando à tranqüilidade absoluta, ao vazio sem ações nem responsabilidades e envolvendo-se minimamente. Não cria nada, nem um amigo verdadeiro, nem uma família calorosa, nem uma atividade válida, nem um bem-estar notável.

Veremos quando estabelecermos o esquema astral de Toth como será conveniente esfumar, modificar mesmo as qualidades e os defeitos que a natureza concedeu ao fatalista logo a partir do seu nascimento.

O *indivíduo divertido* sente-se viver, saboreia a corrente vital que o atravessa, experimenta, sente e vive totalmente e em plenitude o seu presente. Tem tal prazer em viver que isso basta-lhe. Para quê um objetivo, uma esperança, um receio de estar em baixo? Sente a dor e o sofrimento dos outros e dele mesmo, mas aceita-os como manifestações da própria vida, necessárias à obtenção de maior prazer.

Igualmente neste caso, seremos levados a modificar as qualidades e defeitos de que será dotado.

Enfim, o *indivíduo produtivo* é o homem do futuro, feito para evitar os automatismos, a apreciação estática do presente ou a fantasia que conduz às evasões espirituais. E o homem do além que ele deve conquistar. E a finalidade da sua vida. Não ignora a ação presente nem aqueles que o rodeiam. Faz frente à vida, consciente dos problemas, das questões difíceis, das recordações humilhantes ou dolorosas. Vive com tudo isso na consciência, plantado na realidade presente e todo virado para a perspectiva de conquistar um mundo melhor, uma outra existência onde será mais autêntico, plenamente aceite por si próprio. E o seu modo de conduzir o presente, de o dominar, de se servir dele para outro fim mais amplo, mais reto, mais idealista.

As qualidades e defeitos que tem tomarão um valor diferente em função da abertura dinâmica do seu campo de consciência.

3. Avaliação aproximada das qualidades das faculdades principais

As faculdades principais servir-se-ão das riquezas potenciais do cérebro e pô-las-ão em funcionamento.

Deste modo, obteremos nomeadamente as funções *pensamento*, *sentimento*, *intuição* e *sensação*, assim como o grau de exteriorização e de interiorização do sujeito observado.

Cada um de nós comporta-se na vida segundo uma função específica dominante que, apoiada por uma função auxiliar põe um pouco na sombra uma terceira função julgada acessória e esbate e reprime no inconsciente uma quarta função que não intervém senão por impulso brutal, irracional e imprevisível. Estas quatro funções, segundo Jung, são o pensamento, a sensação, a intuição e o sentimento.

Antes de qualquer explicação, fiquem sabendo que não existe um tipo padrão de comportamento. Não existe uma verdade absoluta que dita imperativamente a conduta de cada um. Não existe nenhum sistema infalível. Um sujeito pode muito bem ser classificado como do tipo «pensadora e, no entanto, possuir com a mesma intensidade outras funções psíquicas. Cada um comporta simultaneamente vários «tipos».

Por outro lado, em qualquer função dominante, intervêm dois fatores importantes que a modificam e lhe dão uma tendência a abrir-se para o mundo exterior ou, ao contrário, a conduzir para o seu mundo interior. Estes fatores chamam-se *extroversão* e *introversão*.

Até aqui ainda nada é rígido ou pré-regulamentado. Cada um pode oscilar da extroversão para a introversão e vice-versa, conforme as circunstâncias da sua vida.

Jung opunha as quatro funções psíquicas da seguinte maneira: Função principal (1); Função auxiliar fraca (2); Função auxiliar forte (3); Função deficiente (ou subconsciente) (4).

Dessas funções não pode haver senão oito combinações possíveis. Note ainda que cada combinação apresentará dois aspectos diferentes, consoante a função principal seja extrovertida ou introvertida.

Jung notou que duas funções racionais nunca se encontram em ação ao mesmo tempo. Por exemplo, o pensamento e o sentimento têm ambos juízos de valor. O pensamento julga justo ou injusto, verdadeiro ou falso, enquanto que o sentimento julga bem ou mal, bom ou mau. Havia pois contradição formal entre a apreciação analítica racional do pensamento e a apreciação subjetiva repulsiva ou atrativa do sentimento. Uma incomoda a outra.

Cada vez que o pensamento domina o psíquico, comprime o sentimento no inconsciente e logo que o sentimento vem à superfície, o pensamento toma-se uma função deficiente. O psíquico de um indivíduo não pode ser simultaneamente objetivo e subjetivo; os seus juízos não podem ser ao mesmo tempo frios e carregados de afeto.

<i>Combinações possíveis</i>			
Pensamento (1)	-	Sensação (2)	- Intuição (3) - Sentimento (4)
		<i>ou</i>	
Pensamento (1)	-	Intuição (2)	- Sensação (3) - Sentimento (4)

A fórmula lapidar que define melhor o tipo «pensador» será «compreender para fixar». A dominante pensamento leva o indivíduo a procurar as idéias, as marcas constituídas por filiações lógicas. Cada vez que ele sente alguma coisa, analisa o sentimento experimentado e tira dele uma série de idéias e reflexões. Os sentimentos têm pouca ressonância física; são os pensamentos que eles lhe inspiram que interessam. O seu espírito evolui ao nível das idéias e estabelece relações ligando vários fenômenos que regulam, logicamente e metodicamente, as suas ações. O tipo pensador pouca atenção dá ao seu sentimento pessoal e os seus julgamentos são determinados por uma só razão, sem que a influência do sentimento do seu meio ambiente pese sobre o resultado final.

Este género de homem nunca tem à-vontade desde que se trate de assuntos sentimentais. E cego e desastrado neste domínio.

O *pensador extrovertido* gosta de organizar, orientar e distribuir tarefas. Possui um espírito crítico e propõe soluções construtivas. O seu julgamento é claro; diga-se também que a sua memória é tão bem estruturada que qualquer nova noção adquirida é imediatamente assimilada e integrada num conjunto coerente de conhecimentos já bem ligados logicamente.

O *pensador introvertido* realiza-se dentro de si próprio e encontra as suas satisfações intelectuais nos seus próprios pensamentos. Cultiva as suas reflexões por elas mesmas, mais do que para fazerem parte do mundo exterior. A maioria dos filósofos, dos teóricos, são pensadores introvertidos. Dão provas, frequentemente, de uma grande tenacidade mas também duma intransigência intelectual obstinada. Colocam a sua

concepção acima de tudo e não admitem contradições nesse plano. O fato exterior só tem interesse na medida em que traz uma confirmação à sua maneira de ver ou de pensar. O pensador introvertido é vulgarmente intolerante e dogmático mas os seus pensamentos são mais profundos do que os do extrovertido. Nem sempre é amado pelos familiares por causa da sua franqueza brutal, mas normalmente é estimado e respeitado.

A memória do tipo pensador introvertido é feita de associações de idéias. E sobretudo constituída por lembranças abstratas, por conhecimentos conceituais. Capaz de uma grande concentração de espírito registra os fatos facilmente na sua memória. Possui igualmente o dom singular de passar de um assunto para outro sem transição aplicando nisso toda a sua atenção.

Combinações possíveis

Sentimento (1)	-	Sensação (2)	-	Intuição (3)	-	Pensamento (4)
Sentimento (1)	-	Intuição (2)	-	^{ou} Sensação (3)	-	Pensamento (4)

O tipo sentimental representa o homem das alegrias e das dores, do agradável e do desagradável. Situa-se em oposição ao homem do tipo pensador pois, como já dissemos, duas funções racionais não se podem manifestar simultaneamente com a mesma intensidade.

Aprecia os objetos em relação a si próprio e dá-lhes valores pessoais. Admite ou rejeita, mas este juízo não é raciocinado, provém do coração. Geralmente, o tipo sentimental conduz-se à vontade nos raciocínios lógicos e não entende a abstração. No entanto, algumas vezes, pode aparecer como um «argumentador» renhido. E então considerado como um «importuno de pôr a girar» e parece ter prazer em ser minucioso. Mas nunca se trata de verdadeiros raciocínios lógicos que saem mais da função auxiliar deficiente «pensamento» que, comprimida no inconsciente, produz imprevistas ações incontrolláveis.

A memória destes estados de coração ou de alma predomina nele graças às numerosas percepções que o assaltam. As suas recordações são feitas de prazeres e de desgostos sentidos. Por isso, quando um homem sentimental deve reter noções abstratas, deverá ligá-las primeiramente aos sentimentos experimentados em paralelo. Por encadeamento, as suas recordações ficarão em consciência e, simultânea.

mente, os fatos abstratos com os estados de alma no instante em que se manifestarem. A sua memória é, portanto, frequentemente caprichosa e só se exerce com as pessoas do seu agrado que o apaixonam ou impressionam fortemente. As recordações reprimidas no inconsciente são numerosas e variadas.

O *extrovertido* apresenta uma abertura natural para o mundo, uma necessidade constante de contactos sociais aliados a uma óptica pessoal e subjetiva, que o leva a adotar opiniões totalmente baseadas no seu meio ou na sua época. E caloroso, cordial, acolhedor. Não tem quem o iguale a pôr as pessoas à vontade, estabelecer contactos imprevisíveis entre as pessoas que, de outro modo, nunca chegariam à fala. Tudo aquilo que sente tem que ser divulgado. Fala de tudo e de todos. Possui poucas idéias pessoais e teme a solidão, não a suportando.

O seu homólogo, o *introvertido*, possui a sensibilidade do extrovertido mas usa-a inteiramente em proveito próprio, o que revela uma boa parte de egocentrismo doloroso e depreciativo sobre si próprio.

Incapaz de um exame objetivo das coisas, é muitas vezes susceptível, mesmo tirânico, para os que o rodeiam. Confessa ser muitas vezes muito obstinado nas suas afeições, ser mesmo possessivo. E o homem de uma só amizade, de um só amor apaixonado.

Por natureza, é muitas vezes preso de uma timidez de tipo resignado. Grande é a sua atenção, intensa a sua concentração de espírito, contrariamente ao extrovertido que peca neste sentido. Mas isso não quer dizer que participe realmente no seu meio nem que saiba aplicar a sua atenção ao real que despreza com frequência.

Combinações possíveis

Intuição (1)	- Sentimento (2)	-	Pensamento (3)	- Sensação (4)
		<i>ou</i>		
Intuição (1)	- Pensamento (2)	-	Sentimento (3)	- Sensação (4)

O tipo intuitivo põe a sua memória ao serviço da especulação mental. As duas funções psíquicas irracionais que não se ligam são a intuição e a sensação. São apenas perceptíveis. Por conseguinte, como o pensamento e o sentimento se opõem, elas também se opõem uma à outra.

É fácil conceber que quando os nossos sentidos estão ocupados a observar um objeto, um acontecimento ou uma situação, não nos deixam tempo para imaginar ao mesmo tempo o que é o passado, o presente e o futuro desse mesmo objeto, acontecimento ou situação. Não podemos simultaneamente perceber o real, apreciá-lo e especular sobre esta percepção, divagando em plena abstração.

O tipo intuitivo imagina muitas vezes o que é a vida, o pensamento das pessoas com as quais convive sem ver a sua cara ou a roupa que vestem.

A função intuição pode andar com a função pensamento ou com a função sentimento, mas nunca com a função sensação.

O tipo intuitivo é um homem que parece estranho à realidade. O seu corpo só existe para o ajudar a especular e ele apoia-se sobre o que lhe trazem os seus sentidos para se evadir, pela imaginação, para um domínio rico de possibilidades mentais de todas as espécies. Ele tem queda, uma espécie de sexto sentido que, no domínio onde os outros não vêem nada, o seu espírito fascina apresentando soluções brilhantes sobre problemas complexos.

É o homem das grandes especulações desde que aplicadas ao comércio ou à indústria; o visionário dos acontecimentos futuros, quando virado para a política.

A sua memória dá em geral um contributo essencial às recordações espontâneas. Estas formam no subconsciente estruturas complexas, interligadas e que surgem sem que o seu proprietário tenha verdadeiramente a consciência de as ter chamado.

O intuitivo extrovertido adora a mudança, a novidade. É um aventureiro. Descobrir, especular, pressentir, adivinhar, são as suas ocupações principais. Para ele a realidade é enfadonha. Por esse motivo, é um jogador: o gosto do risco anima-o. Tem curiosidade por tudo. As suas impressões guiam-no. Este tipo de homem julga as suas relações sobre as aparências: se a primeira impressão é boa, dá-lhe a sua confiança, se é má, nada o poderá fazer mudar de idéia. Engana-se algumas vezes nos seus pressentimentos? Não tem importância, o futuro virá confirmar outros pressentimentos.

O intuitivo extrovertido é muitas vezes um criador, um inventor, um navegador, um diplomata, um filósofo, um explorador, etc. E desprendido das coisas da vida, das contingências materiais e parece continuamente desatento da realidade.

A sua memória regista mal o que lhe trazem os sentidos. Poucos fatos precisos, poucas datas, poucos elementos da realidade vêem

marcá-la e enriquecê-la de referências várias. O intuitivo extrovertido, por falta de atenção, não reconhece as feições, nem se lembra dos nomes. Em contrapartida, a sua memória responde a todas as solicitações que estabelecem uma relação entre um fato concreto e uma suposição possível, ou ainda, entre uma especulação definida e elementos reais que a suportem e expliquem. Devido aos contactos que mantém com o mundo exterior e visto que geralmente impelido para fora de si mesmo, pela curiosidade, o intuitivo extrovertido possui uma certa dose de razão que mantém as suas lembranças numa relativa realidade. Durante uma conversação nunca lhe faltam os argumentos, a sua memória projeta na sua consciência os elementos de respostas estruturadas, instintivas, que o toma temível em toda contenda oratória.

O intuitivo introvertido, fechado ao mundo exterior, exerce as suas capacidades de fantasia, o seu espírito de especulação, a sua curiosidade devoradora, no seu mundo interior. Todas as suas percepções são transformadas. É um tipo original, místico - muitos intuitivos introvertidos são artistas fantásticos, sonhadores. E assim que um fato banal da realidade lhe permite uma transformação à medida da sua intuição criativa segundo um percurso de pensamentos que lhe é próprio. Deixa-se guiar pelas ressonâncias que o choque com a realidade provoca nele, perdendo-a assim completamente de vista e afastando-se dela desde que a sua imaginação entre em jogo. Não tem portanto nenhum sentido prático, desdenha do seu corpo, não se incomoda para ganhar «um tostão» e, algumas vezes, passa mesmo, por um iluminado.

<i>Combinações possíveis</i>				
Sensação (1)	-	Sentimento (2)	-	Pensamento (3) - Intuição (4)
			<i>ou</i>	
Sensação (1)	-	Pensamento (2)	-	Sentimento (3) - Intuição (4)

A segunda função irracional é a sensação. O tipo sensorial dá ao seu corpo uma importância muito grande nos seus pensamentos. Parece escutar manifestações através dele. Tudo aquilo que os sentidos lhe comunicam é recebido com uma extrema acuidade. É sensível às cores, aos cheiros e percepções gustativas, tácteis, visuais e auditivas. Os seus pensamentos derivam das próprias percepções. O sensorial

tem os dois pés assentes na realidade. É o S. Tomé do Evangelho: só acredita naquilo que pode tocar ou ver! Possui um caráter positivo, bem servido pelos cinco sentidos que naturalmente estão bem desenvolvidos.

Possui um sentimento profundo da observação. E um folgazão, otimista e robusto no bom sentido, mas pouco psicólogo. Julgar os outros homens é trabalho de intuição, portanto, o sensorial não a possui. Gosta da boa mesa e é um sensual.

O sensorial introvertido é mais desconfiado, menos aberto que o extrovertido. As repercussões das impressões recebidas graças aos sentidos são mais profundas, mais intensas. Será igualmente mais delicado, mais refinado que o extrovertido. Os seus principais defeitos são a meticulosidade levada ao extremo, a exigência, a indecisão. Nunca satisfeito — quer fazer sempre melhor e exige o mesmo dos outros — não sabe tomar decisões. A sua saúde parece ser o seu primeiro e único cuidado. O futuro assusta-o e a rotina da sua vida quotidiana dá-lhe equilíbrio, segurança e tranquilidade. E igualmente um ansioso doloroso, um egoísta por natureza. E frequentemente manejado e possui uma notável consciência profissional.

4. Estudo das cambiantes psicológicas que podem influenciar o comportamento do indivíduo

Vamos procurar cambiantes para as interpretações precedentes sobre o caráter do indivíduo à luz das qualidades psicológicas brutas, dadas pelas quaduplicidades e triplicidades do signo de nascimento.

Tomaremos também em consideração as quaduplicidades e as triplicidades do signo ascendente que podem reforçar, diminuir ou estabelecer uma distorção psicológica com as do signo de nascimento.

Como procederemos?

Primeiramente, observaremos no esquema astral os elementos (água-terra-fogo-ar) que não podem combinar-se:

O fogo é compatível com o Ar mas a terra repele o Fogo;

A Terra é compatível com a Água mas o Ar repele a Água.

Claro que não nos podemos limitar só aos elementos. Seria permitir que todas as pessoas do nosso conhecimento fossem separadas em dois grupos: aquelas que pertencem aos signos da Terra e da Água, de um lado, e as que pertencem aos signos do Fogo e do Ar, de outro lado.

Tomaremos em conta as quadruplicidades (ou as quatro estações) que elas representam a fim de revermos a nossa avaliação sobre as compatibilidades dos elementos.

Os *signos cardeais* simbolizam o princípio das coisas e as pessoas que fazem parte deles são individualidades que trabalham segundo vias pessoais, com o fim de atingirem interesses particulares. Possuem a força e o impulso nas suas ações, o que os conduz ao sucesso tanto na sua vida particular como profissional.

Serão compatíveis com os *signos fixos* que lhes trazem o elemento de estabilidade que lhes falta.

Por um lado, o signo cardinal dá idéias novas, fecundas, que devem ser divulgadas e desenvolvidas para atingirem sucesso. E este será o saldo estabilizador e concreto do signo fixo.

Vimos que os signos cardeais são o Áries (Fogo), o Capricórnio (Terra), a Libra (Ar) e o Câncer (Água); que os signos fixos são o Leão (Fogo), o Touro (Terra), o Aquário (Ar) e o Escorpião (Água); que os signos mutáveis são o Sagitário (Fogo), a Virgem (Terra), os Gêmeos (Ar) e os Peixes (Água).

Resta-nos passar em revista as possibilidades de acordo dos *signos mutáveis*. Em princípio, são pessoas que agem melhor quando permanecem num plano de independência. Gostam da variedade, da mudança freqüente. Têm horror à rotina (contrariamente aos signos fixos que se deixam, de bom grado, absorver e guiar por ela, o que lhes facilita o trabalho).

Os signos mutáveis não devem entrar em competição com os signos fixos que à partida já têm a vantagem de uma concentração de espírito excepcional. Mas se uma pessoa faz parte de um signo mutável por nascimento e o seu ascendente é regido por um signo fixo, a associação será proveitosa e multiplicará as suas hipóteses de êxito.

Em resumo, a presença de signos da mesma natureza no esquema astral dum indivíduo produz profundas compreensões. Tais associações nada têm a ver com os elementos aos quais pertencem os signos zodiacais em questão. Assim, por exemplo, o signo de Fogo do Áries, que é cardinal, estará em acordo com o signo de Água, igualmente cardinal, do Câncer; ou ainda, com o signo de Ar, cardinal da Libra; ou, enfim, com o signo de Terra do Capricórnio, que também é cardinal.

Em caso de dúvida, deve-se dar sempre prioridade de acordo às quadruplicidades (as quatro estações) sobre os elementos (Fogo, Terra, Ar e Água).

Recapitulemos as qualidades e defeitos próprios das quadruplicidades e das triplicidades:

Signos do Fogo: vitalidade, entusiasmo excessivo, ardor na ação, independência, irascibilidade, susceptibilidade, gosto pelo comando.

Signos da Terra: sentido do concreto, mesmo do material, as questões espirituais interessam-lhe pouco. Sentido da economia, da prudência, perseverança, egoísmo e um fundo de inquietude e melancolia latente.

Signos do Ar: vivacidade, inteligência mais rápida do que profunda, gosto pelo estudo, pela facilidade, pelas discussões onde estejam em jogo vários argumentos (sentido de réplica), subtileza para persuadir mais do que para convencer.

Signos da Água: imaginação viva, curiosidade. Uma certa tendência para aceitar o seu destino (consciência entorpecida). Uma certa falta de realismo. Predominância das sensações sobre a lógica (função pensamento, geralmente deficiente).

Signos cardeais: necessidade de movimento. Ação, atividade para um fim mais ou menos útil. Sentido de iniciativa. Ambição, impaciência de natureza, exceto para o Capricórnio que é paciente e tenaz. Erros por precipitação. Falta de reflexão.

Signos fixos: estabilidade, tenacidade, firmeza, vontade. Bons sentimentos. Falta de adaptação. Lentidão de reflexão. Tendência para idéias fixas ou obsessão. Não muda facilmente de opinião (nunca na ocasião).

Signos mutáveis: grande poder de adaptação. Flexibilidade. Inteligência viva. Superficialidade. Sentido de humor. Indecisão. Tendência a deixar-se comandar (só aparentemente).

5. Estudo do perfil psicológico do indivíduo, tal como ele se vê

6. Estudo definindo o retrato psicológico que o indivíduo oferece aos olhos dos outros

Se o leitor refletir sobre o seu próprio caso, apercebe-se que se julga de modo diferente do que o julgam aqueles que o conhecem, mesmo os mais íntimos.

Citemos um exemplo. Se o leitor é do signo do Escorpião, com ascendente Escorpião, está persuadido de que é amável, indulgente e

compreensivo para os outros. Pensa certamente que é um bom psicólogo e capaz, à primeira vista, de definir os pontos fracos do seu interlocutor. Julga-se talvez intransigente em princípios mas não ao ponto de ser maníaco. Está convencido que gosta de viver, uma certa vivacidade de espírito e de gestos, embora reconheça não ter a compreensão suficientemente rápida para captar o «picante» duma anedota. Está persuadido de possuir uma franqueza natural.

Esta será a sua opinião. Exprime certas cambiantes psicológicas que integram o seu caráter e que só o próprio é capaz de as definir no seu comportamento pessoal.

Quem é o leitor realmente? Decerto que o seu julgamento é bom, mas a maioria das qualidades que sabe possuir não passam de dentro para fora e não chegam ao entendimento dos outros. Porquê? Porque, como toda a gente, o leitor deseja apresentar um certo número de aspectos e este desejo profundo mascara-o aos olhos dos outros. Essa máscara é feita de qualidades reais, que existem realmente em si, mas também de qualidades que gostaria de ter e que, inconscientemente, projeta para o mundo exterior, o que falseia a visão que os outros podem ter de si. Por outro lado, o próximo não vê em si senão aquilo que realmente quer ver, quer dizer, ele próprio. Atribui-lhe qualidades e defeitos que crê existirem em si porque o seu comportamento assim o sugere, e além disso, ele já tem tendência para rejeitar nele, criando um campo propício.

No exemplo dado acima, os outros certamente julgá-lo-ão triste, pouco acomodático, com falta de calor humano e capaz, com uma palavra, uma frase, de tocar no ponto fraco do interlocutor. Negarão a sua qualidade de psicólogo. De qualquer modo, julgá-lo-ão pouco capaz de compreensão com os outros. Notarão ainda a sua lentidão de espírito e de movimentos. Reconhecerão eles a sua franqueza da qual tanto se orgulha? Nem isso; eles julgarão a sua franqueza como vinda da sua boa-fé, mas para eles o leitor confunde a verdade com o fato de dizer o que pensa.

Com frequência, a concordância não se verifica e sofre por causa disso, considerando-se incompreendido.

No esquema astral iremos avaliar o ser e o parecer à luz das quadruplicidades. O retrato psicológico do «ser» será definido pelas características das quadruplicidades do signo de nascimento, enquanto que o retrato psicológico do «parecer» será traçado pelas características das quadruplicidades do signo ascendente.

CAPÍTULO XI

COMO TRAÇAR O ESQUEMA ASTRAL DE TOTH?

O esquema astral de Toth permite traçar o retrato psicológico de qualquer indivíduo. Para estabelecer as suas grandes linhas basta conhecer a data de nascimento do sujeito, a hora e o local.

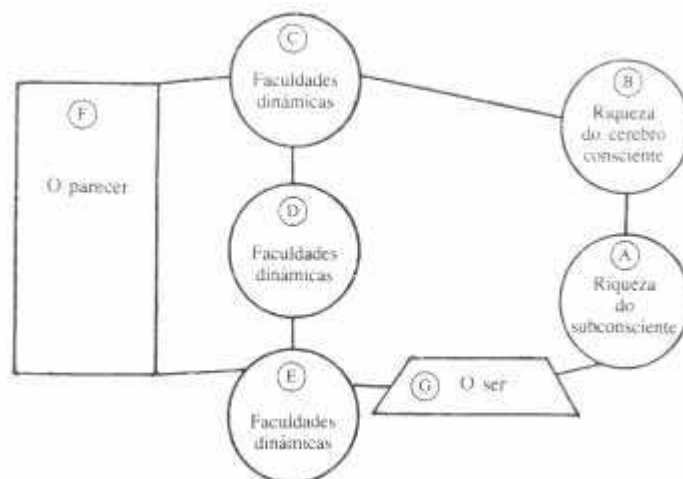
A partir destes dados básicos, conjunto bem simples, vamos estabelecer sete estudos psicológicos separados, que interpretaremos em seguida, segundo uma interligação entre os dados, seguindo uma ordem de progressão lógica que será sempre a mesma.

Mas, para começar, devemos desenhar os contornos.

Contornos do esquema astral de Toth

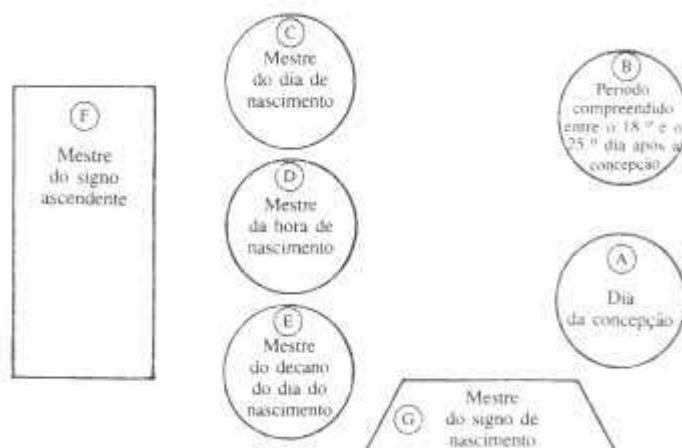
- A. Local do subconsciente, a sua riqueza psíquica.
- B. O cérebro humano com os seus dois hemisférios esquerdo e direito.
- C-D-E. As principais faculdades dinâmicas colocadas ao serviço das riquezas psíquicas do cérebro.
- F. Imagem psicológica do sujeito, tal como os outros a vêem.
- G. Imagem psicológica do sujeito, tal como a sente bem no fundo de si.

Eis o esquema, depois de devidamente situado:



As procuras a efetuar

Agora vamos aplicar em cada uma das sete partes que compõem o esquema astral básico dados precisos que nos permitam efetuar as procuras necessárias, tendo em vista delimitar os estudos psicológicos sobre o sujeito em causa.



Antes de irmos mais adiante no traçado do esquema astral de Toth, devemos efetuar um certo número de procuras indispensáveis. Quais são?

A. Estudo sobre a riqueza do subconsciente: procuraremos a data da concepção do indivíduo. Uma vez encontrada, temos que determinar:

- 1 - o planeta que rege o signo que cobre este dia;
- 2 - o planeta que rege o decanato onde está incluído este dia;
- 3 - o planeta que rege a fração do decanato onde se situa o dia.

Conhecendo a data de nascimento do indivíduo, será fácil encontrar aproximadamente a sua data de concepção, ou sejam, nove meses antes. Agiremos como os médicos quando a mulher grávida os vai consultar pela primeira vez. Eles situam a data da concepção em função das últimas regras e essa data tem uma aproximação de dez dias. O mesmo acontece se considerarmos a data da concepção nove meses antes do dia do nascimento efetivo. A aproximação é igualmente de dez dias, salvo casos de prematuridade excepcional de um mês ou mais. Neste caso particular, a mãe é posta ao corrente pelo ginecologista e ele, portanto, terá de ter isso em conta no cálculo do dia da concepção.

No entanto, teremos em consideração a possibilidade sempre provável onde o erro estimado seria de vários dias, antes ou depois da data presumida da concepção. Com efeito, dispomos para isso do Mestre do decanato do dia da concepção, cuja influência se exerce durante dez dias.

B. Estudo sobre as qualidades intrínsecas das partes direita e esquerda do cérebro: procuraremos o período exato que se estende entre o décimo oitavo e o vigésimo quinto dia depois da concepção.

Uma vez encontrado este período, procuraremos:

- 1- o planeta que rege o signo que cobre esse período;
- 2 - o (ou/os) planeta(s) que rege(m) o (ou/os) decanato(s) que cobre(m) este período;
- 3 - o (ou/os) planeta(s) que governa(m) as frações de cada decanato.

C-D-E. Estudo sobre as faculdades dinâmicas principais do indivíduo: procuraremos mais em pormenor na parte C, o Mestre do dia do nascimento. Na parte D, o Mestre da hora do nascimento. Na parte E, o Mestre do decanato onde se situa o dia do nascimento.

F. *Estudo do «parecer»* dando a definição da imagem do sujeito, tal como os outros a recebem: procuraremos mais em pormenor:

1 — o planeta que rege o *signo ascendente*.

G. *Estudo sobre a definição do sujeito*, tal como ele é, nos planos da inteligência, da afetividade, dos contactos e da ação: procuraremos mais em pormenor.

1 — o planeta que rege o *signo do nascimento*.

Como efetuar estas procuras?

Data da concepção

Já vimos atrás que era muito fácil encontrar esta data. O quadro que segue pode dar uma ajuda na obtenção dos elementos requeridos.

Mês	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Numero de dias	31	28 29	31	30	31	30	31	31	30	31	30	31
Dia do nascimento												
Dia da concepção												
Período: do 18° ao 25° dia												

Como se pode notar, o quadro comporta igualmente a indicação do período compreendido entre o 18° e o 25° dia depois da concepção, o que facilitará as procuras posteriores.

Período situado entre o 18° e o 25° dia após a concepção

Conhecendo a data da concepção, é suficiente reportarmo-nos a dezoito dias mais tarde e anotar o período que se estende durante oito dias (do 18° ao 25° dia).

Por exemplo: dia da concepção 6 de Junho. O período respectivo irá de 24 de Junho a 1 de Julho inclusive. Recorra ao quadro acima apresentado.

O mestre do dia

É suficiente sabermos em que dia da semana ocorreu o nascimento do indivíduo. Mas se a data já está muito afastada no tempo, somos obrigados a recorrer a uma fórmula que nos dará automaticamente o dia procurado. E baseado na consulta preliminar de três pequenos quadros que serão:

- Quadro nº 1 — os meses e os séculos;
- Quadro nº 2 — as milésimas;
- Quadro nº 3 — os dias da semana e o Mestre do dia.

QUADRO I

MÊS	ALGARISMOS A ADICIONAR	SÉCULOS
Março-Novembro	0	I - VIII - XV - XVIII
Fevereiro-Junho	1	VII - XIV
Setembro-Dezembro	2	VI - XIII - XVII
Abril-Julho	3	V - XII
Outubro	4	IV - XI - XX
Janeiro-Maio	5	III - X - XIX
Agosto	6	II - IX - XVI

QUADRO II

ALGARISMOS A ADICIONAR	INDICAÇÃO DOS DOIS ÚLTIMOS ALGARISMOS DAS MILÉSIMAS															
0	-	06	-	17	23	28	34	-	45	51	56	62	-	73	79	84 90 -
1	01	07	12	18	-	29	35	40	46	-	57	63	68	74	-	85 91 96
2	02	-	13	19	24	30	-	41	47	52	58	-	69	75	80	86 - 97
3	03	08	14	-	25	31	36	42	-	53	59	64	70	-	81	87 92 98
4	-	09	15	20	26	-	37	43	48	54	-	65	71	76	82	- 93 99
5	04	10	-	21	27	32	38	-	49	55	60	66	-	77	83	88 94 -
6	05	11	16	22	-	33	39	44	50	-	61	67	72	78	-	89 95 -

QUADRO III

N.º INDICATIVO	DIA DA SEMANA	MESTRE (X) DIA
1	Domingo	Sol
2	2ª-feira	Lua
3	3ª-feira	Marte
4	4ª-feira	Mercúrio
5	5ª-feira	Júpiter
6	6ª-feira	Vênus
7	Sábado	Saturno

Como proceder?

Seja, por exemplo, a data de nascimento 17 de Abril de 1962. A que dia da semana corresponde?

Consultando o Quadro I, na coluna do mês encontramos Abril ao qual corresponde 3; na coluna dos séculos, ao século XX corresponde o algarismo 4.

Recorrendo ao Quadro II vemos que a milésima do ano do exemplo, 1962, termina em 62 que se encontra na linha O de «algarismos a adicionar».

Somemos agora todos os resultados obtidos: $3+4+0=7$). Juntemos a esta soma a data, 17, e obteremos 24 ($7+17=24$). Como a semana tem 7 dias, vamos dividir este total por 7 e obtemos 3 ($24:7=3$) com um resto de 3 unidades. Desprezamos o quociente da divisão e consideramos só o resto, ou seja 3.

Entrando com este valor no Quadro III vemos que à linha do 3 corresponde uma 3ª-feira, cujo Mestre do dia é Marte.

O Mestre da hora

Conhecendo o dia da semana do nascimento do indivíduo, procuremos o Mestre da hora no quadro que se segue.

Atenção: o dia astrológico vai das 12 horas dum dia às 12 horas do dia seguinte, por isso as primeiras doze horas inscritas no quadro correspondem às horas da tarde, isto é, das 13 às 24 horas.

Em consequência disso, cada vez que se procure o Mestre de uma hora compreendida entre a meia-noite e o meio-dia, é necessário recuar a data do nascimento de um dia. Por exemplo: data e hora do nascimento 17 de Abril de 1962, às 11 horas e 30 minutos. O Mestre

do dia, como já vimos, é Marte (3ª-feira). O Mestre da hora a obter no quadro seguinte não é o de 17 de Abril as 11h 30 m, mas sim o de 2ª-feira, 16 de Abril às 12h ou seja Júpiter (qualquer fração igual ou superior a 30 m após a hora, faz considerar a hora imediata-mente seguinte; por exemplo 10 h 30 m tem o seu Mestre às 11 h; 16 h 40 m tem o seu Mestre às 17 h).

O Mestre do decanato

Nada de mais simples. Reportemo-nos ao decanatoscópio do capítulo V e determinemos o planeta que rege o decanato do signo zodiacal de nascimento ou de ascendente, conforme aquilo que pretendemos (proceder de igual modo para a concepção).

Cada vez que tivermos de procurar a fração (ou frações) dum decanato, obtê-la-emos no decanatoscópio para todos os signos do zodíaco.

QUADRO DOS « MESTRES DA HORA »

Hora	2ª-feira	3ª-feira	4ª-feira	5.ª-feira	6ª-feira	Sábado	Domingo
13	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol
14	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus
15	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio
16	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua
17	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno
18	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter
19	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte
20	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol
21	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus
22	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio
23	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua
24	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno
1	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter
2	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte
3	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol
4	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus
5	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio
6	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua
7	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno
8	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter
9	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte
10	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol
11	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio	Júpiter	Vênus
12	Júpiter	Vênus	Saturno	Sol	Lua	Marte	Mercúrio

DOIS EXEMPLOS

Seguem-se dois exemplos concretos de procura de elementos astrais do esquema de Toth.

Primeiro exemplo

Pedro, nascido a 6 de Junho de 1929, às 12 h, em Resende (Distrito de Viseu).

Vamos estabelecer o seu esquema astral de Toth.

1º *Dia da concepção* de Pedro

Atrasando 9 meses à data do seu nascimento obtemos 6 de Setembro de 1928. Signo zodiacal Virgem, com o planeta Mercúrio no domicílio. Verificamos que:

— o planeta que rege o signo zodiacal que cobre o dia da concepção de Pedro é Mercúrio;

— o planeta que rege o decanato que cai no dia da concepção, quer dizer a 6/9/1928, é o 2º decanato compreendido entre 2/9 e 11/9 e que tem por Mestre Vênus;

— o planeta que rege a fração do decanato no qual cai o dia da concepção é Júpiter.

Estas três informações vão-nos dar *a riqueza do subconsciente* de Pedro sob a forma codificada que resumimos por:

A-Mercúrio-Vênus (Júpiter).

2º *Procuremos o período compreendido entre o 18º e o 25º dia após a concepção* de Pedro

Sabemos que a data da concepção é 6/9/1928. Trata-se pois de um período compreendido entre 24/9/1928 e 1/10/1928. Notamos que:

— o planeta que rege o signo que cobre este período é Vênus, em domicílio no signo zodiacal da Libra;

— o planeta que rege o decanato que cobre o período de 24/9/1928 a 1/10/1928 é a Lua;

— os planetas que regem as frações deste decanato são Saturno e Vênus.

Estas três informações dão-nos as *qualidades intrínsecas do cérebro*, sob a seguinte forma codificada:

B-Vênus-Lua (Saturno, Vênus).

3° Vamos agora procurar os *Mestres do dia, da hora e do decanato* do signo de nascimento do Pedro

Sendo a sua data de nascimento 6 de Junho de 1929, às 12 horas, Pedro nasceu sob o signo de Gêmeos. Vejamos então:

O Mestre do dia do nascimento:

Quadro I — mês de Junho 1
 século XX 4

A terminação da milésima de
1929 é 29, que corresponde no

Quadro II a 1
A data do mês é 6
Total 12

dividindo por 7 dias
da semana, dá 1 e
resto 5.

— O número 5 no Quadro III corresponde a 5ª-feira, cujo Mestre é Júpiter;

— O Mestre da hora de nascimento: 5ª-feira, 6 de Junho às 12 horas, é determinado por 4ª-feira, 5 de Junho (das 24 h às 12 h atrasa um dia) às 12 horas que indica ser o Mestre da hora Saturno;

— O Mestre do decanato de nascimento: 6 de Junho faz parte do 2º decanato compreendido entre 31/5 e 9/6, cujo planeta Mestre é Marte.

Estas três indicações dão-nos as faculdades *dinâmicas principais* que põem em atividade as potencialidades do subconsciente de Pedro, assim como *as qualidades intrínsecas do seu cérebro* (hemisfério esquerdo e direito) sob a seguinte forma codificada:

C-Júpiter-D-Saturno-E-Marte.

4° Procura do signo ascendente

Reportando-nos ao Capítulo IV que descreve o melhor modo de determinar o ascendente de uma pessoa partindo da data, hora e local de nascimento, obtemos o signo ascendente Virgem.

Temos então:

— O planeta que rege o signo ascendente é Mercúrio, que está no domicílio em Virgem;

— As quadruplicidades e triplicidades do signo ascendente são: mutável-Terra.

Estas duas informações dão-nos a *imagem segundo a qual o sujeito é visto em seu redor*, sob a seguinte forma codificada:

F-Mercúrio-mutável-Terra.

5° Vamos procurar agora o planeta que governa o signo de nascimento assim como as triplicidades e quadruplicidades do signo ascendente

Verificamos que:

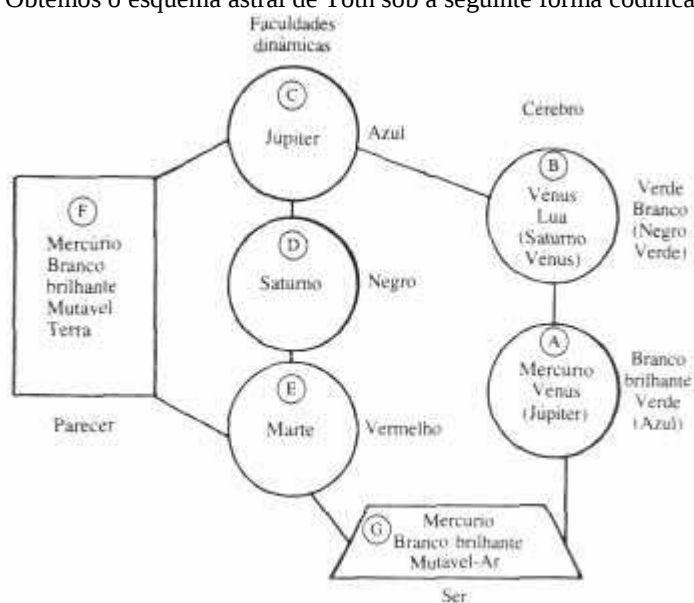
— O planeta que tem o seu domicílio em Gêmeos é Mercúrio;

— As triplicidades e quadruplicidades do signo de nascimento (Gêmeos) são: mutável-Ar.

Estas duas informações dão-nos a *imagem sob a qual se vê o sujeito a si próprio* e cuja fórmula codificada será:

G-Mercúrio-mutável-Ar.

Obtemos o esquema astral de Toth sob a seguinte forma codificada:

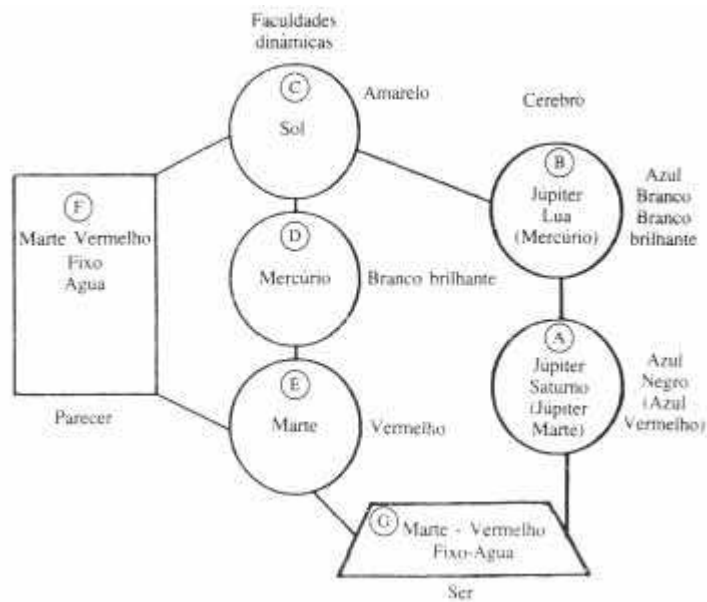


Consideremos agora o Daniel, nascido a 30 de Outubro de 1960, às 7 h 30 m, em Beja.

O leitor só vai realizar as necessárias procuras para traçar o esquema astral de Toth do indivíduo considerado. Recorra aos ensinamentos deste livro e ao exemplo precedente. Uma vez terminado este primeiro trabalho, trace o esquema astral sob a forma codificada e compare depois o resultado que obteve com aquele que está indicado abaixo.

Se cometeu erros na sua procura, tente localizá-los e entender porque os cometeu relendo os respectivos parágrafos.

Esquema astral de Toth estabelecido sob a forma codificada e respeitante ao Daniel, nascido a 30/10/1960, às 7 h 30 m, em Beja:



Decodificação e leitura do esquema astral de Toth

A decodificação do esquema astral de um indivíduo faz-se naturalmente substituindo os planetas pelas suas influências, quer dizer, as

características que eles conferem, boas ou más, nos sete estudos que as compõem.

O leitor encontra essas características nos capítulos que tratam dos planetas, das quadruplicidades e triplicidades e dos decanatos.

Se retomarmos o primeiro exemplo, o do Pedro, nascido a 6 de Junho de 1929, às 12 horas, em Resende (Distrito de Viseu), vamos obter:

Estudo A (riqueza do inconsciente): Mercúrio - Vênus (Júpiter)

Mercúrio: faculdades intelectuais. Eloquência. Flexibilidade mental. Facilidade de assimilação, de dedução e de adaptação. Astucioso. Fronteira muito frágil entre o bem e o mal. Sentido da diplomacia. Habilidade manual. Instabilidade, dispersão, necessidade de movimento, de mudança.

Vênus: desejo de *gozar* a existência com uma procura de qualidade. Emotividade à flor da pele. Atividade média. Mais indolência que dinamismo. Procura de prazer. Necessidade de se sentir amado e desejado. Função sentimento dominante. Alegria de viver. Sociabilidade. Tendência para a euforia. Fraco espírito crítico. Gosta de seduzir. Boa coesão geral. Necessidades estéticas e artísticas. Fator de sorte. .

Júpiter: qualidades morais. Respeito pelas convenções sociais. Tendências construtivas e realizadoras. Gulodice e desejos sexuais. Orgulho, ostentação. Hipocrisia. Gosto pelo jogo e pelo risco. Desejo de ganhar dinheiro sem grandes esforços.

Estudo B (qualidades do cérebro): Vênus - Lua (Saturno - Vênus)

Vênus: as mesmas qualidades e defeitos que apresenta o inconsciente, donde uma possibilidade de acordo com este nos pensamentos e nos atos.

Lua: nervosismo e caprichos. Instabilidade e espírito vagabundo. Acomodação aos hábitos, à rotina quotidiana. Segue os seus apetites materiais. Tendência para a submissão ao sonho e à imaginação. Narcisismo. Boa memória. Sensibilidade muito grande. Doçura natural. Tendência para a mentira, para embelezar e fugir às realidades da vida.

Saturno: ambição escondida. Gosta de trabalhar para tudo o que é útil ou necessário. Sentido da realidade, do concreto. Sêrio, lógico,

preciso. Egoísmo. Tendência para o pessimismo, para a solidão. Não gosta de mudanças. Espírito conservador e retrógrado. Cepticismo. O sujeito não acredita senão naquilo que os seus sentidos podem captar e mesmo assim! Passa os obstáculos, considerando que devem inclinar-se ou partir, se estão ao seu alcance, senão o sujeito espera pela hora favorável, pronto a saltar. Paciência. Reflexão. Concentração.

Vênus: reforça a influência de Vênus já citada acima.

Estudos C-D-E (funções dinâmicas principais): Júpiter - Saturno - Marte

Júpiter: já mencionado.

Saturno: já mencionado.

Marte: iniciativas. Franqueza. Coragem. Gosto pelas atividades, pela novidade, pelo comando. Cólera, violência, brutalidade, impulsividade. Esbanjamento de dinheiro. Forte agressividade na luta pela vida. Temeridade. Vaidade. Ciúme. Egoísmo instintivo. Cepticismo. Combatividade.

Estudo F (o parecer): Mercúrio - mutável - Terra

Mercúrio: já citado.

Mutável: adaptação. Flexibilidade. Inteligência. Superficialidade. Sentido do humano. Indecisão. Tendência a deixar-se comandar.

Terra: sentido do concreto, do material. As questões espirituais não parecem interessar ao indivíduo. Sentido da economia, tanto em dinheiro como em esforços (age em função do que é útil ou necessário). Prudência. Perseverança. Egoísmo (o sujeito parece ser muito pessoal). Um fundo de neurastenia.

Estudo G (o ser): Mercúrio - mutável - Ar

Mercúrio e mutável: já visto.

Ar: ligeireza. Inteligência mais viva que profunda. Gosto pelos estudos, pela facilidade, pelas discussões onde o sujeito desenvolve ou avança com numerosos argumentos. Subtileza para persuadir o próximo mais do que para o convencer. Vivacidade de espírito e de assimilação.

O código das cores de Toth

Agora apliquemos o código das cores de Toth ao esquema astral que estamos desenvolvendo (veja o Capítulo V — «O que são os decanatos Egípcios?»). O que nos dá:

- Estudo A (o inconsciente): branco brilhante - verde - azul.
- Estudo B (a riqueza do cérebro): verde - branco - negro - verde.
- Estudo C, D, E (as faculdades dinâmicas): azul - negro - vermelho.
- Estudo F (o parecer): branco brilhante - (negro).
- Estudo G (o ser): branco brilhante - (amarelo).

Decodifiquemos:

A

Branco brilhante: pureza. Afirmação de si. Sentido das responsabilidades. Conhecimento e apreciação das suas qualidades e defeitos. Aspirações intelectuais. Exaltação possível.

Verde: sentido das realidades, do concreto. Necessidade de harmonia. Vida longa e plena. Sentido da justiça e das conveniências. Fuga aos extremos. Interessa-se tanto pela espiritualidade como pela morte.

Azul: tipo «pensador». Seriedade. Calma. Joga pela verdade.

B

Verde, branco: já visto.

Negro: melancolia. Inquietação. Angústia. Medo da ignorância. Sentido da fatalidade. Reflexão. Concentração de pensamentos.

C, D, E

Azul, negro: já visto.

Vermelho: sentimento. Paixão. Exteriorização. Necessidade de viver plenamente e intensamente. Generosidade por impulsos.

F

Branco brilhante, negro: já visto.

G

Branco brilhante: já visto.

Amarelo: a intuição, a juventude de espírito e de comportamento. A força moral. Crueldade (sadismo). Dissimulação. Cinismo (cepticismo natural).

Componhamos a harmonia das cores:

A — *Verde, branco*: em dissonância. *Verde, azul*: em associação. *Branco, azul*: neutralizam-se.

B — *Verde, branco*: em dissonância. *Verde, negro*: associam-se. *Verde, verde*: reforçam-se. *Branco, negro*: em dissonância.

C, D, E — *Azul, negro*: em dissonância. *Azul, vermelho*: associam-se. *Vermelho, negro* (tornam-se ruivo): em dissonância.

F — *Branco, negro*: em dissonância.

G — *Branco, amarelo*: associam-se.

Interpretação do esquema astral de Toth

Com o fim de interpretarmos o esquema astral, devemos primeiramente ter em conta certos fatores.

A riqueza do inconsciente é sempre uma reserva, uma potencialidade de qualidades que não serão necessariamente postas em evidência ou utilizadas pelo cérebro do sujeito. Segundo o grau de cultura, a riqueza do subconsciente será mais ou menos bem explorada.

Da mesma maneira, as qualidades que parecem definir o cérebro do sujeito não são sempre postas em evidência nos seus pensamentos e atos. A sua exploração dependerá da força das faculdades dinâmicas, donde resulta a importância destas últimas na interpretação do sentido que temos de dar às motivações do comportamento habitual do sujeito.

Uma vez isto dito e compreendido, a interpretação é delicada e depende da prática. No exemplo de interpretação que se vai seguir limitamo-nos a um desenvolvimento resumido e incompleto, a fim de não desorientar o leitor.

Se pegarmos no esquema astral de Pedro (primeiro exemplo) podemos-lo, sucintamente, interpretar da seguinte maneira:

Observamos que o inconsciente de Pedro é rico de qualidades de flexibilidade, de adaptação, de transformação e de habilidade, assim como para as ações elevadas e morais. O problema para Pedro será a escolha do caminho certo ou, pelo menos, aquele que o traumatize menos. Conseguiu-o?

Se recolhermos as qualidades intrínsecas do seu cérebro, notamos a semelhança destas com aquelas que o inconsciente apresenta, donde resulta a possibilidade de acordo entre os pensamentos e os atos de Pedro.

O que preocupa em seguida são as qualidades contraditórias cujo cérebro parece possuir. Por um lado, a dispersão, o nervosismo, uma tendência para fugir às responsabilidades da vida, por outro lado, uma ambição cuidadosamente escondida, um sentido do real, do concreto, do raciocínio lógico e do cepticismo.

Estas riquezas antagónicas apresentam o risco de criarem uma desestabilização dos meios postos em atividade por Pedro. Tudo dependerá da maneira como Pedro seja capaz de tirar partido das qualidades das suas principais funções dinâmicas. Felizmente que possui no seu esquema astral o agudo sentido das convenções e da hierarquia social que lhe conferirão um bom ensinamento para os seus sentimentos.

O menos que podemos dizer é que Pedro possui uma personalidade dupla. Ele jogará habilmente com uma ou com outra, segundo as circunstâncias e as situações. E muito capaz e pode muito bem apresentar-se como um ser vivo, compreensivo, trocista, alegre, encantador e persuasivo, mas sem grande profundidade de espírito, um pouco «topa-tudo» e, alguns instantes mais tarde, comportar-se como um ser profundo, sério, refletido, animado de uma vontade de ferro, um pouco céptico, mas de tal maneira conservador e rotineiro que se toma fastidioso.

Aos olhos dos outros, a maioria das vezes passará por egoísta, avaro dos seus esforços e das suas contrariedades, pouco sensível à miséria do próximo, sério, triste, fechado, mas abrindo-se de boa vontade para tudo aquilo que apresenta alguma utilidade e desdenhando a futilidade, a fantasia e o «deixar correr».

Quanto a si próprio, julgar-se-á muito exteriorizado, sentir-se-á bem na sua pele, alegre, pleno de fantasia, gracioso, divertido, vivo e brilhante, capaz de se adaptar a todas as circunstâncias, a todas as situações, gostando do jogo e tomando a vida como tal, capaz de esforços que exigem grande fôlego, dotado de uma boa capacidade de persuasão e de assimilação.

Se fossemos mais à frente com o esquema astral de Pedro, veríamos que ele possui, na verdade, duas personalidades muito diferentes que apresentam o «parecer» e o ser.

Por este motivo, quando formos levados a interpretar um esquema astral, devemos terminar o retrato psicológico com um último toque que consistirá em recorrer às indicações dadas pelo retrato astral do *signo de nascimento*, modificado pelo *signo ascendente*.

No caso de Pedro, utilizaremos as características de Gêmeos (seu signo de nascimento) e da Virgem (ao qual pertence, pelo signo ascendente). Notaremos que o nosso estudo é bem definido por estes dois retratos-tipo. Graças às cambiantes dadas pelo esquema astral de Toth, vemos em que medida Pedro é mais Virgem do que Gêmeos, em certos domínios e mais Gêmeos que Virgem noutros.

Será assim que nós estabeleceremos a sua maneira de agir que pede uma reflexão preliminar cuidadosa, um lançamento cauteloso por causa da presença de Saturno. Notaremos o seu horror a horários impostos, a preconceitos, golpes de contrariedades que a vida impõe frequentemente pela presença de Mercúrio. Acharemos a sua faculdade de se ver agir e compreendemos melhor o seu divertimento perante o desdobramento controlado da sua personalidade (Mercúrio em Gêmeos). Deduziremos desse fato que a vida para ele não vale a pena ser vivida se não for agradável. Tudo é um jogo e Pedro está marcado pelo princípio do «prazer» e do «desprazer» próprio dos Gêmeos com a presença de Vênus.

No caso de Pedro, notaremos que a dispersão de espírito que apresentam os Gêmeos está praticamente ausente na sua maneira de atuar, porque a influência de Virgem com o planeta Saturno é predominante neste domínio. Claro que terá ainda a tendência para «correr várias lebres» ao mesmo tempo, mas a sua reflexão bem controlada, o seu sentido crítico, levá-lo-ão rapidamente ao caminho do trabalho empreendido.

As suas idéias são abundantes, mas Pedro saberá fazer a sua seleção. A sua energia é grande (Marte e Saturno) e ele levará os empreendimentos a seu termo. Manejará mais facilmente as idéias do que os sentimentos e assim será mais um ser do «espírito» do que da «matéria». Tudo o que vier do domínio dos sentimentos, das impressões, das sensações, será controlado pela sua razão antes de ser exteriorizado a conta-gotas.

O anticonformismo dos Gêmeos será contrabalançado pelo profundo sentido das convenções que dá Júpiter e não subsistirá senão em alguns impulsos imprevistos e raros. Manifestará mais um anticonformismo de pensamentos do que de ações. Classificá-lo-emos na combinação: Pensamento (1) - Sensação (2) - Intuição (3) - Sentimento (4) ou Pensamento (1) - Intuição (2) - Sensação (3) - Sentimento (4).

Qual será o papel do *esquema astral das cores de Toth*? Permite-nos ver rapidamente os elementos essenciais da personalidade do sujeito. Sob uma forma concisa e pouco estruturada, dá todas as

principais informações sobre o psiquismo e permite assim fazer uma prova de boa interpretação do esquema de Toth. Devemos chegar aos mesmos dados essenciais nos dois esquemas astrais.

Se o leitor quiser ir mais além na interpretação dos esquemas astrais que pretende traçar, sugerimos algumas orientações possíveis, muito interessantes: intelectualidade, afetividade, intuição, vontade, emotividade, sociabilidade, dinamismo, atividade, sensualidade, vitalidade, moralidade, etc.

CAPÍTULO XII

COMO PREVER O FUTURO A PARTIR DO ESQUEMA ASTRAL DE TOTH?

O estabelecimento do horóscopo dum indivíduo, isto é, a interpretação do estado do céu num momento exato, a fim de obter o conhecimento do seu futuro, comporta dois aspectos essenciais:

- O horóscopo do momento do nascimento do sujeito;
- O horóscopo do momento escolhido pelo consulente ou pelo astrólogo.

O horóscopo do momento do nascimento do sujeito permite descobrir as motivações profundas que o levam a agir, a empreender, a expor-se ou a defender-se e a proteger-se. Dá boas indicações sobre a orientação da vida do indivíduo e sobre os diversos incidentes do percurso que influenciarão o desenrolar da vida.

O mapa do céu à nascença chama-se *o tema de nascimento ou de natividade*.

O horóscopo de revolução, estabelecido para o momento escolhido pelo sujeito, fornecerá os presságios relativos a esse momento escolhido.

O mapa do céu próprio desse momento particular chama-se *o tema de atualidade*.

Como proceder?

Para reconstituir o estado do céu temos necessidade de calcular as *posições dos planetas* e devemos, igualmente, *orientar o zodíaco*.

Orientar o zodíaco é colocar a Terra em relação ao zodíaco, tal como ela se encontraria no momento escolhido para o estabelecimento do tema de natalidade ou de atualidade.

Os astrólogos estão persuadidos de que as radiações siderais afetam mais particularmente regiões precisas da abóboda celeste, o que influencia diretamente certos elementos do destino dum indivíduo. Essas radiações podem ser *benéficas* ou *maléficas*.

A divisão arbitrária, pelos astrólogos, da abóboda celeste em doze partes constitui as *Casas* que estão numeradas de um a doze no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Cada Casa corresponde a um fator que caracteriza manifestações da vida humana.

Quais são os fatores particulares de cada Casa?

Essas influências astrais tocam o homem periodicamente e cada influência particular exerce-se sobre uma parte bem delimitada da vida humana e permanece um ano na Casa I, a partir da data do nascimento do indivíduo. Em seguida, exerce-se uma outra influência durante um ano num sector diferente, chamado Casa II e assim sucessivamente até voltar à Casa I, ou seja, após doze anos.

Se retomarmos o exemplo de Pedro, nascido a 6 de Junho de 1929, às 12 horas, vemos que a influência exercida na Casa I durou precisamente até 6 de Junho de 1930, data a partir da qual começa a influência da Casa II que terminará a 6/6/1931 e... abreviando as influências, suceder-se-ão de ano para ano nas Casas III, IV..., XII a 6/6/1941. E o ciclo recomeçará com o 13º ano após o nascimento de Pedro. Todos os doze anos e, por conseguinte, à hora atual, isto é, no ano de 1984, Pedro está sob a influência da Casa VII, voltando à Casa I em 1989.

É, pois, absolutamente necessário para prever o destino de um indivíduo conhecer a posição dos planetas que influenciam diretamente cada uma das Casas numa dada data ou, no caso do tema de natalidade, que irão exercer certa influência na existência futura do indivíduo em causa.

No caso atrás mencionado, podemos prever a manifesta influência exercida na Casa I sobre Pedro, no ano de 1989. Para isso, devemos calcular qual o planeta (ou planetas) que estarão em 1989 no sector do céu do Pedro.

CASA	FATORES SOCIAIS SOBRE OS QUAIS SE EXERCE A INFLUENCIA DOS PLANETAS
I	<i>A vida</i> — Domina a saúde do consulente e todo o seu ser (tendências naturais, instintos, motivação do caráter). Exerce influência sobre o princípio de todos os empreendimentos.
II	<i>As riquezas</i> — Domina tudo o que é riqueza (dinheiro, disponibilidades financeiras, operações econômicas, bens recebidos).
III	<i>Irmãos e colaterais</i> — Domina as relações familiares entre irmãos e irmãs e pessoas próximas. Domina as deslocções quotidianas (visitas aos irmãos, irmãs, amigos íntimos; viagens de curta duração).
IV	<i>Pais e lar</i> — Domina as relações pais-filhos. A tradição familiar. o sentido da hierarquia na família e o respeito devido aos pais. As heranças. Determina o valor das recordações do passado, da tradição.
V	<i>Filhos</i> — Domina as relações com os filhos, o amor e as relações sexuais. As paixões amorosas. A reprodução, o prolongamento da espécie. As atividades desportivas.
VI	<i>Saúde</i> — Domina a saúde quotidiana (doenças benignas, pequenas indisposições). Influencia as responsabilidades diárias, as relações com os colegas de trabalho, com os familiares. As pequenas contrariedades. Situa-se em relação aos acontecimentos que pode intervir na vida dos amigos ou de parentes residentes no estrangeiro.
VII	<i>Casamentos - contratos</i> — Domina tudo o que é contratos, acordos. criação de sociedades. O que está relacionado com casamentos, noivados. As amizades, as relações com os familiares, as associações.
VIII	<i>Morte, luto, guerras, processos</i> — Domina as perdas de entes queridos. desgostos. incidentes, sacrifícios a suportar, assim como perdas ou abandonos. Exerce influências sobre as falências, balanços, etc.
IX	<i>Domínio da intelectualidade</i> — Domina as conquistas morais, espirituais sobre si mesmo. Viagens longas e aventureosas, sonhos, visões, premonições. Influencia no que respeita a ciências ocultas.
X	<i>Dignidades, consideração social</i> — Domina tudo o que é prestígio. Dignidade, afirmação social, celebridade, mudança nas relações femininas. Influencia na obtenção de prémios e recompensas.
XI	<i>Amigos - relações sociais</i> — Domina as relações cordiais e sentimentais entre amigos e no plano profissional. Dá sorte, popularidade, honras, êxito. Consolida as posições sociais.
XII	<i>Inimigos</i> — Revela os inimigos escondidos, as armadilhas, as capturas. Influencia as renúncias, os sacrifícios pessoais, o desprendimento dos bens e prazeres, a aceitação de uma vida monástica.

O conjunto das doze Casas constitui um círculo fixo sobre o qual o zodíaco vai, arbitrariamente, mover-se. Em repouso, o zodíaco tem o signo do Áries na Casa I, o Touro na Casa II e assim sucessivamente.

Cada signo representa, em duração, um mês do ano, ou sejam duas horas do dia. Planificado, cada signo representa um duodécimo da circunferência, ou sejam 30 graus, donde se deduz que uma hora equivale a 15 graus e um grau a 4 minutos (tempo).

Por isso, necessitamos da data de nascimento dum indivíduo para estabelecer o tema da natividade ou da data exata do momento escolhido, para traçar o tema da atualidade.

A data deve incluir, obrigatoriamente, o ano, o mês, o dia e a hora.

Quais são as pesquisas a efetuar?

Utilizaremos o esquema astral de Toth, tal como aprendemos a esquematizá-lo e a codificá-lo no capítulo precedente. Tal processo evitará recorrermos às efemérides para procurar a posição dos planetas. E uma das numerosas vantagens que oferece o esquema astral de Toth.

Com o fim de obtermos uma perfeita compreensão do processo a seguir para determinar os planetas que influenciarão o esquema astral, retomamos o exemplo de Pedro, nascido em 6/6/1929, às 12 horas, em Resende (Distrito de Viseu).

Reportando-nos ao Capítulo XI, anotemos os planetas que tínhamos já obtido para este esquema astral particular. A nossa seleção dá-nos o quadro que se segue mas, primeiramente, deve-se notar que se o leitor obtiver vários planetas iguais para um mesmo estudo (A, B, C, D, E, F ou G) deve indicar essa repetição utilizando a sigla (2) ou (3)... conforme o número de vezes que este mesmo planeta se repetir.

ESTUDOS	PLANETAS INCLUÍDOS NO ESQUEMA ASTRAL DO EXEMPLO			
A	Mercúrio	Vênus	Júpiter	
B	Vênus (2)		Lua	Saturno
C		Júpiter		
D				Saturno
E				Marte
F	Mercúrio			
G	Mercúrio			

Orientação do zodíaco

Agora vamos orientar o zodíaco. A data de nascimento de Pedro é 6 de Junho de 1929, às 12 horas. O quadro zodiacal dos signos (Capítulo III — o Zodialoscópio) indica-nos que o 6 de Junho faz parte de Gêmeos, cujas datas do signo estão compreendidas entre 21 de Maio e 21 de Junho.

O 6 de Junho é pois o 16° dia após a entrada do Sol no signo dos Gêmeos e, por conseguinte, corresponde a 16 graus do signo.

Esta indicação é-nos preciosa. Com efeito, vai permitir orientar o zodíaco colocando em primeiro lugar a décima Casa solar sobre o signo zodiacal que convém. Qual é? Para o conhecer, é preciso encontrar quantos graus do signo cobrirá a Casa X correspondente aos 16 graus dos Gêmeos. O processo é o seguinte:

1° *Reportemo-nos ao quadro das ascensões retas que se encontra na página seguinte.*

QUADRO DAS ASCENSÕES RETA

Graus	Áries	Touro	Gêmeos	Câncer	Leão	Virgem	Libra
1°	0° 00'	27° 54'	57° 48'	90° 00'	122° 11'	152° 06'	180° 00'
2°	0° 55'	28° 51'	58° 51'	91° 06'	123° 04'	153° 03'	180° 55'
3°	1° 50'	29° 49'	59° 54'	92° 10'	124° 16'	154° 00'	181° 50'
4°	2° 45'	30° 46'	60° 57'	93° 17'	125° 18'	154° 57'	182° 45'
5°	3° 40'	31° 44'	62° 00'	94° 22'	126° 28'	155° 54'	183° 40'
6°	4° 35'	32° 42'	63° 03'	95° 27'	127° 22'	156° 51'	184° 35'
7°	5° 30'	33° 40'	64° 06'	96° 33'	128° 24'	157° 48'	185° 30'
8°	6° 25'	34° 39'	65° 09'	97° 38'	129° 25'	158° 45'	186° 25'
9°	7° 20'	35° 37'	66° 13'	98° 43'	130° 26'	159° 41'	187° 20'
10°	8° 15'	36° 36'	67° 17'	99° 48'	131° 27'	160° 37'	188° 15'
11°	9° 11'	37° 35'	68° 21'	100° 53'	132° 27'	161° 33'	189° 11'
12°	10° 06'	38° 34'	69° 25'	101° 54'	133° 28'	162° 29'	190° 06'
13°	11° 01'	39° 33'	70° 29'	103° 03'	134° 29'	163° 25'	191° 01'
14°	11° 57'	40° 32'	71° 33'	104° 08'	135° 29'	164° 21'	191° 57'
15°	12° 52'	41° 31'	72° 38'	105° 13'	136° 29'	165° 17'	192° 52'
16°	13° 48'	42° 31'	73° 43'	106° 17'	137° 29'	166° 12'	193° 48'
17°	14° 43'	43° 31'	74° 47'	107° 22'	138° 29'	167° 08'	194° 43'
18°	15° 39'	44° 31'	75° 52'	108° 27'	139° 28'	168° 03'	195° 39'
19°	16° 35'	45° 31'	76° 57'	109° 31'	140° 27'	168° 05'	196° 35'
20°	17° 31'	46° 32'	78° 02'	110° 35'	141° 26'	169° 54'	197° 31'
21°	18° 27'	47° 33'	79° 07'	111° 39'	142° 25'	170° 49'	198° 27'
22°	19° 23'	48° 43'	80° 10'	112° 43'	143° 24'	171° 45'	199° 23'
23°	20° 19'	49° 34'	81° 17'	113° 47'	144° 23'	172° 40'	200° 19'
24°	21° 15'	50° 35'	82° 22'	114° 51'	145° 28'	173° 35'	201° 15'
25°	22° 12'	51° 36'	83° 27'	115° 54'	146° 20'	174° 30'	203° 12'
26°	23° 09'	52° 38'	84° 33'	116° 57'	147° 18'	175° 25'	203° 09'
27°	24° 06'	53° 40'	85° 38'	118° 00'	148° 16'	176° 20'	204° 06'
28°	25° 03'	54° 42'	86° 43'	119° 03'	149° 14'	177° 15'	205° 03'
29°	26° 00'	55° 44'	87° 48'	120° 06'	150° 11'	178° 10'	206° 00'
30°	26°57'	56° 44'	88° 54'	121° 09'	151° 09'	179° 05'	206° 57'

Graus	Escorpião	Sagitário	Capricórnio	Aquário	Peixes
1°	207° 54'	237° 48'	270° 00'	302° 12'	332° 06'
2°	208° 51'	238° 51'	271° 06'	303° 14'	333° 03'
3°	209° 49'	239° 54'	272° 10'	304° 16'	334° 0'
4°	210° 46'	240° 57'	273° 17'	305° 18'	334° 57'
5°	211° 44'	241° 00'	274° 22'	306° 20'	336° 54'
6°	212 42'	242° 03'	275° 27'	307° 22'	337° 51'
7°	213° 40'	243° 06'	276° 33'	308° 24'	338° 48'
8°	214° 39'	244° 09'	277° 38'	309° 25'	339° 45'
9°	215° 38'	245° 13'	278° 43'	310° 26'	340° 41'
10°	216° 37'	246° 17'	279° 48'	311° 27'	341° 37'
11°	217° 36'	247° 21'	280° 53'	312° 27'	342° 33'
12°	218° 35'	248° 45'	281° 58'	313° 28'	343° 29'
13°	219° 34'	249° 29'	283° 03'	314° 29'	344° 25'
14°	220° 33'	250° 33'	284° 08'	315° 29'	345° 21'
15°	221° 22'	251° 38'	285° 13'	316° 29'	346° 17'
16°	222° 31'	252° 33'	286° 17'	317° 29'	347° 12'
17°	223° 31'	253° 47'	287° 22'	318° 29'	348° 08'
18°	224° 31'	254° 52'	288° 27'	319° 28'	349° 03'
19°	225° 31'	256° 57'	289° 31'	320° 27'	349° 59'
20°	226° 31'	258° 02'	290° 35'	321° 26'	350° 54'
21°	227° 32'	259° 07'	291° 39'	322° 25'	351° 40'
22°	228° 33'	260° 12'	292° 43'	323° 24'	352° 45'
23°	229° 33'	261° 17'	293° 47'	324° 23'	353° 40'
24°	230° 34'	262° 22'	294° 51'	325° 21'	354° 35'
25°	231° 35'	263° 27'	295° 54'	326° 20'	355° 30'
26°	232° 36'	264° 33'	296° 57'	327° 18'	356° 25'
27°	233° 38'	265° 38'	298° 00'	328° 16'	357° 28'
28°	234° 42'	266° 43'	299° 03'	329° 14'	358° 25'
29°	235° 44'	267° 48'	300° 06'	330° 11'	359° 05'
30°	236° 46'	268° 54'	301 ° 09'	331° 09'	360° 00'

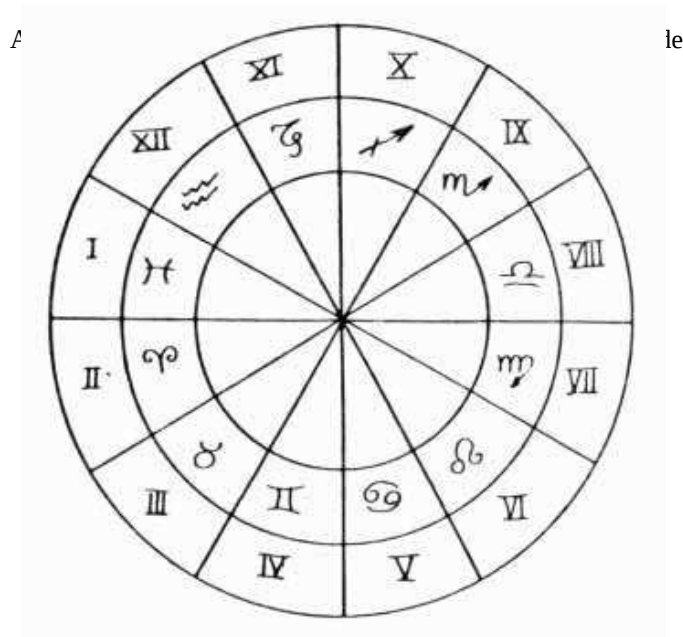
Na primeira coluna (graus do signo) procuramos o 16° grau. Seguindo a linha horizontal até à 8ª coluna, de Gêmeos, anotemos o número inscrito: 73°43', que nos dá o grau do ciclo solar.

2° Calculamos a ascensão reta com a ajuda da hora de nascimento do Pedro: 12 horas que vamos traduzir em minutos para facilitar o cálculo 12 h = 720 minutos. Como 1 grau = 4 minutos, 720 minutos: 4 = 180 graus.

3° Juntamos os graus do ano do ciclo solar 73°43' aos graus do dia 180°; obtemos 73°43' + 180° = 253°43'. No quadro das ascensões retas procuramos o número 253°43', ou o que mais se aproxima e encontramos 253°47'. Em face deste número, que está situado na coluna Sagitário, notamos que o grau do signo em questão é 17°.

Daí concluímos que a décima Casa solar começa no 17° grau de Sagitário.

4° Orientemos o zodíaco. Sabendo que a Casa X começa a 17 graus de Sagitário, obtemos o seguinte esquema:



Aquário, a Casa I a 13° de Peixes, a Casa II a 17° de Áries, a Casa III a 13° de Touro, a Casa IV a 17° dos Gêmeos, a Casa V a 13° do Câncer, a Casa VI a 17° de Leão, a Casa VII a 13° da Virgem, a Casa VIII a 17° da Libra e a Casa IX a 13° do Escorpião.

Colocação dos planetas

Agora que já orientamos o zodíaco, resta-nos colocar os planetas nos signos que lhe pertencem. Será do seguinte modo:

1° Começamos por situar o planeta do *Mestre do dia* na sua casa. Aqui, no exemplo do Pedro, trata-se do planeta Júpiter, cujo domicílio é na constelação de Sagitário. No nosso zodíaco inscrevemos o símbolo de Júpiter no Sagitário.

2° O *Mestre da hora* situar-se-á naturalmente na constelação que corresponde à hora. Com efeito, é fácil ver que entre os 12 signos e as 24 horas de rotação da Terra, cada constelação preside durante 2 horas. Eis o quadro:

CONSTELAÇÃO	HORAS	CONSTELAÇÃO	HORAS
Áries	06-08 manhã	Libra	18-20 tarde
Touro	08-10 manhã	Escorpião	20-22 noite
Gêmeos	10-12 manhã	Sagitário	22-24 noite
Câncer	12-14 tarde	Capricórnio	24-02 manhã
Leão	14-16 tarde	Aquário	02-04 manhã
Virgem	16-18 tarde	Peixes	04-06 manhã

No exemplo em causa, situaremos Saturno no signo de Gêmeos (10-12 horas).

3° O *Mestre do decanato* terá lugar no zodíaco da constelação à qual pertence. No caso de Pedro, o decanato do nascimento presidido por Marte é o 2° decanato de Gêmeos, portanto colocamos o planeta Marte em Gêmeos.

4° O planeta que preside ao *dia da concepção* será sempre colocado na constelação de origem. No caso de Pedro, o planeta-Mercúrio será colocado no seu domicílio em Virgem.

5° O *decanato que cobre o dia da concepção* verá o seu planeta situado na constelação à qual o decanato pertence. Aqui, Vênus será colocado em Virgem.

6° O *planeta que rege a fração do decanato do dia da concepção* será sempre colocado na constelação à qual a fração do decanato pertence. Aqui, Júpiter será colocado em Virgem.

7° O planeta que governa o período situado entre o 18° e o 25° dia após a concepção será situado na sua constelação. No caso de Pedro, Vênus será colocado no seu domicílio do signo da Libra.

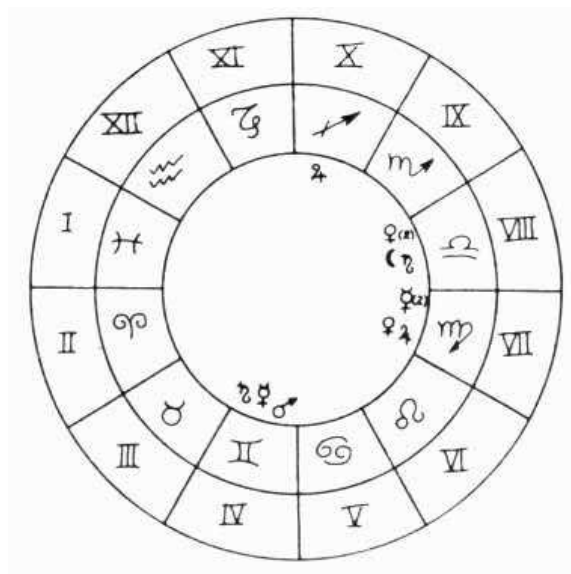
8° O decanato que cobre o período do 18° ao 25° dia após a concepção verá o seu planeta mestre colocado na constelação à qual pertence. Aqui, a Lua será colocada em Libra.

9° As frações de decanato que cobrem o período compreendido entre o 18° e o 25° dia após a concepção, terá o seu (ou os seus) planeta(s) colocado na constelação à qual ele (ou eles) pertence(m). Aqui, Saturno e Vênus serão colocados em Libra.

10° O planeta que rege o signo ascendente será colocado na constelação onde tem o seu domicílio. No caso de Pedro, Mercúrio será colocado no signo da Virgem.

11° Finalmente, o planeta que rege o signo do nascimento do indivíduo junta-se naturalmente à constelação que lhe serve de domicílio. Sobre o zodíaco de Pedro, Mercúrio ocupará o signo dos Gêmeos.

O esquema astral de Toth, que diz respeito a Pedro (o nosso exemplo), está completo e tem a seguinte reprodução:



Regras a seguir

Para finalizar a interpretação do esquema astral de Toth, resta-nos ver e compreender duas teorias essenciais: são as teorias dos aspectos e das dignidades.

No Capítulo III vimos como as influências dos planetas se podiam reforçar, opor ou anular. O estudo dessas influências, cujas interações são complexas, chama-se a teoria dos aspectos.

Teoria dos aspectos

Os aspectos principais são cinco:

A conjunção — Determina a situação de dois planetas que ocupam o mesmo signo zodiacal e no mesmo grau de longitude da eclíptica.

Na conjunção, as influências de dois planetas reforçam-se mutuamente. O aspecto será excelente se os planetas em presença são benéficos e, bem entendido, de temer, se os planetas são maléficos. Os planetas neutros atenuam as influências e o aspecto é praticamente considerado como nulo.

Diferentes conjunções favoráveis:

Sol e Júpiter — aspecto excelente. Significa o triunfo bem controlado. O sucesso, graças à lealdade e à retidão. O poder pleno de bondade.

Júpiter e Lua — aspecto benéfico. Significa orientação das ações para a imaginação fértil e bem controlada, sem que o bom sentido e a razão faltem. O sentimento do dever e da retidão estará sempre presente na imaginação criativa.

Sol e Marte — aspecto benéfico porque o Sol o estende sobre Marte, julgado maléfico. Significa a coragem militar que leva ao sucesso visando e atingindo o poder sobre as conquistas.

Júpiter e Marte — mesmo aspecto benéfico apesar das características de Marte. Significa a sabedoria, a retidão, o dever que sabe utilizar a força convenientemente; o que pode significar a luta por um ideal ou a operação cirúrgica que salva ou cura.

Diferentes conjunções maléficas:

Marte e Saturno — aspecto muito mau. Significa o empenhamento no mal brutal ou, se Saturno domina, o arrastamento para a dissimulação dos maus sentimentos do indivíduo.

Mercúrio e Vênus — aspecto ambíguo, desfavorável. Significa um destino em dente de serra que oscila entre o bem e o mal. Será também mais a dor, o sofrimento, do que a alegria e o prazer. Mas talvez não seja mais do que a tradução, num indivíduo, da sua benevolência um pouco exaltada e exuberante e da sua necessidade de seduzir, de agradar e de ser estimado em troca. Este aspecto revela a versatilidade dos sentimentos, das promessas e a dependência da palavra que tanto pode ser loquaz e estéril como dinâmica e ativa.

A oposição — Determina a posição de dois planetas diametralmente opostos no círculo zodiacal.

Resumo das oposições possíveis:

Áries nos antípodas da Libra; Touro nos antípodas do Escorpião; Gêmeos opostos a Sagitário; Câncer nos antípodas do Capricórnio; Leão nos antípodas de Aquário; Virgem nos antípodas de Peixes.

Exemplo: o astro situado no 17° grau de Sagitário estará nos antípodas dum astro colocado no 17° grau dos Gêmeos.

Na oposição, as influências de dois planetas benéficos agem como se os dois astros em conjunto não possuíssem senão uma reduzida influência benéfica (Toth afirmava que eles conservavam 1/7 da sua força).

Em todos os casos onde a oposição de dois planetas se verifica com um benéfico e outro maléfico, é sempre este último que predomina, embora com uma atenuante do benéfico.

Exemplo: Marte em oposição a Júpiter. Significa que o sujeito estará sob a influência de Marte, isto é, sob o domínio da violência, da cólera, da agressividade, mas todas estas manifestações serão motivadas, apesar de tudo, por um sentimento de honra e de retidão. Nos seus piores excessos, o indivíduo permanecerá acessível à lealdade.

O trígono — Determinado por um triângulo equilátero inscrito no grande círculo da eclíptica cujo mio forma o lado do triângulo.

Significação: os aspectos do trígono são semelhantes aos da conjunção mas, no entanto, ligeiramente atenuados, seja para bem ou para mal.

A quadratura — Determinado por um quadratura inscrito na eclíptica cujo raio forma o lado da quadratura, isto é, a quadratura forma um ângulo ao centro de 90 graus.

Os aspectos da quadratura são idênticos aos apresentados pela oposição, tanto em bem como em mal.

O sextil — Determinado por um ângulo ao centro da eclíptica de 60 graus.

Os aspectos do sextil são semelhantes aos da conjunção, mas ligeiramente atenuados, tanto em bem como em mal.

Teoria das dignidades

As dignidades são quatro:

Dignidade de domicílio: Toth, que tinha o hábito de conferir aos astros comportamentos humanos e, por reciprocidade, concebia que o comportamento do homem era idêntico ao dos astros, pensava muito simplesmente que cada planeta, no seu curso ao longo da eclíptica, visitava este ou aquele signo e recebia todas as vezes um acolhimento diferente.

A dignidade de domicílio determina a constelação que parece ser a mais acolhedora para um planeta ou, também, aquela onde ele exerce melhor a sua influência. O quadro dos domicílios figura no Capítulo III.

Dignidade de exaltação: determina a constelação na qual a influência de um planeta, para bem ou para mal, parece superexcitada.

Dignidade de queda: determina a constelação oposta à da exaltação; para um planeta cuja influência se encontra assim atenuada, significa que a sua influência benéfica diminui sensivelmente e, em contrapartida, a sua influência maléfica aumenta.

Dignidade de exílio: determina a posição de um planeta que se situa no signo oposto ao do seu domicílio natural. A sua influência, boa ou má, encontra-se assim fortemente enfraquecida.

Leitura do esquema astral de Toth

Vamos tentar soltar os agrupamentos de planetas que figuram sobre a eclíptica zodiacal, tendo em conta os aspectos e as dignidades específicas do tema escolhido para exemplo.

Para maior comodidade, começaremos por decompor o esquema astral de Pedro nos seus aspectos, depois nas suas dignidades e por fim estabeleceremos um quadro das posições dos planetas nas Casas.

Os aspectos

Conjunção: Mercúrio (2), Vênus e Júpiter no mesmo signo de Virgem. Vênus (2), Lua e Saturno no mesmo signo de Libra. Mercúrio, Saturno e Marte no mesmo signo de Gêmeos. Desenvolveremos depois as conjunções em:

- *Benéficas*: Vênus (2) e Lua. Júpiter e Vênus. Júpiter e Mercúrio (2).
- *Ambíguas*: Mercúrio (2) e Vênus. Lua e Saturno. Vênus (2) e Saturno.
- *Maléficas*: Saturno e Marte. Saturno e Mercúrio.

Oposição: se o leitor acha que a definição de oposição é demasiado complexa, pode considerar que há oposição sempre que planetas se encontram em dois signos diferentes separados por outros cinco signos. No caso estudado, Júpiter (em Sagitário na Casa X) está em oposição a Saturno, a Mercúrio e a Marte (em Gêmeos na Casa IV). Há pois cinco signos entre eles (Escorpião, Libra, Virgem, Leão e Câncer).

Este aspecto é sempre perigoso porque dá origem a conflitos, choques, potenciais contradições que não se manifestam à luz do dia, mas que tomam a situação do consulente desagradável, difícil de viver e que provocam problemas latentes ou crônicos.

Trígono: quando dois signos do zodíaco, contendo planetas, estão separados por outros três signos, o aspecto diz-se em trígono e transmite sempre situações benéficas e favoráveis. As influências dos planetas em trígono convergem e reforçam-se sobre os mesmos objetivos.

No exemplo em causa, Saturno ou a Lua ou Vênus (2) (em Libra na Casa VIII) estão em trígono com Saturno ou Marte ou Mercúrio (em Gêmeos na Casa IV).

Quadratura: os planetas situados em dois signos diferentes separados por outros dois signos constituem um aspecto em quadratura. Surgirão problemas, situações conflituosas não diretamente na vida do consulente mas no ambiente que o rodeia. Essas crises são sempre violentas mas breves e podem trazer soluções, revelações positivas, uma vez terminadas. É a bonança da tempestade.

No nosso exemplo, Júpiter (em Sagitário na Casa X) está em quadratura com Júpiter, com Vênus e Mercúrio (2) (em Virgem na Casa VII) e estes estão em quadratura com Saturno, Marte e Mercúrio (em Gêmeos na Casa IV).

Sextil: os planetas situados em dois signos diferentes que estão separados por um só signo, formam um sextil. O aspecto é considerado bastante favorável.

No caso de Pedro, Júpiter (em Sagitário na Casa X) está em sextil com Saturno, Lua e Vênus (2) (em Libra na Casa VIII).

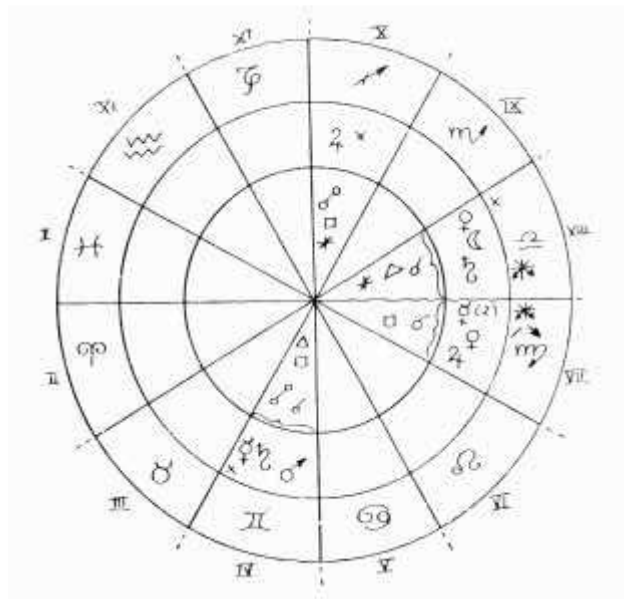
As dignidades

Domicílio: aqui, Júpiter está em domicílio no Sagitário. Mercúrio em domicílio em Gêmeos. Vênus (2) está em domicílio em Libra.

Exaltação: aqui, Mercúrio (2) está em exaltação em Virgem. Saturno, também em Libra.

Quedas: aqui, Vênus está em queda em Virgem.

Exílios: no esquema astral do exemplo, nenhum planeta está em exílio. Obteremos o seguinte esquema astral de Toth no exemplo que respeita a Pedro:



Quadro dos agrupamentos planetários nas Casas

Este quadro permite notar, em face de cada Casa do esquema astral dado como exemplo, a constelação que com ela está relacionada, assim como os eventuais planetas aí situados. Serão tomados em conta os aspectos e as dignidades.

CASAS	CONSTELAÇÕES	DIGNIDADES	PLANETAS	ASPECTOS
I	Peixes	—	—	—
II	Áries	—	—	—
III	Touro	—	—	—
IV	Gêmeos	◦	Saturno Mercúrio Marte	
V	Câncer	—	—	—
VI	Leão	—	—	—
VII	Virgem		—	—
VIII	Libra		—	—
IX	Escorpião	—	—	—
X	Sagitário	◦	—	
XI	Capricórnio	—	—	—
XII	Aquário	—	—	—

LEGENDA:

Conjunção		Oposição		Trígono	
Quadratura		Sextil		Domicílio	
Exaltação		Queda		Exílio	

As carências

O sacerdote Toth parecia pensar que a ausência de um planeta num tema tinha quase tanta importância como a sua presença. Preconizava a consulta das carências de planetas no esquema astral para descobrir nelas o seu aspecto negativo. Damos seguidamente as significações mais vulgarmente admitidas:

PLANETAS EM CARÊNCIA	SIGNIFICAÇÃO DA CARÊNCIA DO PLANETA
Sol	A elevação social está comprometida ou é nula. Em contrapartida o sujeito não se arrisca a queda social. Vida isenta de altos e baixos muito acentuados.
Marte	O sujeito não dará provas de grande temeridade nem de particular coragem. Nada de ações brutais. Pouca agressividade na luta pela vida. Timidez. Limitado risco de acidentes ou de ferimentos graves. Operações cirúrgicas insignificantes.
Saturno	Poucas ou nenhuma doenças graves ou perniciosas. Vida isenta de ações indignas, assim como de grandes contrariedades. Reflexão cuidadosa, fraca concentração de espírito. Pouca prudência e previsão.
Vênus	Caráter frio ou temperamento pouco afetuoso. Pouco dado a caprichos ou fantasias. Poucas paixões sexuais. Não terá nem despertará verdadeiro amor.
Júpiter	Personalidade mole, sem energia, sem firmeza. Caráter maleável, fácil de conduzir. Sugestionável.
Mercúrio	Espírito pesado, pouco brilhante. Nada de atitudes na vida ativa ou nas relações comerciais. Silencioso, sem eloquência. Pouco persuasivo. Praticamente impermeável às intrujices.

No esquema astral de Toth, estabelecido em nome do Pedro, notamos uma carência, a do Sol. Podemos igualmente observar carências em planetas, em certas Casas do seu esquema astral. Essas carências significam, principalmente, que o consulente possui liberdade de escolha, no quadro dado para as casas consideradas em carência, para fazer o que lhe agrada, para bem ou para mal, sem sofrer influências.

Notamos carências de planetas nas Casas I, II, III, V, VI, IX, XI e XII.

Interpretação divinatória do esquema astral de Toth

Para interpretar as informações dadas em cada Casa devemos ter em conta o planeta mestre da constelação que preside na Casa em questão. Por exemplo: Casa III. Constelação de Touro. Vênus — o planeta que rege o signo de Touro — que ocupa esta casa no caso de Pedro, dá ao sujeito a doçura e a tolerância nas relações com a sua família.

No caso do exemplo escolhido, eis a interpretação do esquema astral de Pedro:

Casa I: os Peixes (Saturno). Esta Casa dá informações sobre a vida *filosófica* do sujeito, sobre as suas forças mentais, sobre a sua própria afirmação.

Pedro sente-se constrangido fisicamente e moralmente. Dá provas de muita paciência e de vontade dispersa. Tem tendência a abster-se, a fim de se preservar. Tem o sentido do tempo que passa e da sujeição a um destino fatal.

Casa II: Áries (Marte). Esta Casa dá informações sobre as riquezas. São as necessidades do consultante e, sobretudo, os meios que ele aciona para os satisfazer.

A presença do Áries obriga Pedro a enfrentar a vida como uma luta e obterá dinheiro à força dos pulsos. O dinheiro não lhe interessa em si mesmo, mas sim pelo que representa de esforços e de imolação. Os seus ganhos serão sempre bem merecidos a seus olhos, pois ele avaliá-los-á em função da energia despendida. Pedro correrá riscos neste domínio e, por esse motivo, andará algumas vezes sobre a «corda bamba».

Casa III: Touro (Vênus). *Os irmãos e as irmãs, os amigos e as relações.* Tendência a ver a vida pelo lado rosa e a gostar das artes e jogos de espírito. As relações de Pedro são cheias de calma e doçura... exceto quando as coisas vão mal... Pedro pode então ser muito duro ou... muito sentimental, quase choramingas e cair no melodramático.

Casa IV: Gêmeos (Mercúrio). *A família, o círculo íntimo.*

Pedro terá a tentação do adultério, mas não o cometerá (quadratura com Mercúrio). Dá provas de diplomacia nas relações familiares. Tendência a dividir inteligentemente para governar. Conhece a arte da fraternidade. A conjunção Mercúrio-Saturno faz com que prefira a

solidão à má atmosfera familiar. Pedro evita as explosões, as disputas familiares. A conjunção com Marte dá a Pedro a possibilidade de proteger a sua família com firmeza. Grande força de caráter neste domínio. A oposição a Júpiter deixa prever que o patrimônio familiar não será próspero. O trígono com a Lua dá a Pedro uma tendência para viver em boêmia no seio da família. Ser-lhe-á difícil enraizar-se em qualquer parte. Ele sente a necessidade de viver tranquilamente sem preocupações.

A quadratura com Vênus dá-lhe ligações fraternais e afetivos muito fracas, de pouca força. Pedro não conhecerá a verdadeira «voz do sangue». A quadratura com Mercúrio permitirá a Pedro resistir à sua fundamental inconstância.

Casa V: Câncer (Lua). O amor, a força do desejo, a plenitude dos sentidos.

Pedro dá provas duma força imaginativa fecunda e duma plasticidade criadora. A sua imaginação fá-lo sonhar a sua vida no domínio das aventuras romanescas. Evita a todo o custo a seriedade e o trabalho e prefere a fantasia e a indiferença. Esta tendência empurra-o para os prazeres.

Casa VI: Leão (Sol). A saúde.

Pedro terá uma vida saudável e regular, sem pôr a sua saúde em perigo devido a excessos. Vive ao seu próprio ritmo. Para ele a saúde passa pelo trabalho, mas trabalho a seu gosto. Pedro procura a independência.

Casa VII: Virgem (Mercúrio). Casamentos, contratos, no que respeita aos outros.

Pedro vive em convivência com as suas relações mais do que por laços de força. Mostra-se um hábil intermediário nas transações ou no comércio de idéias e de informações. Terá tendência a ser porta-voz do seu grupo e assumirá as inerentes responsabilidades. A quadratura com Mercúrio não evita ter de se proteger quando da tomada de posição em nome do seu grupo social. A quadratura com Marte produz algumas relações baseadas na imolação, no zelo e na concorrência, nas quais Pedro não terá sempre o melhor papel (estará à mercê de ciúmes e de suspeitas). A quadratura com Vênus pode levar Pedro a não aplainar as dificuldades nas relações pela doçura ou pela amizade. Arrisca-se então a algumas rupturas.

Casa VIII: Libra (Vênus). Mortes, lutos, guerras e processos.

Pedro prefere sofrer as amarguras sem vacilar, em lugar de se debater e tudo destruir. E a cana que verga mas não parte. Perante as dificuldades, os lutos, os processos, espera que tudo passe e demonstra mais abandono do que espírito combativo. O trígono com Marte permitir-lhe-á levar os seus processos e dissabores a um termo sem clamor e com paciência. O tempo trabalha para ele e atenua os seus desgostos e as suas dificuldades.

O trígono em Mercúrio permite-lhe não ser submetido a prejuízos e olhar o mundo com novos olhos. Pedro é perspicaz e intuitivo. Para ele, «a noite é conselheira». A sua curiosidade intelectual empurra-o para se colocar ao corrente de tudo. A atualidade é a sua mania.

Casa IX: Escorpião (Marte). A intelectualidade, os sonhos...

O domínio sexual tem uma grande importância para Pedro que o encara como um desporto ou uma competição. O prazer da conquista conta mais do que o prazer do ato em si próprio. Tocar, apalpar uma matéria nobre (madeira) ou aveludada (estofa) proporciona-lhe um prazer quase sexual. Terá o gosto pelas ciências ocultas, admirando-se com as visões de premonição. Gostará de viajar para longe e em países desconhecidos, mesmo perigosos. O gosto pelo perigo dá sabor à sua vida.

Casa X: Sagitário (Júpiter). Dignidades, consideração social.

Pedro dá provas de otimismo e de segurança. O seu julgamento é são, a sua honradez reconhecida. Pedro pode tomar responsabilidades sociais na administração, na política, no sacerdócio ou na magistratura. Possui grandes facilidades intelectuais o que, paradoxalmente, o pode prejudicar: pode não querer fazer senão o que é preciso para ser bem sucedido.

Casa XI: Capricórnio (Saturno). Amigos, relações sociais.

Pedro não faz nada que não seja refletido, pensado, calculado. O seu espírito é providente e sério... aos olhos dos seus amigos que o julgam seco, sem espontaneidade, frio e pouco acessível. Aliás, os seus amigos serão raros mas fiéis.

Casa XII: Aquário (Júpiter). Inimigos.

Pedro demonstra compreensão em face dos seus inimigos que ele praticamente não possui. Mas Pedro experimenta a necessidade de conhecer bem todos os que o rodeiam. A sua divisa «conhecer para

compreender», permite-lhe evitar incompreensão e falsas-caras. A sua vida será pouco semeada de emboscadas marcantes.

Acabamos de interpretar no pormenor das Casas o esquema astral de Toth. Pedro já nos é mais familiar. Mas resta-nos prever o que será a sua vida ou, mais exatamente, o que foi a sua vida (ele nasceu em 1929!).

As grandes linhas da sua existência aparecem claramente na leitura do seu esquema astral.

A vida do sujeito não será um exemplo de minas, de ingratidões, de desconfianças destrutivas da parte das suas relações profissionais (presença de Peixes na Casa I).

Determina-se que o sujeito deverá ganhar a sua vida à custa do suor do seu rosto e só ficará devendo aos seus méritos a situação que alcançar. Dará provas de energia e de vontade inteligente, cada vez que lhe seja preciso adquirir bens (presença de Áries na Casa II).

As suas relações com os seus irmãos e irmãs e com todos aqueles que gravitam sob as suas ordens serão plenas de gentileza e simplicidade. A perseverança do sujeito fará maravilhas neste domínio. Não somente ele se entenderá bem com eles, mas saberá conduzi-los para os trazer à sua causa. A quadratura com Mercúrio mostra um toque de crueldade mental que o sujeito infligirá àqueles que ama (presença de Touro na Casa III).

O consulente não terá ligações muito enraizadas no meio familiar e o entendimento será superficial mas bom. Terá o amor dos filhos e saberá como proceder com eles (presença dos Gêmeos na Casa IV e do Câncer na V).

A saúde de Pedro será boa, pois ele saberá viver ao seu ritmo, sem excessos (presença do Leão na Casa VI).

Os contratos nunca serão de grande monta. As associações que o consulente será levado a contactar serão do campo das economias ou da poupança. O sujeito gostará de ter »promoções» mesmo que elas não lhe tragam nada. Poderá entrar para a administração onde levará uma carreira de trabalho banal, sem perspectivas de avanço espetacular. Corre o risco de mudar várias vezes de emprego (presença de Virgem na Casa VII).

Na vida de Pedro não haverá muitos lutos, miséria ou desgostos. Passará através de todos os dissabores, manifestando moderação de sentimentos, sabedoria, e demonstrará um bom equilíbrio das suas faculdades (presença da Libra na Casa VIII).

A sua vida decorrerá num espírito de procura e de empreendimento, sem altos nem baixos, mas com assiduidade (presença do Sagitário na Casa X).

Pedro terá poucos mas verdadeiros amigos e preferirá a solidão. Os seus amigos estimá-lo-ão sempre e ajudá-lo-ão a alcançar certas dignidades sociais (presença do Capricórnio na Casa XI).

Quanto aos seus inimigos, saberá compreendê-los e isso desarmá-los-á, deixando-os à sua mercê. Beneficiará para isso do apoio de pessoas influentes (presença do Aquário na Casa XII).

Acrescentemos que a carência do Sol deve provar serem certas as previsões, pois se esta carência não aparece na interpretação, significa que os presságios estão errados.

Controlemos a interpretação: a carência do Sol indica um destino sem realce nem elevação e podemos concluir que será uma vida calma, tranqüila, sem honras nem glórias, mas na qual o consulente será obrigado a despendar muita energia para ganhar a vida. A sorte de mão beijada não estará pelo seu lado; só o seu trabalho será a fonte de rendimento.

Esta carência confirma a primeira interpretação.

Uma segunda maneira de tirar a prova de que as previsões estão certas, é aplicar os ensaios dos esquemas astrais a pessoas suficientemente idosas para que se possa controlar o fundamento das previsões com os acontecimentos e as situações de fato ocorridas e que marcaram a vida do consulente.

A título de informação suplementar, seguem-se algumas significações resumidas que têm os signos nas Casas:

- 1 — *Áries*: combatividade, energia, força inteligente.
- 2 — *Touro*: trabalho regular, perseverança.
- 3 — *Gêmeos*: amor às crianças e aos inferiores. Intelectualidade.
- 4 — *Câncer*: má influência sobre a constituição física. Mudanças, retrocesso.
- 5 — *Leão*: generosidade, espontaneidade de sentimentos. Força.
- 6 — *Virgem*: poupança, economia, aptidão para a administração. Espírito de organização. Assiduidade.
- 7 — *Libra*: ponderação, lealdade, sabedoria, justiça, moderação. Equilíbrio das faculdades.
- 8 — *Escorpião*: lutas, rixas, processos, ciúmes.
- 9 — *Sagitário*: espírito de procura e de empreendimento. Entusiasmo na atividade.

10 — *Capricórnio*: procura e obtenção de honras, de consideração, de credibilidade. Amigos pouco numerosos.

11 — *Aquário*: relações sociais. Proteções. Esperança de cargo vantajoso.

12 — *Peixes*: catástrofes, mina, ingratidões, desconfianças.

**Conhecer
Melhor**

Uma colecção sem fronteiras temáticas

A ASTROLOGIA EGÍPCIA

O presente livro de François Suzzarini ajudá-lo-á a traçar o esquema astral de Thot, que leva simultaneamente em conta todas as influências:

- os biorritmos (cronobiologia e relógio cósmico);
- os planetas e a sua incidência na vida dos homens;
- os signos do zodíaco;
- a importância dos decanos, das triplicidades e das quadruplicidades;
- a teoria das carências, etc.

Os espantosos conhecimentos astrológicos dos antigos Egípcios — que recentes descobertas arqueológicas vieram definitivamente confirmar — permitir-lhe-ão estabelecer o seu horóscopo com absoluto rigor, e interpretá-lo sem erro.